

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



SUBMERSO NA GARAGEM

OBJETO CONFERENTE DE GRAU:

ESTÁGIO PROFISSIONAL COM RELATÓRIO DE ESTÁGIO

MESTRADO EM TEATRO – ESPECIALIZAÇÃO EM
INTERPRETAÇÃO

Ivo João Melo Missionário

Lisboa, Outubro 2015

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

SUBMERSO NA GARAGEM

ESTAGIÁRIO COMO ATOR NO TEATRO DA
GARAGEM

Ivo João Melo Missionário

Relatório de Estágio submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro – Especialização em Interpretação, realizado sob a orientação científica de Carlos J. Pessoa, Professor Orientador.

Lisboa, Outubro 2015

*“O facto de existires faz-me ver o
mundo de outra maneira”*

Carlos J. Pessoa

Um muito obrigado a toda a equipa do Teatro da Garagem que trabalhou comigo e tanto me ensinou: Carlos J. Pessoa, Maria João Vicente, Nuno Pinheiro, Nuno Nolasco, Maria Leite, Ana Palma, Francisca Moura, Beatriz Godinho, Miguel Mendes, Miguel Stichini, Daniel Cervantes, Sérgio Loureiro e João Belo.

Aos meus colegas de Mestrado, em especial: José Mateus, Anaísa Raquel e Ruy Malheiro.

Agradeço também a todos os docentes e amigos que me acompanharam durante toda a minha formação.

Por fim, mas não menos importante, a toda a minha família que sempre me apoiou nesta escolha de vida tão arriscada, em especial à minha mãe, Fátima Melo e à minha avó, Belmira Missionário.

Dedico todo este meu trabalho prático e escrito ao meu amigo, falecido, Mauro Alves.

Resumo

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular, Estágio Profissional com relatório Final, do 2º ano do Mestrado em Teatro, Especialização Artes Performativas – Interpretação, da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa.

Apresenta o desenvolvimento e a realização do estágio realizado na Companhia Teatro da Garagem que consistiu no trabalho como ator no Espetáculo *Teatro-Twitter*, que esteve em cena de 13 de Novembro de 2014 a 7 de Dezembro de 2014, e também como ator no Espetáculo *Finge*, em *Stagione 2014/2015 Expo – Prémio Internazionale “il teatro Nudo” Di teressa Pomodoro*, no *Spazio No’hma* nos dias 11 e 12 de Fevereiro, e no Teatro Taborda de dia 20 a 22 de Fevereiro.

Além da breve introdução aos 25 anos do Teatro da Garagem, este relatório é composto por dois capítulos, um relativo ao *Teatro-Twitter*, onde abordo o uso dos media por parte da companhia e relato o processo de trabalho realizado, e o outro relativo ao Espetáculo *Finge*, onde mais uma vez, relato o processo de construção deste mesmo Espetáculo, relacionando a sua temática com aspectos da obra da fotógrafa Nan Goldin.

Este relatório dá conta das minhas vivências e reflexões enquanto ator da Companhia Teatro da Garagem

Palavra Chave: Amor, Fingir, Intermedialidade, Interpretação, Teatro, Teatro da Garagem e Vídeo

Abstract

This report was written as part of the Curricular Unit, Professional Internship with Final Report, of the second year of the Masters in Theatre, Performing and Interpretation Arts Specialization of Escola Superior de Teatro e Cinema in Lisbon.

It presents the development and the accomplishment of the internship held at the Teatro da Garagem Company which comprised in working as an actor in the Show *Teatro-Twitter*, which has been on scene from 13th of November of 2014 until 7th of December of 2014, and also as an actor in the show *Finge* in *Stagione 2014/2015 Expo - Prémio Internazionale" il teatro Nudo "Di Pomodoro teresa* at *Spazio No'hma* on 11th and 12th of February, and at the Taborda Theatre from 20th to 22nd of February.

In addition to the brief introduction to the 25th anniversary of the Garage Theatre, this report consists of two chapters, one for the *Teatro-Twitter*, where I approach the use of the media by the Company and report the work process, and the other to the Show *Finge*, where once again, I report the construction process of this show in a personal way and approach the photographs of Nan Goldin, because they have the same theme of this show.

It is clear that this report turns out to be a personal document of my presence as an actor of the Garage Theatre Company.

Keyword: Love, Pretend, Intermediality, Interpretation, Theatre, Teatro da Garagem and Video

Índice

Resumo	5
Abstract	6
Índice	7
Introdução	8
1. Teatro da Garagem e os 25 anos	11
2. <i>Teatro-Twitter</i>	12
2.1. Processo de Trabalho	14
2.2. Recurso aos media	17
3. <i>Finge</i>	20
3.1. Processo de trabalho	23
3.2. Nan Goldin em <i>Finge</i>	27
Conclusão	28
Referências Bibliográficas	34
Anexos	35

I - Texto *Teatro-Twitter* de Carlos J. Pessoa

II - Registos Fotográficos de *Teatro-Twitter*

III - Texto Folhas de Sala do Espetáculo *Teatro-Twitter*

IV - Dossier de Imprensa do Espetáculo *Teatro-Twitter*

V - Texto *Finge* de Carlos J. Pessoa

VI - Registos Fotográficos de *Finge*

VII - Texto Folhas de Sala do Espetáculo *Finge*

VIII - Dossier de Imprensa do Espetáculo *Finge*

IX - Registo Fotográfico: *Ballad of Sexual Dependency* de Nan Goldin

Introdução

No âmbito do 2º ano do Mestrado em Teatro, Especialização em Artes Performativas – Interpretação, Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), propus-me à realização de um Estágio Profissional com Relatório Final.

Optei por um estágio porque pretendia adquirir mais experiência enquanto ator e compreender como funcionaria uma Companhia Profissional, além de que, o meu principal objetivo ao inscrever-me neste Mestrado, para além de querer aprender, foi o de estabelecer contactos, rotinas e, assim, passar a fazer parte do meio artístico da cidade de Lisboa. Assim, pretendia consolidar os conhecimentos adquiridos durante o curso de Licenciatura em Teatro e Artes Performativas da Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro (UTAD), bem como todas as competências adquiridas no curso de Mestrado, da ESTC, numa prática profissional efetiva.

O estágio foi realizado na Companhia Teatro da Garagem no período de 6 de Outubro a 7 de Dezembro de 2014, no Teatro Taborda, com o espetáculo *Teatro-Twitter*, escrito e encenado por Carlos J. Pessoa e de 6 de Janeiro a 22 de Fevereiro de 2015, com o espetáculo *Finge*, também escrito e encenado por Carlos J. Pessoa, apresentado no *Prémio Italiano Il Teatro Nudo di Teresa Pomodoro*, em Itália, Milão, no *Spazio NO'HMA* e mais tarde no Teatro Taborda, nos quais trabalhei essencialmente como ator.

Em todo este processo de aprendizagem contei com a orientação do Professor Carlos J. Pessoa.

A seleção da instituição em que iria estagiar não foi de todo fácil, já que, atualmente, poucas são as companhias que trabalham com atores recém-formados pelas escolas formais. Os elencos das companhias profissionais são fixos e, habitualmente, é preferida a integração de atores que sejam fruto do trabalho formativo desenvolvido no interior das mesmas. A Companhia Teatro da Garagem vem contrariando esta tendência, já que é uma instituição que defende a partilha de conhecimento com diferentes gerações e modos de olhar o teatro.

O Teatro da Garagem surgiu como opção após conversa com o meu orientador e, por acaso, encenador e autor dessa mesma companhia. Evidentemente que o facto de ter

sido meu docente no 1º ano no Mestrado em Teatro, Especialização Artes Performativas – Interpretação, simplificou bastante o processo de escolha.

O presente relatório tem como finalidade dar a conhecer o trabalho desenvolvido e as competências adquiridas enquanto estagiário no Teatro da Garagem.

O título *Submerso na Garagem* surgiu de uma forma muito natural e curiosa. No primeiro mês, enquanto estagiário na companhia Teatro da Garagem, o Teatro Taborda encontrava-se em obras, devido a algumas fugas que existiam, ou seja, quando chovia, acabava por entrar alguma água dentro do Teatro e, para além disso, durante o espetáculo *Teatro-Twitter*, este terminava comigo a passar por debaixo da cascata que fazia parte do cenário. Tudo isto me remeteu para ideias que considero fundamentais. Para mim a água simboliza purificação, limpeza e até transformação. E foi isto que eu senti durante o meu percurso na Companhia Teatro da Garagem, em que entrei, fiquei submerso, coberto de água e mais tarde, após todo este percurso, surgiu renovado e metamorfoseado. Esta água e a cascata, para mim, acabaram por simbolizar conhecimento e crescimento, daí o título *Submerso na Garagem* me parecer o mais adequado.

Neste relatório será feita uma breve introdução à Instituição na qual estagiei e após isso serão desenvolvidos dois momentos distintos.

O primeiro momento destina-se à análise do Espetáculo *Teatro-Twitter* com uma ligeira introdução ao espetáculo e, após isso, a divisão em dois subtemas: o “Processo de trabalho” e “Recurso aos media” por parte da Companhia e nesse Espetáculo.

No “Processo de trabalho” abordarei o meu ponto de vista em relação aos ensaios e à forma como fui dirigido durante todo o processo criativo, fazendo algumas considerações sumárias em relação ao uso do vídeo em cena.

No subcapítulo, “Recurso aos media”, abordo o uso dos media e o conceito de intermedialidade, muito presente no Teatro da Garagem no Espetáculo e que constituiu a matriz formal de *Teatro-Twitter*, espetáculo comemorativo dos 25 anos do Teatro da Garagem.

O segundo momento destina-se à análise do Espetáculo *Finge*, onde será feita uma breve introdução ao espetáculo e, logo de seguida, tal como no momento anterior, uma divisão em 2 subtemas: “Processo de Trabalho” e “Nan Goldin em *Finge*”.

No primeiro subcapítulo farei uma breve análise do trabalho e dificuldades/fragilidades que tinha enquanto ator antes de estagiar no Teatro da Garagem e como os elementos desta mesma Companhia foram essenciais para a minha evolução e onde abordarei, de um modo genérico, a escrita de Carlos J. Pessoa. Focar-me-ei, também, na construção das cenas, nas quais fui mais ativo.

No seguinte subcapítulo pretendo fazer uma analogia e balanço entre *Finge* de Carlos J. Pessoa e a obra *Ballad of Sexual Dependency* da fotografa Nan Goldin.

A inserção deste subtema surge, para mim, de forma muito natural e decidi aborda-la, já que, o contexto social, a energia e ambiência são idênticas em ambas as obras. Não pretendo, com isto, abordar técnicas fotográficas, mas sim, demonstrar uma obra que me inspirou enquanto abordava e trabalhava a obra *Finge* de Carlos J. Pessoa.

1. Teatro da Garagem e os 25 anos

O Teatro da Garagem é uma companhia fundada em 1989, que dedica o seu trabalho artístico à pesquisa e experimentação, através da investigação de novas formas de escrita para teatro e de novas formas cénicas que a acompanham. Esta Companhia deve o seu nome ao facto de ter surgido numa garagem situada nos subúrbios de Lisboa, em Abóboda – Monte Trigo. Antes da sua atual residência desde 2005, Teatro Taborda, a Companhia esteve num armazém no Poço do Bispo.

Atualmente é dirigido por Carlos J. Pessoa e por Maria João Vicente. O Teatro da Garagem é um dos casos mais singulares do Teatro Português, já que, a companhia tem primado ao longo dos anos por manter uma estrutura consolidada, composta por um autor e encenador residente e uma equipa artística estabilizada em que a maioria dos textos levados a palco, são textos originais de Carlos J. Pessoa. Para além do autor residente, a companhia, ainda apresenta um músico, um núcleo de atores, uma equipa de produção, um dramaturgista, um desenhador de luz, um cenógrafo e figurinista.

Nas criações mais recentes da companhia, o vídeo, gravado e em tempo real, tem tido um papel relevante. A vulgarização das tecnologias digitais permitiu ao Teatro da Garagem renovar o seu discurso formal esbatendo as fronteiras tradicionais do teatro e aproximando-o de outras artes de um modo fecundo.

A companhia também desenvolve um trabalho com a comunidade, através das atividades do Serviço Educativo, dos acordos com o Teatro de Bragança e ainda dá a conhecer o trabalho de novos criadores através do *Ciclo Try Better Fail Better*¹.

O Teatro da Garagem reside, desde 2005, no Teatro Taborda, espaço para o qual foi convidado pela EGEAC/Câmara Municipal de Lisboa.

Contudo, e após 25 anos, a Garagem continua a ser um espaço de inquietação, um fórum de debate e dúvida, tornando-se um espaço de todos, para todos e que se faz para/por todos.

¹Projeto dedicado a novos criadores e experiências artísticas num espaço do Teatro da Garagem de forma a serem apresentados ao público.

2. *Teatro-Twitter*

O presente capítulo do relatório tem como ponto de partida abordar a minha experiência relativamente à participação no Espetáculo *Teatro-Twitter*.

Teatro-Twitter foi o espetáculo responsável por assinalar os vinte cinco anos de existência da Companhia do Teatro da Garagem, que esteve em cena de 13 de Novembro a 7 de Dezembro. É um Espetáculo festivo que celebra a arte, o teatro e a vida, evocando a saudade, nostalgia e amor, por esta mesma companhia, das pessoas que fizeram parte do passado, fazem parte do presente e farão, porventura, parte do futuro do Teatro da Garagem.

Este passado, presente e futuro é um dos aspetos fulcrais deste espetáculo, onde em cenas rápidas e frases curtas um numeroso núcleo de atores – colaboradores passados, presentes e futuros – dão voz e corpo ao texto que surge em sequência de vídeo.

Na cena V, a atriz Fernanda Neves demonstra que foi este passado, presente e futuro que construiu o que a companhia é hoje:

«O facto de existires faz-me ver o mundo de outra maneira»,
(Pessoa, Teatro Twitter, cena V, 2014, Lisboa)

Estas frases curtas assemelham-se a tweets, mensagens breves, como excertos de conversa de redes sociais ou até mesmo do dia-a-dia, onde surgem imensos subentendidos. Onde a banalidade de uma situação se vai desvendando, revelando, e qualquer coisa vai germinando como uma flor desabrochando num solo infértil. A proposta do *Teatro-Twitter* é que através desta banalidade se consiga encontrar um rasgão de epifania.

Surgem conflitos através do uso da palavra e através delas visualizamos a tensão em que vive a nossa sociedade, que começa como ninharias e acaba em situações graves, em coisas furtivas, em que as relações sociais habitam em bases muito precárias, isto tudo, associado a ligação da sociedade com a própria cultura e obras de artes, onde, cada vez mais, há um quebrar de relações.

Teatro-Twitter é, sem dúvida, uma forma de empacotar grandes obras e textos épicos num mundo do teatro que influenciaram, não só, Carlos J. Pessoa, mas também, a própria vida e existência do Teatro da Garagem.

Esta ligação do passado ao futuro é um dos pontos fundamentais mas não é único neste projeto.

Através deste espetáculo a companhia impõe e afirma a sua identidade artística, como sendo o que os move através do processo de pesquisa experimental.

Em *Teatro-Twitter* prevalece a ideia de teatro como templo, evocando os antigos Deuses da Grécia e até mesmo os guardiões de um templo.

Um templo onde existe uma cascata onde são projetadas as imagens desses Deuses do Teatro. A cascata é um símbolo de regeneração, de purificação e pacificação de espírito em que a água fluirá gota-a-gota, com as palavras ditas por esses atores projetadas, marcando a passagem inexorável do tempo.

Em frente à cascata, existe um jardim de pedras brancas, semelhante aos típicos jardins japoneses ou jardim zen, onde o caminhar sobre as mesmas parece doloroso, mas que ainda assim, não deixam de ser jardins que necessitam de ser trabalhados e cuidados para os podermos percorrer e explorar.

Esta ligação de elementos com os quatro atores que surgem em cena e que interagem com as projeções vídeo, falando línguas desconhecidas para o nosso ouvido (eu era o único português em cena e não falava...), criam uma cena ritual de passagem num templo ecuménico, que representa a ideia de divindade no Teatro que Carlos J. Pessoa procurava, remetendo-nos assim aos primórdios do teatro, à Grécia Antiga.

A interpretação estaria a cargo de variadíssimos atores como Ana Palma, Ana Tang, Beatriz Godinho, Beatriz Pessoa, Carla Bolito, Carlos J. Pessoa, Carolina Salles, Cirila Bossuet, David Antunes, Diogo Bento, Emanuel Arada, Fernanda Neves, Fernando Nobre, Filipe Duarte, Flávia Gusmão, Frederico Barata, Joana Liberal, João Didelet, Jorge Andrade, José Espada, José Peixoto, Maria João Vicente, Maria Leite, Miguel Damião, Miguel Mendes, Nádia Yracema, Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro e Sílvia Filipe. Como estagiários estaria eu e para além disso mais 3 alunas, sendo elas Akiyo Matsumoto, Danae Christopoulou, e Panagiota Apostolidou. A Música esteve a cargo de Daniel Cervantes, assim como o vídeo a cargo de três elementos: Maria Leite, Nuno Nolasco e Nuno Pinheiro, apesar de entre eles todos, Nuno Nolasco foi quem tratou e realizou toda a edição. Já Sérgio Loureiro ficou encarregue de figurinos e cenografia.

2.1. Processo de Trabalho

Neste capítulo pretendo abordar do meu ponto de vista em relação aos ensaios e à forma como fui dirigido durante todo o processo criativo, para posteriormente se alcançar um resultado final, que seria o espetáculo.

Recordo-me do primeiro dia em que me dirigi ao Teatro da Garagem pronto a trabalhar como estagiário daquela companhia. Quando cheguei ao teatro, fui encaminhado para a sala de espetáculos e lembro-me de ver um estúdio montado em palco, onde havia duas câmaras, uma do lado esquerdo e outra do lado direito, algumas marcas no chão e uma grande parede num tom acinzentado.

Percebi que iria fazer um “tipo de teatro” diferente do que tinha executado até à data, que seria algo inovador para mim mas que, no entanto, para os elementos já pertencentes à companhia parecia algo natural, visto que todos aparentavam ter alguns conhecimentos na área da multimédia.

Inicialmente apresentava-me como mero espetador onde observava como a equipa trabalhava entre si e os grandes atores que por ali passavam para serem filmados, uma vez que, os atores que participariam neste espetáculo seriam atores convidados que já haviam feito percurso pelo Teatro da Garagem e que vinham deixar a sua marca nas festividades dos 25 anos desta companhia. Tive a honra de assistir ao improviso destes atores diante de uma câmara, tendo como base os textos que o Carlos J. Pessoa havia escrito e lhes havia cedido, mostrando a sua arte, as suas capacidades e a sua versatilidade consoante o que o Encenador lhes solicitava.

Para além de ter o privilégio de observar os atores a trabalhar, este distanciamento permitiu-me compreender como funcionava a equipa do Teatro da Garagem facilitando a minha integração nesta mesma companhia.

Após algum tempo, comecei a ajudar em coisas simples e não muito técnicas, como por exemplo, o apoio com as claquetes, a organização a nível de filmagens, o auxílio nos figurinos. Enfim, na realidade fazia de tudo um pouco, coisa que nunca me importou, porque eu queria estar ali para isso mesmo, obter um maior conhecimento, aprendendo um pouco de tudo, de forma a sentir-me útil e ativo.

Pensei que o meu trabalho iria ser de produção, aprendendo através da observação, uma vez que quando comecei a trabalhar com a equipa, as filmagens com os restantes atores já haviam começado, mas este não foi de todo o caso. Soube então que iria fazer parte do espetáculo como ator, surgindo assim um novo desafio para mim.

Após finalizarmos as filmagens, foram marcados os ensaios para podermos criar o espetáculo *Teatro-Twitter*. Os ensaios eram frequentes e por norma sempre à noite.

Além de mim, estariam em palco mais 3 atrizes: Akyo Matsumoto, Danae Christopoulou e Panagiota Apostolidou. Todas elas estagiárias como eu e todas elas de nacionalidade estrangeira. Akyo era de nacionalidade Japonesa enquanto que Danae e Panagiota eram alunas de Erasmus que haviam vindo da Grécia para alargar os seus conhecimentos, tal como eu. Esta troca cultural foi ótima quer a nível pessoal quer à nível artístico, e tornaria toda a experiência do meu estágio na Garagem ainda mais enriquecedora.

Antes de qualquer ensaio, os atores que iam estar em palco estavam sempre cerca de meia hora mais cedo para se poder fazer um aquecimento. Esse aquecimento era dado pelo Nuno Pinheiro, Maria Leite e Maria João Vicente. Fazíamos o normal aquecimento de corpo e aquecimento de voz, onde este ia sendo adaptado consoante as nossas necessidades de acordo com os ensaios anteriores. Estes aquecimentos foram favoráveis a criar uma maior cumplicidade entre os atores e fazia com que tivéssemos ensaios bastante mais proveitosos.

Percebi então através do primeiro ensaio que a montagem dos vídeos não estaria terminada, e que esta se iria definindo, ou alterando, ao longo dos ensaios entre os atores em 3D, chamados os atores em vida real, e os atores projetados, aqueles que apareceriam projetados nos vídeos gravados nas semanas anteriores. Assim através de algumas experiências iria ser criada uma dramaturgia, não só através das ideias de Carlos J. Pessoa, mas também através da individualidade de cada ator e também pela parte técnica de som e imagem, atribuída a Daniel Cervantes e Nuno Nolasco.

Foram distribuídos quatro textos escritos pelo Carlos J. Pessoa a cada um dos atores, e cada um, teria de os dizer numa língua estrangeira, no sentido em que não fosse a língua portuguesa. O texto que me foi cedido, foi traduzido para grego, cabendo-me a mim aprendê-lo. Contudo o texto acabou por não ser utilizado porque Carlos

afirmou que seria mais interessante se eu não dissesse nada e ficasse apenas no palco sentado numa cadeira a chorar.

A verdade é que esta ideia de estar em palco sem dizer uma única palavra, ao início, me chocou, mas mais tarde, consegui avaliar a situação e este tipo de trabalho a que fui sujeito só me ajudou a trabalhar a minha presença em palco.

Durante os ensaios fomos tentando captar as potencialidades não só do vídeo mas também da cascata, de forma a tentar tirar o máximo proveito das qualidades dos mesmos sem nunca perdermos a dramaturgia e a ideia do espetáculo, que seria uma comemoração e uma viagem no tempo do que foi, do que é e do que, talvez venha a ser o Teatro da Garagem.

A edição do vídeo, que estava a cargo de Nuno Nolasco, foi sendo feita pouco a pouco após cada ensaio, de acordo com o que avançávamos durante o mesmo, e que efeitos ou cortes ou até momentos *slow motion* deveriam ser aplicados. Este processo de trabalho foi extremamente útil para a criação do espetáculo, porque dava liberdade não só, a nós atores de explorarmos a cena, como ao próprio videasta de explorar as potencialidades do vídeo de acordo com a cena e não ao contrário, complementado-se entre si. Claro que Nuno Nolasco nunca trabalhava sozinho, já que tinha sempre em conta as opções relativas ao som que Daniel Cervantes apresentava para cada cena e que, direta ou indiretamente, trazia uma lufada de ar fresco de criatividade a quem trabalhava a interpretação.

O trabalho de Nuno Nolasco acabou por ser de extrema importância porque conseguiu captar marcas essenciais na escrita de Carlos J. Pessoa e arrisco até a afirmar que deu vida às palavras dos atores que haviam sido filmados, permitindo-me a mim perceber a essência deste espetáculo, “revivendo” os primórdios de uma companhia, que havia sido criada antes de eu nascer, mas da qual, de repente, sentia fazer parte.

2.2. Recurso aos media

No presente capítulo pretendo abordar o uso dos media por parte do Teatro da Garagem, focando a utilização da intermedialidade² e da multimedialidade no espetáculo que representaria o ponto alto dos 25 anos do Teatro da Garagem.

O Teatro da Garagem, através das suas criações já nos habituou a projeções videográficas. As câmaras e filmagens utilizadas em cena fazem parte da mesma, implicando isto, que para além dos atores, todas estas filmagens, projeções e até os próprios que manuseiam as câmaras, tenham que trabalhar em equipa, tenham que contracenar. Assim sendo, o uso dos media e, arriscando afirmar, da intermedialidade fazem parte da identidade artística da Companhia.

Claro que esta linguagem e dinâmica oferece vários pontos de vista ao público presente onde, em vez de observar somente o ângulo de visão “normal” do ator que está em cena, também, poderá ter acesso ao ângulo de visão que a câmara imite desse mesmo momento, tornando o espetáculo mais interessante e estimulante no sentido da percepção sensorial do mesmo.

O espetáculo estava, então, dividido consoante as letras do alfabeto, ou seja, iria da cena A à cena Z. E em todas essas cenas se usaria a chamada intermedialidade, já que, todas tinham sido gravadas anteriormente e seriam projetadas tanto na parede cinza como na queda de água que se encontrava próxima dessa mesma parede.

Arrisco então a apelar Chiel Kattenbelt que através do seu artigo *Intermediality in Theatre and Performance: Definitions, Perceptions and Medial Relationships*, para a Universidade Jaume I, determina três ideias que me parecem essenciais para compreender um pouco o trabalho feito no Teatro da Garagem: *Multimediality*, *Transmediality* e *Intermediality*. Este refere estes três pontos através do uso dos media em cena, através do vídeo, luz e som.

Para Chiel Kattenbelt a multimedialidade são os audiovisuais, onde a

² “Aquilo que transmite um signo (ou uma combinação de signos) para e entre seres humanos com transmissores adequados através de distâncias temporais e/ou espaciais”; BOHN, Rainer; MÜLLER, Eggo; RUPPERT, Rainer. *Die Wirklichkeit im Zeitalter ihrer technischen Fingierbarkeit*. Introdução a BOHN; MÜLLER; RUPPERT (org.). *Ansichten einer künftigen Medienwissenschaft*, Berlin: sigma Bohn, 1988, p. 7-27, apud CLÜVER, Claus, «Intermedialidade», in *Pós: Belo Horizonte*, v. 1, n. 2, nov. 2011, p.9 [em linha].

“multimedialidade dos media é por norma restrita a áudio-visualidade, ou seja, para o que percebemos com os sentidos à distância (olhos e ouvidos), que são importantes para o desenvolvimento da nossa capacidade inteligente de estruturação do mundo e de nós em relação ao mesmo, no tempo e no espaço” (Kattenbelt, pág 22).

A transmedialidade é a transposição de um media para outro, podendo ser aplicada ao conteúdo ou à forma, sendo usada em arte e em discursos teóricos de comunicação como afirma o autor: “is mainly used in art and communication theoretical discourses for referring to the change (transposition, translation etc.) from one medium to another³” (Kattenbelt pág 24)

Por fim, o último termo, intermedialidade, onde o autor usa o conceito em relação às correlações entre os diferentes meios de comunicação, que resulta numa redefinição dos meios de comunicação que se influenciam uns aos outros, que por sua vez permite alcançar uma percepção atualizada. A intermedialidade está vinculada à ideia de diversidade e hipermedialidade⁴, assumindo assim, um espaço entre – um inter.

Esta ideia de “Inter” tem sido estudada, utilizada e explorada pelo trabalho artístico no Teatro da Garagem.

Através de algumas conversas com Carlos J. Pessoa e Nuno Nolasco compreendi que o vídeo em projeção era uma das apostas deste grupo.

Explorando o vídeo gravado e editado anteriormente, ou até mesmo o vídeo captado e projetado em tempo real durante o espetáculo, a companhia arrisca-se a criar uma identidade própria, onde o espaço e o tempo se fundem com os media. “O Teatro da Garagem ao longo dos seus 25 anos de carreira tem sido sempre pioneiro na experimentação e pesquisa de novas formas do fazer teatral em Portugal” (Nuno Nolasco, Tese de Mestrado - *Finge*, pág. 23)

Por conseguinte, a meu ver, a cultura de experimentação do Teatro da Garagem acaba por determinar uma ligação de interdependência entre os media intervenientes no espetáculo, estabelecendo em palco um efeito de hipermedialidade, enquanto experiência de imersão (do espectador), de acordo com a teorização de Kattenbelt em *Intermediality*

³ Tradução Livre: é maioritariamente utilizada em discursos teóricos de arte e comunicação referindo-se à mudança (Transposição, Tradução, etc.) de um media para outro.

⁴ “Quando um ou mais medias interagem” *Dicionário da Língua Portuguesa*, 2006, Porto, Porto Editora.

in Performance and as a Mode of Performativity. O espectador não assiste ao espetáculo, está imerso nele. Submerso na Garagem.

O vídeo era dos elementos mais importantes no Espetáculo *Teatro Twitter* porque, como já referi, todo o espetáculo era feito com a presença do mesmo. Ainda assim a projeção deste não serviu apenas para cenário ou para embelezar o fundo da parede cinza, este ajudou a criar as imagens divinas que habitariam no templo, onde, neste caso, defino por templo o espaço físico: teatro, potenciando a ideia de supremo, em que as imagens projetadas dos atores eram maiores que os próprios atores que estariam em palco em tempo real.

O vídeo acabou por ser de extrema importância porque criou o espetáculo, dando-lhe, vida, cor e ambiência e principalmente coerência dramática, trazendo algo inovador, não só para mim, mas acredito que também para todo o Teatro Português.

3. *Finge*

O Espetáculo *Finge* foi a 71ª criação do Teatro da Garagem com texto e encenação de Carlos J. Pessoa que esteve em cena no Teatro da Garagem de 21 a 24 de Março e de 4 a 7 de Abril de 2013.

Em 2015 foi nomeado para o *Prémio Italiano Il Teatro Nudo di Teresa Pomodoro*⁵, apresentando-se, em Milão, no *Spazio NO'HMA*, nos dias 11 e 12 de Fevereiro, numa co-produção com a *Expo Milão 2015*, e reposto em Portugal, no Teatro Taborda de dia 20 a 22 de Fevereiro de 2015, no qual eu faria parte do elenco.

Este espetáculo relata várias casas de passe. Sete casas no total, e 6 prostitutas diferentes: Sofia, Melanie, Marta, Maya, Adriana e Vanda.

Cada uma destas seis mulheres recebe em sua casa, um homem, perfazendo um total de 4 homens, que na realidade são todos projeções do mesmo homem, Camaleão.

Eles encontram-se e protagonizam histórias de amor, não as histórias de amor feliz, mas antes as histórias de amor condenado.

O espetáculo inicia-se com uma cena introdutória denominada *Stay*, onde apenas se encontra o Camaleão 1, em palco, onde aborda temas como o amor, a paixão, e onde se refere sempre a alguém ou “alguéns”, quase que como uma conversa introdutória para um espetáculo, uma espécie de prólogo ou prefácio do que vem depois. No fim do monólogo adormece, como se fosse viver um sonho, ou pesadelo, como se fosse despertar para a realidade, para a fantasia.

Na casa seguinte, “*Casa do Frio*”, a personagem Camaleão 1 encontra-se a dormir, e o seu sonho é invadido por 3 homens, que são projeções deste, sendo então o Camaleão 2, Camaleão 3 e Camaleão 4.

Depois, a próxima cena é passada na “*Casa de Sofia*” com o Camaleão 1. Onde na conversa deles estão presente conceitos de conhecimento, já que o nome Sofia, não foi escolhido ao acaso: Sophia⁶, significa saber.

⁵ Prémio atribuído na área de Teatro pelo Ministério Italiano dos Negócios Estrangeiros em conjunto com outras Instituições.

⁶ Sophia (em grego Σοφία) é aquilo que detém o “sábio” (em grego: σοφός, “sófos”).

“*Casa de Melanie*”, é a terceira cena, onde esta se encontra com Camaleão 2 e existe um jogo de sedução dela para com ele, de domínio e até de violência.

Na cena “*Casa de Marta*”, a ideia de sexo, e erotismo está bem presente, mas não de forma abrupta, ainda assim é interessante porque o Camaleão 3, deseja fazer parte do mundo da prostituição, tornando-se ele também uma prostituta.

A quinta cena, “*Casa de Maya*” é uma cena mais maternal, de sensibilidade, de sonho, de ilusão, de inocência. Onde Maya e Camaleão 4, interagem quase como uma mãe que protege a sua cria.

“*Casa de Adriana*” é a cena que se segue. Aqui é visível o contacto entre Adriana e Camaleão 2. Os excessos da vida boémia, o exagero da droga e do álcool, a fuga à realidade, são temas que se encontram presentes nesta cena.

“*Casa de Vanda*” com o Camaleão 3, ocupa a sexta cena do espetáculo. Aqui nunca há um contacto físico entre os dois personagens. É quase obsceno, a nível de linguagem e com um final chocante. Vanda acaba por falecer e todas as prostitutas entram para retirarem o seu corpo de cena sobre as ordens de Marta, que se encontra com uma vassoura e com um chapéu em forma de cone. A frieza com que retiram o corpo, o varrem e que passam o testemunho a Camaleão 3 é notável. Claro que podemos falar deste passar de testemunho relativo ao teatro, em que existe uma relação de portas abertas do Teatro da Garagem para com os mais novos que queiram aprender.

Sofia e Camaleão 1 voltam a encontrar-se na “*Casa de Sofia II*”. Torna-se uma espécie de reencontro furtivo e destruidor, sendo esta, a cena culminante de todo o espetáculo, acaba em aberto com a simples questão: “como se acaba uma conversa?”

Estas mulheres, que são referidas nas casas, devido a sua profissão são obrigadas a fingir de forma a conseguir sobreviver ao mundo em que se envolveram, umas por obrigação, outras por escape a uma vida paralela. Este ato de fingir associa-se em tudo na vida e à ideia mais antiga do teatro, da representação, o fingimento, já que origina da palavra *FINGERE*, em latim, “modelar o barro”, sentido que mudou para “Dar a forma” e depois “representar, encenar falsamente”. Como Maria João Vicente afirma: “Surge a aceitação da condição da paixão como amor não realizado, idealizado e teatralizado”⁷.

⁷ Cf. Maria J Vicente, Folha de sala do Espetáculo *Finge*, Lisboa 2015-02-20; Anexo VIII)

Diria, fingido e deveras sentido.

O cenário são apenas 4 cadeiras e um colchão posicionado no chão ao qual, no início de cada uma das oito cenas totais da peça, é substituído o lençol. Cada lençol possui uma cor distinta para assim simbolizar uma casa diferente. Com este cenário, é exibida uma simplicidade característica de algumas casas de prostituição.

No final, já com o palco vazio, as cadeiras são retiradas e apenas se mantém o colchão no chão. São, simultaneamente, projetadas sobre a tela branca de fundo, manchas de cor, com cores idênticas às presentes nos próprios lençóis, fornecendo também algum tempo para permitir que o próprio espetador, absorva e reflita sobre as informações captadas durante todo o espetáculo.

É um espetáculo que, através de conversas com Carlos J. Pessoa, me remete a duas ideias que se complementam: primeiramente, a força das mulheres; e em segundo as festividades Dionísias em que as mulheres participavam.

Inicialmente, nestes festejos, os homens também participavam com as mulheres, uma vez que estas vagueavam pelas ruas gritando e dançando para os cativar, no entanto, devido as desordens e aos escândalos causados, os homens deixaram de poder fazer parte. Desta forma, tornou-se uma espécie de reunião de mulheres em que elas entravam em transe e andavam à noite semi-nuas, com peles de tigre ou pantera, a correr pelos campos e pelas ruas. A estas mulheres era dado o nome de Ménades, que significava “Furiosas”, e é esta fúria, esta garra e esta força que vejo retratada em *Finge*.

Para este espetáculo em Itália e a sua reposição em Portugal o elenco seria: Ana Palma, Beatriz Godinho, Francisca Moura, Ivo Melo, Miguel Mendes, Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro e Maria João Vicente. Encarregue da Música estaria Daniel Cervantes e dos Figurinos Sérgio Loureiro.

3.1. Processo de trabalho

Neste capítulo pretendo relatar o processo de trabalho que foi utilizado em *Finge* para alcançarmos o produto final, com uma perspectiva pessoal.

Iniciámos os ensaios para o Espetáculo *Finge* no dia 5 de Janeiro, onde tivemos a primeira reunião com todo o elenco. Carlos J. Pessoa apresentou o guião com alterações relativas ao espetáculo feito anteriormente em 2014. Fizemos uma leitura do guião, em conjunto, para tentarmos analisar e compreender todo o espetáculo, todas as alterações feitas e o porquê destas novas escolhas. Falou individualmente da/das personagem/personagens de cada um e como poderíamos começar a refletir sobre as mesmas. Ainda me lembro das palavras do mesmo em relação à minha personagem: “*D. Sebastião, Inocente, Penetrado, Ingénuo, Sonhador, Apaixonado, Arlequim*”.

A partir destas indicações teríamos de começar a construir as cenas individuais, para depois podermos arranjar um fio condutor entre todas elas.

O trabalho com a Maria João Vicente foi para mim de extrema importância, já que esta me incentivava a estar sempre atento à postura que teria em palco e mais importante, a colocação de voz. Antes do trabalho com o Teatro da Garagem eu tinha a tendência a ter a voz colocada na cabeça o que me dificultava bastante o trabalho e tudo o que eu dizia, acabando por soar, a certo nível, irritante. Com a ajuda de Maria João Vicente e de vários exercícios que ela me propôs, até para realizar fora do palco, em situações de dia a dia, comecei a utilizar mais a respiração e a colocação diafragmática que me ajudou imenso a crescer enquanto profissional. Ainda assim, esta não foi a minha maior dificuldade durante todo o processo de trabalho.

Apesar de admirar a escrita de Carlos J. Pessoa, senti imensas dificuldades em compreender partes do texto deste, e as intenções que teria que dar.

Com a ajuda de Nuno Nolasco e de Nuno Pinheiro tudo se tornou mais simples. A cena onde apresentava maior dificuldade era na minha primeira fala, na cena “*Casa do Frio*”:

Camaleão 4 (varrer o chão) - O luto é, talvez, essa coisa de morrer em vida, de adornar o júbilo de Ser com um regramento pontual, cuidadosamente descuidado, remirando, na

noite, promessas. Mistério? Uma nuvem! Uma nuvem que não se assemelha a nada...

(Pessoa, *Finge*, , pg.4, 2015, Lisboa)

Com eles trabalhei a compreensão do texto, as intenções, as palavras-chave e a melhor forma de dizer o texto. Este trabalho era realizado sempre cerca de uma hora antes do ensaio em comum, onde me encontrava com um dos dois para me poderem auxiliar. É, na verdade, um processo básico e natural no trabalho de ator, mas fundamental e que me fez compreender melhor o texto em que iria participar.

Claro que, durante os ensaios, o Carlos J. Pessoa ia limando algumas arestas para melhorar a minha performance em palco bem como todo o espetáculo em si.

Em *Finge* eu tinha de me preocupar, de forma individual, com duas cenas em especial, a “*Casa do Frio*” e a “*Casa de Maya*”.

Duas cenas muito distintas, mas ambas muito interessantes.

“*Casa do Frio*” inicia com o adormecer do Camaleão 1. Este adormecer é uma espécie de fuga, como se já não fosse suportável ficar acordado.

Surgem o Camaleão 2, Camaleão 3 e Camaleão 4. Estes três são quase que projeções do Camaleão 1, que lhe invadem o sonho. Arriscaria até a dizer que são 3 projeções de personalidades que estão presas ou adormecidas no seu subconsciente; de personalidades que este já teve, e talvez ainda tenha, vincadas em si. Fazem uma espécie de introspecção meditativa e previsão do que acontecerá no resto do espetáculo, sendo provavelmente a cena mais difícil de compreender devido à complexidade inerente a este texto.

A construção desta cena, não foi difícil a nível de marcações de cena, já que esta era idêntica a marcação feita no espetáculo anterior. Mas como já referi anteriormente, para me enquadrar melhor nesta cena, necessitei bastante da ajuda do Nuno Nolasco e do Nuno Pinheiro, para além de que o toque final de Carlos J. Pessoa, tornou a cena ainda mais esclarecedora, uma vez que a escrita de Carlos J. Pessoa é cheia de artimanhas de importantes significados, em que nada é dito ao acaso, e grande parte das vezes nos remete a obras épicas, nas quais ele se inspira todos os dias.

A cena “*Casa da Maya*”, foi provavelmente a cena que mais gosto me deu realizar, porque poder contracenar com Ana Palma foi um dos maiores privilégios que um

“pequeno ator” como eu, poderia ter.

Carlos J. Pessoa referiu muitas vezes que o personagem Camaleão 4 tinha sido reescrito especialmente para mim, e isso refletiu-se ao longo do projeto, porque entendi que a base desta personagem passava exatamente pela mesma que eu, admirar alguém que está a cima de mim, inspirando-me num ídolo, para um dia mais tarde ser tão bom e/ou melhor quanto essa pessoa, e assim, acho que em conjunto, conseguimos dar um olhar triste ao personagem mas ao mesmo tempo um olhar que irradiava luz e esperança.

“*Casa da Maya*”, relata a primeira vez de um jovem numa casa de passe, onde pretende, talvez, perder a sua virgindade e onde a prostituta, neste caso a Maya, tem um lado extremamente maternal. Esta cena acaba, então, por ser uma cena de amor e de admiração, em que o jovem Camaleão reconhece a pessoa que Maya é, conseguindo olhar para dentro da personagem, para a sua essência.

Surgia assim alguma magia, em que o rapaz inocente e trapalhão se cruza com uma prostituta cheia de vida e de experiências, onde ele a idolatra pela sua forma de ser e de estar em relação à vida. Apesar disto, Maya demonstra ao inocente Camaleão que a vida não é um mar de rosas, mas que apesar disso, as coisas simples são as mais importantes, e que, no fim da vida, nada mais importa senão viver de forma feliz.

Camaleão 4 – Dizem que todas as desgraças serão bem-vindas no coração do justo pois é infinita a sua força e nele canta a voz do senhor; dizem que não se abate a fé no seu coração! Dizem que nos braços do justo está o poder de transformar a terra e de elevar os guindastes da salvação. Dizem que se acendem asas nas espáduas dos que caem no abismo!

Maya – “Tombe la neige” é tão bonito.... Pelo menos não doeu. Não dói. Isso é bom, carinhoso... Desculpas de quê? Vive com elegância: música ambiente, sofisticação, sabedoria, papa na panela, santos na parede, mamas Gagarin e entras na órbita terrestre! Que queres mais? Sai com cuidado.

(Pessoa, *Finge*, pg.21, 2015, Lisboa)

Esta cena no espetáculo anterior, era feita atrás de panos através do efeito de

sombras chinesas. Desta vez, essa não era a proposta pretendida, já que era suposto o palco estar nu, despido de objetos, onde o único cenário seriam as quatro cadeiras e o colchão.

Tivemos então de criar algo novo que fosse de encontro com o pretendido pelo Carlos J. Pessoa e pelo próprio festival em que iríamos participar.

Marcamos, entre mim e a Ana Palma e, as vezes, com alguma supervisão de Nuno Nolasco, já que lhe era responsável a assistência de encenação, ensaios para podermos construir a cena para, mais tarde, podermos mostrar o trabalho realizado a Carlos J. Pessoa. Trabalhar com Ana Palma foi deveras interessante, porque é uma atriz muito criativa e muito talentosa, com um à vontade enorme e bastante humilde.

Felizmente conseguimos criar uma excelente química que se refletiu em palco, coisa que Carlos J. Pessoa referiu, muitas vezes, em que, no palco, conseguíamos ver, uma mãe e um filho, uma “*Atriz-Velha*” e um “*Ator-Novo*”, usando os sinónimos velho e novo relativamente à experiência em palco.

Achei verdadeiramente interessante o facto de termos tornado esta cena num momento cómico, apesar de terminar de uma forma um pouco trágica, porque, inicialmente quando li, não antevi que poderia ter esta valência. Este lado cómico aconteceu, principalmente, pela capacidade de improvisação de Ana Palma, e pela constatação cénica do carácter tragicómico que as nossas personagens tinham.

Por muitas vezes, Carlos J. Pessoa referiu que esta cena era a que agarrava o público ao espetáculo e que fazia o público estar com energia para aguentar a força da cena Casa de Sofia II.

Foram obviamente duas cenas completamente distintas, apesar da sua ligação dramaturgica, que me fizeram crescer, não só como ator, mas também, como colega de trabalho, onde finalmente verifiquei as grandes fragilidades que tinha a nível de interpretação e que me fez trabalhar e compreender como funciona o processo de trabalho numa companhia profissional e como se prepara um trabalho que será realizado noutra país, onde a língua falada não é o português.

3.2. Nan Goldin em *Finge*

Neste capítulo pretendo fazer uma aproximação analítica a uma artista que influenciou a forma como eu senti e visualizei o espetáculo *Finge*. Através da obra *The Ballad of Sexual Dependency*⁸ de Nan Goldin⁹ pretendo abordar o contexto social e a energia refletida em *Finge*, por Carlos Pessoa, em que a prostituição, o álcool e as drogas invadem a peça. Não pretendo, contudo, fazer uma abordagem técnica de fotografia.

Ao longo dos ensaios e durante a evolução da construção do Espetáculo *Finge*, fui associando imagens teatrais, criadas em cena por Carlos J. Pessoa, a alguns registos fotográficos da artista Nan Goldin.

Nan Goldin é uma fotógrafa que nasceu em Washington D.C. no dia 12 de Setembro de 1953. Nos finais da década de 70, por volta de 1978, ao mudar-se para Nova Iorque, inicia o seu projeto mais conceituado: *The Ballad of Sexual Dependency*.

Esta série fotográfica é uma espécie de diário visual e pessoal, aberto para o mundo, sobre a sua vivência em Nova Iorque, registando o seu estilo de vida e dos seus amigos, acabando por se tornar quase monólogos ou discursos íntimos e pessoais. Este estilo de vida, referenciado nos seus registos, é excêntrico e até mesmo excessivo, tendo como elementos presentes o sexo, a prostituição, o álcool, as drogas e a violência, numa espécie de embelezamento da decadência humana e social. É sem dúvida um relato visual da intimidade de Nan Goldin e da relação com os seus amigos; de várias visões de alienação e discórdia romântica situado na miséria boémia.

As suas fotografias são portanto, domésticas e dos instantâneos de família, em que estas contêm imagens fortes e frontais, mostrando as situações tal como elas são, revelando consciência radical e corajosa na relacionamento entre a arte e a vida.

Arrisco também afirmar que todas as personagens em *Finge*, são, ou foram, alguém, ou alguma coisa, que passou pela vida de Carlos J. Pessoa, na qual ele se inspirou. Daí as personagens apesar de serem uma qualquer prostituta, ou um qualquer cliente, têm uma verdade em si, em tudo o que dizem, na forma como se mexem e na forma como respiram. Os seus silêncios.

⁸ É um diário visual que apresenta um conjunto de séries fotográficas que expõe a vida íntima de Nan Goldin.

⁹ Fotógrafa americana nascida em Washington, D.C. em 1953.

Outro aspeto interessante em Goldin é o contacto que existe entre estes seres humanos que são reais, específicos, mas que as personagens que representam nas imagens são universais. Por um lado a força da atração no seu estado mais puro e por outro o distanciamento, a frieza das emoções, a distância crítica que a imagem promove. Um desses exemplos é a fotografia de Nan Goldin: *Nan and Brian in Bed*,¹⁰ Nova Iorque de 1993, que foi a imagem que mais me apelou para a relação do ambiente que emerge em *Finge* e a vida e registos fotográficos da artista.

O casal num quarto, em brilhos de amarelo-laranja, corpo nu e luz solar cria um ambiente acolhedor para a cena, embora um olhar mais atento às personagens nos remeta para outro ponto. Ao contrário dos tons quentes, uma frieza notória atinge o casal. Existe por parte de um dos elementos, a própria autora, vulnerabilidade, cansaço dependência e necessidade de atenção e amor, enquanto que outro, distante, fuma um cigarro focado no infinito, vemos então um quadro universal de separação, de ruptura amorosa, apesar, ou por força, da singularidade da composição realista. Por curiosidade: após 3 meses desta fotografia ter sido captada, o casal separou-se devido às agressões e maus tratos que a autora recebia do seu parceiro.

Esta fotografia faz-me lembrar em especial a última cena do espetáculo *Finge*, a cena “*Casa de Sofia II*”.

Vemos um casal, talvez uma prostituta e um cliente, que inicia uma conversa por telefone, a definir as “condições” do contrato de prestação de serviços sexuais. É uma cena quente e muito forte, onde o Camaleão 1 luta pela atenção particular dela, pelo seu amor fingido, pela necessidade de a ter. A personagem Sofia é mais parecida com Ben (o elemento masculino da fotografia de Goldin), está ali para fazer o seu trabalho e que só ela pode decidir sobre a sua vida, que viver é não ter medo, amar é ver o outro por dentro, nu, é olhar para o lado de dentro do parceiro; é, de certo modo, a agente de ruptura.

É uma cena de muita tensão, e não apenas sexual. É provavelmente a cena mais forte em que a energia tem que estar em alta, em que tem de haver uma força de quase possessão. Vigoram os tons fortes e quentes, mas, gradualmente, instala-se a frieza que os desloca e afasta. Prevalece assim, vulnerabilidade, cansaço, dependência e uma ruptura dolorosa, física e emocionalmente, tal como na fotografia de Nan Goldin. A loucura e o

¹⁰ Anexo IX

amor, o medo e a dependência, a vida e a morte, a sinceridade e a ironia, a paixão ardente e a neutralidade, a compaixão e a crueldade, a melancolia e a confusão, são talvez as palavras que melhor caracterizam esta cena, para além de uma espécie de desespero luminoso:

Sofia – Morde os teus braços Paulo que eu mordo os meus, Morde os teus braços Paulo, que eu mordo os meus, morde os teus braços Paulo que eu mordo os meus!

Camaleão 1 – não se acaba assim uma conversa!

Sofia – então como se acaba uma conversa?

(Pessoa , *Finge*, pg.21, 2015, Lisboa)

Este final remete-me mais uma vez a frieza e indiferença que abate o casal, de um amor condenado, um amor real, um amor verdadeiro, uma história de amor sem um “viveram felizes para sempre”, terminando com uma questão retórica que nos remete a uma questão infantil, que provavelmente não tem final, a um final sem final.

Outro aspeto que Nan Goldin retrata, são os registos de uma vida repleta de vícios e dos registos no espelho. Como já referi anteriormente, provavelmente, em Adriana é onde vemos mais a existência destes vícios, já que esta aparenta estar bêbeda ou até mesmo drogada. Para os amigos de Nan Goldin, que ela regista fotograficamente, tal como para a personagem Adriana, no início, as drogas serviam como fonte de prazer fácil e fuga à realidade; mais tarde há uma reversão do prazer em desprazer, em horror e em descabro. Neste caso, isto sucede em Adriana quando é confrontada pelo Camaleão 2, que lhe suplica para mostrar quem realmente ela é:

Adriana- tens de me dar uma oportunidade de te mostrar a verdadeira mulher que há em mim!

Camaleão 2 – tu não és real como nas fotos.

Adriana – não, são reais, praí a vinte anos atrás, quando o cãozinho entrou no campo da amoreira; a malta toda a rir; o árbitro a correr atrás do cãozinho...

Camaleão 2 – tu morreste não foi? Chamas-te Gilberta, não é?

Adriana – Sim, Gilberta... já morri...

Camaleão 2 – Nunca trabalhaste neste ramo.

Adriana – nem fui sindicalizada... não podia não era?

Camaleão 2 – morreste de ataque cardíaco. Fulminante!

Adriana – por foi.

Camaleão 2 – foste solteira a vida toda.

Adriana – pois fui.

Camaleão 2 – Eras virgem.

Adriana – Pois era.

Camaleão 2 – A tua amiga não existe. Estiveste sempre só.

Adriana – Pois estive. Mas não tem mal ter uma amiga imaginária pois não?

(Pessoa, *Finge*, pg.23 e 24, 2015, Lisboa)

Aqui há uma espécie de confronto de Adriana com ela própria, como se esta se tivesse visto ao espelho e tivesse de se confrontar com ela própria e com a sua imagem física.

Nan Goldin também dá uma grande importância a estes episódios de auto-reconhecimento. As fotografias em frente ao espelho são comuns, e afirma que é a maneira que tem de garantir que a pessoa que vê existe e que aquela é a sua essência nesse preciso momento.

Acho que foi mais ao menos esta a ideia que Carlos J. Pessoa decidiu seguir ao criar a personagem Adriana, criou uma mulher que se refugiava nas drogas e no álcool, para não se confrontar ao espelho, mas que quando, por força do conflito dramático com o cliente e, porventura exaustão, isso acontece, mostra a sua verdadeira essência, ou, pelo

menos, uma imagem serena de si, enfim em paz consigo. Na encenação do espetáculo, ficávamos com a ideia que toda aquela cena feita pela personagem, não passava de uma encenação para ludibriar os clientes; isto acrescenta camadas de leitura que me parecem pertinentes relativamente à ideia de que ninguém é o que é, as pessoas vão, talvez, sendo e não sendo.

Carlos J. Pessoa não se baseou em Nan Goldin para fazer o espetáculo Finge. Foi eu que falei da fotografa ao encenador, mas achei que faria sentido falar do trabalho dela, já que foi uma das minhas fontes de inspiração para trabalhar neste espetáculo.

Conclusão

Tendo em conta todos os aspetos que referi ao longo deste relatório, o estágio na Companhia Teatro da Garagem foi o mais adequado para as minhas necessidades e vontades.

Tinha como objetivo, para além de complementar a minha formação, de forma a aprofundar conhecimentos teóricos e práticos já adquiridos tanto na Licenciatura e como também no Mestrado, integrar uma companhia profissional.

Nunca imaginei fazer parte de projetos tão aliciantes e que comemorassem os vinte cinco anos de uma companhia, como foi o caso de *Teatro-Twitter*, onde contracenei com atores profissionais, tive a oportunidade de experienciar o recurso aos media tão utilizado pela companhia e, para além disso, integrar um elenco de estagiários de diversas nacionalidades, o que me permitiu crescer e enriquecer culturalmente.

Tive também o privilégio de integrar o Espetáculo *Finge*, um projeto diferente do anterior, onde tive a oportunidade de viajar até Milão onde tive a sorte de conhecer aquela cidade maravilhosa e de representar pela primeira vez fora de Portugal.

Foi uma experiência muito interessante, gratificante e tenho noção que nem toda a gente se pode gabar da oportunidade que me foi presenteada pela Companhia, do quão marcante foi o meu estágio.

Estagiar no Teatro da Garagem permitiu-me testar os meus limites e reconhecer as minhas limitações, conseguindo desta forma melhorar alguns aspetos, que além de me tornarem um melhor profissional também me tornaram, acredito, uma melhor pessoa.

Tentei ao máximo aproveitar esta oportunidade e entendi que “fazer teatro” não é só estar em cima de um palco e esperar por um aplauso no final. É sair de cena e abraçar o colega, é olhar para o outro idolatrando, escutando e respeitando cada palavra, cada silêncio e cada respiração. São várias energias ligadas numa só. É amar o próximo, mesmo que este seja um amor condenado, mas teatro é isso, é amor.

Carlos J. Pessoa na minha entrevista de acesso ao Mestrado questionou-me se não seria demasiado cedo para ingressar neste curso, claro que esta foi uma questão que me perseguiu durante estes dois anos, mas entendo hoje que foi no tempo certo, que precisava de crescer em todos os níveis, e como me disse uma vez, eu ainda tenho um caminho

muito longo para percorrer e neste momento voo por outros projetos e outras direções, mas já prometi a mim mesmo, que fica a promessa de um dia mais tarde voltar. Voltar a minha primeira companhia, a minha família no Teatro, a Companhia Teatro da Garagem, e que da próxima vez seja por definitivo, porque é sem duvida este o tipo de trabalho que quero fazer.

Referências Bibliográficas

- BIRNINGER**, Johannes – *Performance on the Hedge, Transformation of Culture*, London & New York: Continuum, 2000.
- BROOK**, Peter – *O Espaço Vazio*, trad. Rui Lopes, Lisboa: Orpheu Negro, 2008
- CHAPPEL**, Freda e **KATTENBELT**, Chiel – *Intermediality in Theatre and Performance*, Amsterdam & New York: Editions Rodopi B. V., 2007
- EIRAS**, Pedro - *Curto Circuito. Géneros literários e Teoria no Teatro de Carlos J. Pessoa*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2010.
- GIESEKAM**, Greg - *Staging the Screen: The Use of Film and Video in Theatre*, New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- GOLDBERG**, Roselee – *A Arte da Performance, do Futurismo ao Presente*, trad. Jefferson Luiz Camargo, Lisboa: Orpheu Negro 2007
- GOLDBER**, Roselee – *Performane Art*, trad. Hugo Mariani, Barcelona: Ediciones Destino, 1996
- KATTENBELT**, Chiel. *Intermediality in Theatre and Performance: Definitions, Perceptions and Medial Relationships*, Cultura, Lenguaje y Representación, Revista de Estudios Culturales de la Universitat Jaume I Vol. VI, 2008, pp. 19-29
- KATTENBELT**, Chiel, *Mapping Intermediality in Performance*. Amesterdão: Amesterdan University Press, 2010.
- MANOVICH**, Lev – *The Language of New Media*, Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 2001
- PETHO**, Ágnes – *Cinema and Intermediality: The Passion for the in Between*, Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2011
- SCHECHNER**, Richard – *Performance Theory*, London & New York: Routledge, 2008
- SOLMER**, Antonino – *Manual de Teatro*, Lisboa: Cadernos Contracena e Temas e Debate, 2003
- ZARRILLI**, Phillip B. – *Acting (Re)considered*, London: Routledge, 2002

Anexos

- I - Texto Teatro-Twitter de Carlos J. Pessoa
- II - Registos Fotograficos de Teatro Twitter
- III - Texto folhas de sala do espetaculo Teatro Twitter
- IV - Dossier de imprensa do espectáculo Teatro Twitter
- V - Texto *Finge* de Carlos J. Pessoa
- VI - Registos Fotograficos de Finge
- VII - Texto folhas de sala do espetaculo Finge
- VIII - Dossier de imprensa do espectáculo Finge
- IX - Registos fotograficos Ballad of Sexual Dependency de Nan Goldin

Teatro Twitter

(projecção vídeo *photomaton*: dois rostos lado a lado; queda de água, Niágara de palco, larga o bastante, para que possa servir como superfície de projecção dos rostos)

A

1 – Frederico Barata

2 – Fernando Nobre

1 — E se forem aventuras?

2 — Já! Aventuras tipo pequenos vagabundos e malta à solta a correr!

1 — A fugir, já! Fosga-se! A fugir à bófia, pois!

2 — Já, tudo a fugir e a roubar!

1 — E a roubar, pois, já! Roubar e comer e, e, beber, e fumar e a ver castelos e cavalos! E viajar pró estrangeiro!

2 — E índios e ferros de engomar! E viajar pró estrangeiro!

1 — Ferros de engomar?

2 — Por causa das camisas, já, para a gente se vestir como deve ser, por causa dos convidados: o padre, o patrão, os pedintes e aquela malta pitoresca que veio não se sabe bem de onde. Parece que o almoço é frango de cabidela, já!

1 — Já, é mesmo? Boa! Baba de Camelo e naves especiais!

2 — Não são especiais são espaciais, de espaço! No estrangeiro!!

1 — Mas são especiais na mesma como, como... programação especial!

2 — Novidades e promoções!?...

1 — Já! Estás-me a compreender! Olha as aventuras, olha lá: guerreiros templários!

2 — *Ninja man!*

1 — E musas! Musas com uma farta bigodaça!

2 — Essas são do caraças, iá, pois: peluuudas!

1 — Amazonas...

2 — Futebolistas...

1 — Acompanhantes de luxo!

2 — Que categoria! Putas finas, heim! Finta 1, finta 2, finta 3, gooooolo!

1 — À bocadinho olhei-me ao espelho e perguntei: “*Who are you, understand?*”
No understand!

2 — *I don't know you, understand? No understand!*

1 — Finta a finta, *ca ganda* pinta! Iá! Jogos de vídeo com monstros, monstras e tudo à mostra, ao léu, iá, que nojo, só peles descaídas!

2 — Gajos a falarem ao mesmo tempo que jogam: “eu agora aqui tenho uma espada de diamante, vou roubar um relógio dourado e tenho 4 dragões liofilizados na carteira!”

1 — Liofilizados?

2 — Em pacote, um pacote de dragões! Iá!

1 — A gente aqui nasce parvo e morre estúpido. Não é como no estrangeiro...

2 — Pois não. Iá! Agente aqui é o da polícia! Está ali o senhor da farda azul turquesa! Dá segurança, portanto e pois, uma coisa que agrada a toda a gente.

1 — Iá! Tá tudo certo!

2 — Aqui?

1 — Aqui e no estrangeiro!

2 — Iá, boa, mano.

B

1 - José Espada

2 - Ana Palma

1 — Eu quero abrir um negócio de dança!

2 — Então olha, mexe-te! **(todos dançam)**

C

1 - Diogo Bento

2 - Flávia Gusmão

1 — Imaginem, imaginem!

2 — O stress, o stress, foda-se, o stress, caralho, o filha da puta do stress!

1 — Imaginem, imaginem, i-magi-nem!

2 — Não me tirem o emprego, não me tirem o chão, não me tirem o emprego, não me tirem o chão.

1 — Não me tirem a pensão, não me tirem a casa; não me tirem os remédios, não me matem do coração.

2 — Não me cortem a luz, não me vendam o colchão, não me tirem os filhos, não me matem o cão.

1 — Não me tapem as janelas, não me tirem a paisagem.

2 — Não me atropelem na rua, não me fintem no mercado, não me roubem no peixe. Não estou em promoção! Não estou em promoção! Não me levem no saco.

1 — Não me atirem para o lixo, não me façam de parvo, não me engulam, não me caguem em cima. Ao menos não me pisem se fizerem de mim merda!

2 — Deixem-me em paz! Não me lixem, não me prometam mundos e fundos porque é sempre a fingir!

1 — Vais almoçar, heim, depois a bica, heim, depois, depois, a mija, a mija, heim, depois, a ganza, pois, à coca, isso, isso, a snifar a cinza dos antepassados, heim, e o stress, o stress, foda-se, outra vez o caralho do stress, do stress, stress incrível, stress, stress!

2 — Imaginem, imaginem, imaginem, depois do stress, um gajo está ali, imaginem em stress e vem o Strauss, a valsa, a valsa do Strauss, estupidez do caralho!

1 — Eu não quero dançar, eu não quero dançar, eu não quero dançar!

(todos dançam freneticamente menos a personagem 2)

B

1 – José Espada

2 – Ana Palma

1 — Pode ser valsa! Pode ser a valsa! Eu quero abrir um negócio de valsas!

2 — Então olha, mexe-te a compasso!

(imagem chão)

D

1 – Emanuel Arada

2 – Cirila Bossuet

1 — O almoço vem na marmita, mas a marmita não veio! Onde terá ido a marmita?

2 — Foi, certamente, passear o almoço!

1 — Mas já devia ter chegado, já passa da hora de almoço!

2 — Mas ainda não passa da hora de marmita! A marmita não tem hora!

1 — Mas... e agora?

2 — Agora não é mas... é marmita: mar que micta!

1 — Mas mar que micta é mar sujo!

2 — Não seja desagradável! Mar que micta é mar quentinho. Ouviu bem, quentinho!

1 — Nadar, nadar, flutuar, flutuar!

2 — Nada, nada, só nada!

E

1 – Miguel Damião

2 – Nádía Yracema

1 — Entra numa cabine 1 por 1, põe moeda de um euro e tem 1 minuto!

2 — Apanha com luz, apanha com som, apanha com raios ultravioleta! Fica bronzeado!

1 — Entra numa cabine 1 por 1, põe moeda de um euro e tem 1 minuto!

2 — Apanha com luz, apanha com som, apanha com raios ultravioleta! Fica bronzeado!

1 — Entra numa cabine 1 por 1, põe uma moeda de um euro e tem um minuto!

2 — Apanha com... apanha com... apanha com raios... apanha com...!

1 — Fica esturricado!

F

1 - Maria João Vicente

2 - Jorge Andrade

1 — Então vizinho está a ver as obras?

2 **(cego)** — Que obras, que obras vizinho?

1 — Então as obras no prédio, as obras no condomínio vizinho!

2 — O que é que se há de fazer, não é?

1 - Belas obras, heim vizinho!

2 — Que obras?

1 — As obras do condomínio!

2 — O que é que se há de fazer não é vizinho?

1 — Obras piramidais!

2 — Caras!

1 — O quê vizinho?

2 — Um bocadinho caras, as obras, do condomínio...

1 — Por amor de deus vizinho, por amor de deus, não me diga uma coisa dessas!

2 — Que coisa?

1 — Pronto vou ter que lhe pregar um estalo.

(black out)

2 — O vizinho morto, estendido na estrada, com um plástico a cobrir-lhe a cabeça.

1 — Os carros passavam devagar em cortejo.

2 — Não o reconheci.

(luz)

1 — O meu cão foi-se embora.

2 — Não voltou?

1 — Não.

1 — O meu cão foi-se embora.

2 — Não voltou?

1 — Não.

B

1 - José Espada

2 - Ana Palma

1 — Vamos *rejoindar!* Lets *rejoind!*

2 — O quê?

1 — Vamos *rejoindar* na *joinda!* Lets *go!*

2 — *Rejoindar* na *joinda!* Isso *rejoinda-te, rejoinda-te* bem!

1 — Sério, *rejoindar?!*

2 — *Rejoindices*, hu, hu!

G

1 - Joana Liberal

2 - Miguel Mendes

1 — Som alta definição.

2 — Imagem de alta definição.

1 — Altamente!... *Swell!*

2 — Agricultura hidropónica.

1 — Não sei o que é.

2 — Também não.

1 — Altamente.

2 — *Swell!*

1 — Já sabes o que é agricultura hidropónica?

2 — Alguém entretanto aprendeu.

1 — Altamente!

2 — *Sweel!*

(repetir duas vezes a sequência)

H

1 - Carla Bolito

2 - Nuno Nolasco

1 — O Sr. Le Pen diz que o Sr. Ébola vai resolver o problema da imigração.

2 — O Sr. Poste de Alta Tensão diz que vai emigrar para o rabo do Sr. Le Pen.

1 — Não cabe.

2 — *Quoi?*

1 — Não cabe.

2 — Será que o Sr. Ébola também consegue resolver o problema do Sr. Le Pen?

1 — Como?

2 — Esvaziando-lhe o rabo!

1 — O rabo?

2 — Não há mais nada para esvaziar. O Sr. Le Pen só tem cocó dentro de si.

I

1 – Maria Leite
2 – José Peixoto

1 — A gosto!

2 — Setembro? **(canta)** Foi no mês de Setembro...

1 — A gosto! Quer dizer q.b....

2 — Com q.b. quem ganha é você!

1 — Ganha o quê, o que é que queres dizer com isso? Estás a ameaçar-me? O que é que eu te fiz? Diz lá o que é que eu te fiz? Atravessaste a passadeira assim à toa! Ias a pensar em quê? Em que é que tu ias a pensar quando atravessaste a passadeira!

2 — Férias.

1 — Para que é que queres férias pá? Para quê? Não aprendes nada, não evoluis nada, não fazes falta a ninguém, o teu dinheiro cheira mal! Imagina, sacam-te o dinheiro e tu morres! Não é mais fácil? Só dás despesas pá, para quê férias? Quando é que acordas para a tua realidade?

2 — Qual realidade?

1 — A gosto.

2 — Perdi o paladar, sabe-me tudo a bacalhau com natas: café, vinho, esparguete à bolonhesa, profiteroles, sabe-me tudo, tudo a bacalhau com natas.

(pausa)

1 — Atroz.

2 — O quê?

1 — O medo. A surdez psicológica. O descalabro. O fim.

2 — O fim é sempre atroz.

1 — O pior não é o fim, não é sequer a barbárie, antes fosse... O pior é a ausência de esperança.

2 — Isso é bluff!

1 — Não vou abrir o jogo.

J

1 – Sílvia Filipe

2 – Beatriz Pessoa

1 — Então, isto aqui é uma *jukebox*, certo? E nós, nós estamos aqui para curtir....

2 — Curtir como?

1 — Então isto aqui, estás a ver, isto aqui, objecto grandioso, extremamente grandioso, *vintage*, grandioso, com luzes a piscar, vinis antigos, estás a ver, grandioso, a *jukebox*, isto, a *jukebox*, certo, isto aqui é o coisital, o coisital do amor? A *jukebox* serve para...

2 — Curtir?

1 — Não, a *jukebox* dá música, música de *jukebox*, o coisital do amor!

2 — Mas música como? Tenho a música toda nos ouvidos, toda, a cabeça cheia de sons, queres ouvir?

1 — Não, não! Vamos lá ver se a gente se entende... Música a dois, percebes, música a dois?...

2 — Está bem, eu canto para ti!

1 — Não, a *jukebox*, está ali, nós escolhemos uma música, o coisital do amor, os dois, em comum acordo...

2 — Comum acordo e...

1 — Ficamos ali a curtir, a curtir!

2 — Não é mais fácil curtir em silêncio?

1 — Sem som? Sem *jukebox*? Sem coisital?!...

2 — Tens razão.

1 — E então?

2 — Sinto-me pouco à vontade...

1 — Porquê?

2 — A *jukebox* não tira os olhos de mim; acho que se sente atraída por mim... está ... isso, isso, coisital...

K

1 — Se a minha mãe fosse viva, beijava-te todo.

2 — Se a minha mãe fosse viva andaria sempre atrás de ti como um anjo.

3 — Se a minha mãe fosse viva seria um anjo, o teu anjo da guarda!

4 — Se a minha mãe fosse viva seria, assim, velhota.

5 — Assim velhota, assim, de pés descalços, assim.

6 — Com uma bata de chita às flores, assim, às flores, velhota.

7 — Se a minha mãe fosse viva seria um anjo, o teu anjo da guarda, sempre atrás de ti.

8 — Sempre atrás de ti e a sorrir, a sorrir muito, com uns óculos de massa a imitar tartaruga, sempre a fazer-te festas e a levar-te o lanche.

9 — A minha mãe se fosse viva não teria cabelos brancos porque a minha mãe nunca teve cabelos brancos.

10 — Se a minha mãe fosse viva beijava-te o corpo todo, ensinava-te a ler e a chorar.

11 — Porque as mães gostam de chorar e de beijos, e nós gostamos disso nas mães.

12 — Gostamos disso, de baterias e de guarda-chuvas.

13 — Não há trepidação sem ritmo,

14 — Não há vontade de existir sem ritmo!

15 — Não há bons invernos sem guarda-chuvas,

14 — Não há trepidação sem ritmo,

16 — Não há transcendência sem medo,

14 — Não há trepidação sem ritmo,

17 — Não há mães sem sacrifício,

18 — Não há ternura sem morte,

14 — Não há trepidação sem ritmo.

19 — Não existem contas de somar sem a subtracção de alguma coisa.

20 — A falta que tu me fazes.

21 — A falta que tu me fazes é o haver de tudo isto:

22 — uma garrafa de vinho,

23 — gente a dançar,

24 — desconhecidos que metem conversa, sim, desconhecidos que metem conversa!

25 — Grafitar as campas dos cemitérios.

26 — Se a minha mãe fosse viva, beijava-te todo, todo, todo!

25 — Grafitar as campas dos cemitérios numa profanação selvagem,

22 — Pura.

23 — Pura.

24 — Pura!

20 — A falta que tu me fazes.

4 — Pura.

5 — Como o coito dos animais.

L

1 - Filipe Duarte

2 - Ana Tang

1 — Estou doente!

2 — Sintomas?

1 — Todos! Tenho a doença da civilização!

2 — Não conheço essa doença.

1 — A civilização a acabar e a gente a murchar, a murchar!

2 — Falta de sol talvez...

1 — A civilização não tem perdão!

2 — Da questão climática à questão moral vai um passo!

1 — Ai que me dói o coração!

2 — Então não é a civilização que lhe dói?

1 — Quando se tem a doença da civilização dói uma coisa de cada vez e tudo ao mesmo tempo!

2 — Então dói-lhe o coração...

1 — Dói-me a civilização, dói-me um dente, dói-me o pé, dói-me o fígado, um coice que levei...

2 — Quem lhe fez uma coisa dessas?

1 — A civilização, a maldita civilização....

2 — Incivilizada!

1 — Selvagem, bárbara, analfabeta!

2 — A civilização intolerável!

1 — Civilização intolerante, superficial, civilização artificial, melíflua.

2 — Tome um comprimido!

1 — E o que é que acontece?

2 — Você desaparece.

1 — E depois?

2 — Depois, morreram as vacas e ficaram os bois!

B

1 - José Espada

2 - Ana Palma

1 — Estás ali a libertar, a libertar a adrenalina na *fast dancing*!

2 — Quantas casas consegues iluminar com o teu pezinho de dança?

1 — Estou em curto-circuito!

2 — E o teu pezinho balança?

1 — O meu pezinho alcança, alcança e não se cansa! Alcança e não se cansa!

M

1 – Maria João Vicente

2 – Carolina Sales

1 — Bravo, grande ideia! Merece um 19!

2 — 19?...

1 — Merece um 99!

2 — 99?...

1 — Merece um 1001!

2 — 1001?...

1 — A perfeição é inimiga da humildade!

2 — E o 1001?...

1 — O que excede, inicia.

N

1 – João Didelet

2 – Ana Palma

1 — Só preciso de financiamento, por favor, tenha dó...

2 — Queres uns cobres para juntar às latas que tens atadas ao carro. Depois aceleras na rua e estragas melhor o sono à vizinhança!

1 — É uma coisa exótica, uma coisa que vende!

2 — É o que eu digo estragas o sono à vizinhança e vês nisso um negócio!

1 — Grande negócio! É lepra moral, ninguém escapa, uma *sociobactéria*, um *sóciovirus*, ou lá o que é, com vocação para o genocídio, uáu, já viste, só coisas do género: “a minha mãe tem muitos carros à porta da garagem. É bem feita! Bem feita! Ela é que convidou! Tanta gente, tanta gente... Não tenho pena dela! *Ai, ai, não consigo dar ordens aos criados, oh, estou tão deprimida! Fingida.*”

2 — Olha, sabe que mais? Ela tem inveja! Inveja, porque eu posso usar roupas justas e ela não! Ela tem inveja do meu colo harmonioso e do meu rabo divino!

1 — Ai, que divino cú!

2 — Ai sim, sim! Sim senhor! Porque eu lanço gases *Chanel* pelo meu rabaçal divino! E para a semana vou a Florença casar pela vigésima quinta vez!

1 — Parabéns, linda!

2 — O meu noivo é um tubarão russo cujas gónadas são ovos de Fabergé! Uma raridade! A propósito de novidades: foste à polícia queixares-te da tua ex-mulher? Ela arranhou-te não foi, coitadinho!?!...

1 — Sim, fiz queixa e ela agora que se amanehe.

2 — Apareceu com um gajo não foi, coitadinho, deves estar a sentir-te mesmo mal, afinal ainda gostas dela não é!?

1 — Um matulão que anda a rasgá-la toda. Um talhante de cutelo em punho valha-me nossa senhora!

2 — Que nojo, coitadinho, estás tão patarata... e dizes isso, assim, da mãe dos teus próprios filhos!...

1 — Quais filhos? Eu não tenho filhos!

2 — Ai tens, tens meu *caga na saca*, coitadinho do *caga na saca*!

1 — Não tenho nada! Ando nisto das revistas cor-de-rosa vai para sete anos e nunca bebi um copito a mais ou *snifei* as cinzas dos antepassados! Estive em Londres por conta da universidade das tretas mundanas e trouxe muitas prendas.

2 — Para quem?

1 — Então para as crianças! Estou a fazer uma dieta com ração para o gado, sabias?!...

2 — Oh coitadinho, e isso resulta?

1 — Sinto-me um velho a morrer de Alzheimer!

2 — É tão chique!

1 — Só no Natal, só no Natal é que dou as prendas aos miúdos, não te esqueças está bem!? E, e, não te esqueças, são meus afilhados, está bem, meus afilhados!?!...

2 — Quem?

1 — Os meus filhos são meus afilhados!

O

1 – Beatriz Godinho

2 – Emanuel Arada

1 — Então, está a menina, não é...

2 — A senhora!

1 — A senhora, pois, está a senhora, posta!

2 — Sentada!

1 — A senhora sentada, de perna traçada!

2 — Esparramada!

1 — A bem dizer esparramada com o seu decote em v de virtude.

2 — A senhora está esparramada a comunicar com o seu *smartfô!*

1 — A senhora parece que faz tricô.

2 — Mas está esparramada, com o seu decote em v de virtude, a mexericar no *smartfô!*

1 — Que linda que está!

2 — Sisuda a mexericar, freneticamente, no *smartfô!*

1 — Não está linda, está sisuda!?

2 — Uma tromba de meter medo ao susto! Quanto ao decote foi-se a virtude e ficou o embaraço!

1 — Está descomposta e zangada?

2 — Está *práli*, a mexericar, a mexericar, a ferver, até parece que vai rebentar! Incha, incha e remexe, incha e remexe!

1 — Tão linda, linda, que até parece...

2 — Estás apaixonado?

1 — Vidrado, vidrado! Que coisa mais linda!

2 — Esta coisa esparramada, purulenta, que se só se mexe dos dedinhos para cima?

1 — Estou apaixonado pelo *smartfô!* Sabes, é para a minha velhice, o meu precoce tricô!

P

1 – Nuno Pinheiro

1 — Então o amigo gosta das nossas instalações? São excepcionais, não diga nada! Mas eu quero que seja sincero, seja sincero, fale comigo, diga o que lhe vai na alma! Ouça, temos aqui os secadores! Gosta da nossa zona dos secadores? Claro, você não precisa, está calvo! Oh careca tira a boina! Você não usa boina. Muito bem, muito bem! Já conhece a nossa zona dos secadores 2? Estes são secadores vip para cabeleiras longas e loiras! Também temos para cabeleiras morenas e fartas e ainda uma zona para cabeleiras ruivas e espessas!! A zona Sansão! Ah, ah, seu maroto... a zona Sansão não é para si, sua Dalila Mamila! Você não precisa.

Precisa de abater essa barriguinha! Come cereais? Come de três em três horas? E de quatro em quatro e de cinco em cinco? Sabe contar? Um, dois, três, quatro cinco? Esplêndido! Diga-me o que acha das nossas instalações. Quer tomar duche, condicionador, champô, gengibre para a voz? Você não precisa! você não fala, percebeu, você não fala! Não fuja com o olhar! Venha cá amanhã! Traga um amigo também.

Já reparou nas suas costas, você já viu como tem as costas? Isso precisa de esticar, esticar. E nada, absolutamente nada, de trepidação exagerada. Fuja dos tremores de terra, homem, senão parte-se todo em bocadinhos como uma rosa de cristal! Gosta de rosas e de chicharros? Tem escrúpulos? E muitas de estacionamento? Não fuja com o olhar! Lá está você a tentar fugir com o olhar! Olhe-me nos olhos! Diga lá o que lhe vai na alma e lembre-se não encontra instalações como as nossas em lado nenhum!

Quanto ao preço? O preço! Cristo e Zoroastro, o preço, o preço é uma comédia, uma ligeireza, uma coisa que se cospe, sei lá, um caroço, uma cogitação, muco, uma cançoneta em ré! Sabe cantar, não sabe? Isto é um país de cantores, quem não sabe cantar não é bom chefe de família!

Tem carta de condução? Ainda não tem carta de condução! Então que veio aqui fazer? Trincar caramelos? Onde é que julga que está? Numa doçaria? Que frescura! Você não está numa doçaria, nem numa sapataria! Calce-se, calce-se, calce-se imediatamente! Que pivete homem! Meu deus o que eu dava por uma gasosa fresca... Tem um espanador? Comece a limpar o pó às nossas instalações, fica à experiência e não se atreva a espirrar! Espere ao menos que chegue o Natal ou outro dia santo qualquer. Só vale espirrar em dias santos! Vá-se lá saber porquê... Encomendaram assim.

Q

1 – Miguel Damiano

2 – Nuno Nolasco

1 — E agora a estrela do momento, aquele de quem todos falam mas ninguém viu! O mais visto sem nunca que ninguém lhe tenha posto a vista em cima!

2 — O único, piramidal, perpendicular, o losango!

1 — O cilindro!

2 — O Homem Invisível!

1 — Então Homem Invisível está tudo bem consigo? Sabe que é o mais visto do planeta Terra? As suas audiências são avassaladoras! As pessoas ligam as maquinas e traú só o vêm a si! A si! Não vêm nada, e isso preenche-lhes o espírito, compreende!! Você é muito espiritual, não é!?... Diga lá aqui à nossa audiência: você é espiritual?... Bacalhau Espiritual? *Breaking news, breaking news!* O Homem Invisível gosta de Bacalhau Espiritual! Mas, sim... escuto... o quê?!... ele assassinou?! Espião?! *Crash, catapumpum?!* Anónimo com ideias fixas?! Anarquista? Um... o quê?! Casou?! Com quem?!... Que bronca, que grande bronca! Ele dá para os dois lados, o Homem Invisível dá para... ele afinal dá para todo o lado!

2 — O Homem Invisível andou 67 semanas fugido a justiça com 5323 agentes policiais, militares, civis e religiosos a tentarem caça-lo mais 724 *drones*.

(interferências, imagens distorcidas; hiatos)

1 — Coisa mais ou menos previsível dados os avanços da tecno-religião: os 732 *drones* chatearam-se à brava por não conseguirem encontrar o Homem Invisível.

2 — A revolta das máquinas! O pessoal humano já estava farto de revoltas, queria era sopas e descanso... desde que tivesse a bucha e um cantinho...

1 — Os *drones* deram cabo das colheitas todas, um apocalipse agrícola! Fome, desolação, gente a vaguar, antropofagia!

2 — Posteriormente os bandos humanos deixaram de ser pessoas, passaram de um estado de dignidade atomizada a um estado vegetativo. Basicamente couves; nalguns casos amibas. Afinal a evolução não nos levara tão longe como julgávamos, a constatação do impensável aconteceu. Talvez nunca tivéssemos deixado de ser isso mesmo, pelo menos no mais axial da nossa arquitectura genética; talvez nunca tivéssemos deixado de ser couves, amibas, cianobactérias, numa abissal e negra fumarola atlântica.

1 — Os *drones*, por sua vez, viraram-se uns contra os outros ao sétimo dia.

2 — Foi uma barraca.

1 — Ninguém se entendia.

2 — Eu escondi-me debaixo da mesa apesar de já ter sido liquidado há muito com um tiro na nuca.

1 — Que se lixem os *drones*.

2 — Eles que se amanhã.

1 — Helena virá, Helena virá com os seus véus finíssimos!

2 — Helena, Helena, Helena.

R

1 - Diogo Bento

2 - Carla Bolito

1 — Tu és porca.

2 — Eu não sou porca.

1 — Ai és, és! Tu és muito porca.

2 — E o barquinho à vela, a sulcar as águas do oceano?

1 — Ai isso é muito lindo de se ver, mas tu continuas a ser porca.

2 — Eu não sou porca sou linda como a vela do barquinho soprada pela brisa do fim de tarde.

1 — A vela do barquinho soprada pelo vento ao fim de tarde é uma coisa linda de morrer, mas tu és porca.

2 — Vá lá, não sou nada, então, vá lá, facilita! Eu não sou muito porca, só um bocadinho, quem é que não é porco um bocadinho?

1 — Eu nunca dei um pum!

2 — Nunca?

1 — ... só uma vez.

2 — Então és porco.

1 — Não sou nada porco! Tu é que és porca. Porca, porca, porca... Tu não te lavas, tu tens uma gadelha que até parece uma nuvem de varejeiras em volta duma bolinha de estrume.

2 — O meu cabelo não se parece com uma nuvem de varejeiras em volta duma bolinha de estrume! Então, tu és parvo ou fazes-te meu javali!?!...

1 — Não é javali, é porco.

2 — Seja! Porco.

1 — Porca. Porca, porca, porca, porca! Comes pacotes de banha ao pequeno-almoço.

2 — Mau mau, ai, ai, ai, que estou a ficar zangada.

1 — Não fiques por amor de deus, tu não te zanges, eu peço-te perdão, eu juro pela minha santa mãe, que deus a tenha, que nunca mais te chamo porca! Se alguma vez te chamar porca que me caia um raio em cima, que seja devorado vivo por um Dragão de Komodo ou um cardume de piranhas, tanto faz, eu nunca mais te chamo porca!

2 — Juras que nunca mais me chamas porca?

1 — Eu seja um Dragão de Komodo a arrastar um cadáver em decomposição se te volto a chamar porca!

2 — Então chama-me barquinho à vela...

1 — Meu harmonioso barquinho branco, longínquo, tão longínquo, a sulcar o oceano com a vela enfunada pela brisa da tarde!

S

1 - Frederico Barata

2 - Maria Leite

1 — E agora, *and now*... Turismo ranhoso!

2 — O turismo ranhoso é um turismo à base de coisas ranhosas!

1 — Apanhas uma gripe e fungas, fungas, fungas!

2 — Atchim! E há com febre!

1 — Temos com febre dos fenos e sem febre dos fenos. Alergia aos ácaros e alergia ao bálsamo de peru! Também temos cefaleias!

2 — O que eu dava por uma valente cefaleia.

1 — Ou uma enxaqueca das antigas!

2 — O que importa é fungar, fungar!

1 — Porquê?

2 — Por causa dos lenços de assoar.

1 — E a vacina?

2 — Aparece de vez em quando. “Olá vacina então estás boa?”

1 — “Eu estou e tu?” Desculpa... **(acende cigarro)** Quero dizer... Ando tensa, deixei de fumar.

2 — Muito me contas!

1 — Eu gostava era de uma casinha à beira mar. Por causa do ranho... isto com a mar passa.

2 — É o que safa isto, o mar.

1 — Para mim é mais o “u”.

2 — O quê?

1 — O “U”!

2 — União faz a força?

1 — Só que se fizeres muita força provocas uma hérnia, já tinhas reparado!?

T

Mendonça - Nuno Pinheiro

F1 - Beatriz Pessoa

F2 - Nadia Yracema

F3 - Beatriz Godinho

F4 - Ana Tang

F5 - Carolina Sales

F6 - Cirila Bossuet

F7 - Maria Leite

(Mendonça, o Vilão Manhoso, mais colectivo de Feinhas — de facto são todas sensuais e provocantes)

M — Tu és feia!

F1 — Não sou nada.

M — Tu és muito feia!

F2 — Isso querias tu, peludo, Mendonça, o vilão manhoso!

M — Feia, feia, como a noite!

F3 — Achas mesmo, Mendonça, o vilão manhoso?

M — Acho, porra! És feia, muito feia!

F4 — Oh pá, então?!

M — Tu, minha linda menina, tu és... muito feia! Ah, não estavas à espera! Apanhei-te feiosa!

F5 — Não digas isso Mendonça, o vilão manhoso!

M — Digo, digo!

F6 — Não digas, não digas isso, pá!

M — Diiiigo!

F7 — Não digas isso ou então atiro-me da janela!

M — Oh, vá lá, não faças isso, pelo amor de uma lampreia, não há outra mais feia que tu!

F1 — Eu sou a bela adormecida!

M — Tu és feia!

F2 — Eu sou a princesa Totó, e sou muito Totó, percebeste Mendonça, o vilão manhoso?

M — Tenho problemas com a compreensão de tudo o que extravasa o âmbito do óbvio. Exemplos do meu baixo q.i ? Sócrates disse: “só sei que nada sei!” Mendonça só sabe que és feia!

F3 — Eu sou a miss Azeitão!

M — Que bom para tiiii! Mas sabes querida, tu és mais a miss... Caixão: as pessoas vêem-te e morrem! Ah, ah, ah, que tirada terrível!

F4 — Eu não sou feia, vilão manhoso!

M — És mais feia que o Arquimedes.

F5 — Quem é esse senhor Mendonça?

M — Esse senhor, minha feiosa duma figa, era um grego que vivia em Siracusa, uma cidade na Sicília, e que gostava de tomar banho. Sujeito aseado, portanto. Tinha um problema complicadíssimo para resolver e de repente, estando a banhar-se, disse: “eureka, eureka!” E descobriu a solução.

F6 — Descobriu o quê o senhor Arquimedes?

M — Que era feio! Ah, ah, que crueldade!

F7 — Oh, coitadinho dele Mendonça, o vilão manhoso! Insensível!

M — Está descansada, és mais feia que ele e não vais descobrir nada de especial ao longo da tua vidinha inútil e parva.

Todas — És tão mau pá!

M — Eu sei! Eu sei. Sou Mendonça, o vilão manhoso, e sou excelente naquilo que faço.

U

1 - Flávia Gusmão

2 - Sílvia Filipe

3 - Maria João Vicente

1 — Seguinte! Então tens caspa?

2 — Não.

1 — Seguinte! Então gostas de bola e cerveja alemã?

2 — Sim.

1 — Seguinte! Então como é que vão esses ossos?

2 — Bem.

1 — Seguinte! Vais votar em quem?

2 — Estou indeciso.

1 — Seguinte! Vais votar em quem?

2 — O que é isso?

1 — Seguinte! Vais votar em quem?

2 — Nos partidos tradicionais.

1 — Seguinte! Vais votar em quem?

2 — Nos partidos tradicionais.

1 — Seguinte! Vais votar em quem?

2 — Partidos tradicionais!

1 — Seguinte!

2 — Partidos tradicionais!

1 — ... **(imagem do rosto sereno e em silêncio)**

2 — Partidos tradicionais!

1 — ... **(imagem do rosto sereno e em silêncio)**

2 — Partidos...

1 — Seguinte! Então como é que vão esses ossos?

2 — Parti uma perna.

1 — Seguinte! Então como é que vão esses ossos?

2 — Estou muito feliz.

1 — Seguinte! Gostas de bola e cerveja alemã?

2 — Estou muito feliz.

1 — Seguinte! Tens caspa?

(branco)

2 — Olhei longamente, durante um tempo interminável, para a estátua da virgem. Depois, num prodígio sublime, a virgem destapou o seio esquerdo e aspergiu-me leite na face.

1 — A virgem é uma reprodução 3d em matéria plástica!

2 — A virgem é uma reprodução 3d em matéria plástica! Uma verdadeira alucinação, um detonador místico, erótico e popular.

1 — Um verdadeiro milagre!

2 — Diz antes uma constelação de sentidos.

1 — Mas era só uma estrela, a estrela de Belém! Os reis magos orientaram-se por ela, pela estrelinha!

2 — Isso foi antes do advento da era digital.

1 — Queres dizer que não vamos voltar a ter Natal? Que nunca chegaremos a Belém?

2 — Quero dizer que não interessa saber o destino mas reconhecer quando se chega. Lembra-te: **(legendas)** olhei longamente, durante um tempo interminável, para a estátua da virgem. Depois, num prodígio sublime, a virgem destapou o seio esquerdo e aspergiu-me leite na face.

1 — Quando encontrares saberás.

3 — E a pedra no chão, esse calhau rolado pelo acaso, de aparência vulgar, será a tua pedra filosofal pois que Romeu dela se serviu para despertar Julieta na sua câmara de vidro.

B

1 - José Espada

2 - Ana Palma

1 — Uma escola de dança, eu quero fundar uma escola de dança, quero por toda a gente a dançar, a dançar.

2 — Então mexe-te!

(imagem colectiva; todos parados)

V

Fernanda Neves

1 - O facto de existires faz-me ver o mundo de outra maneira.

(a frase é dita 25 vezes)

W

1 - Maria João Vicente

2 - Nuno Nolasco

1 — Olha bem: este tipo está a sofrer.

2 — Morreu-lhe alguém?

1 — O tipo chora, chora...

2 — Morreu-lhe alguém?

1 — Está *prá*li a espremer limões...

2 — Alergia a alguma coisa?!...

1 — Chora, chora...

2 — Se calhar perdeu alguém que lhe era muito caro!...

1 — Chora...

2 — Perdeu a dignidade.

1 — Chora...

2 — Perdeu tudo.

1 — Como que decapitado.

(deserto; vento)

1 — Como no livro de Job?

2 — Vem *prá*qui ver o espectáculo todos os dias, não se cansa, não perde um segundo que seja do espectáculo e chora, chora o tempo todo...

1 — Porquê?

2 — Nem ele sabe. Por esta altura só chora.

1 — Chora por nada?

2 — Chora por tudo e por nada.

1 — Triste sina.

2 — A dele?

1 — Não... a nossa.

X

1 – Frederico Barata

2 – Emanuel Arada

3 – João Didelet

4 – Carolina Sales

5 – Filipe Duarte

6 – Ana Tang

7 – Miguel Mendes

1 — Está quase a passar-se...

2 — Se tocares naquele ponto, passa-se mesmo.

1 — O ponto de passagem.

2 — A gota de água.

3 — Não me falem dessas coisas!

1 — Referes-te ao cabide?

3 — Foda-se. **(fade-out de imagem do rosto)**

1 — Pronto! Já está. Passou-se com a alusão ao cabide. Tinha lá o casaco posto. O casaco preferido.

2 — Um tipo perdido em mangas de camisa.

1 — Agora é ela.

2 — Ela quem?

1 — Está quase, quase a passar-se. Começou a praguejar em surdina.

2 — É assustador, ela a praguejar em surdina.

4 — Eu estou-me a passar, eu estou-me a passar!

2 — Se ela se passa acabou-se, sai de campo.

1 — Sai de campo, desaparece.

2 — Quem desaparece, esquece. Não te mexas tanto, mulher!...

1 — O teu... primo!

4 — Não metam o meu primo na história!

1 — O teu... primo!

4 — Deixem o meu primo em paz ele não vos fez mal nenhum!

2 — Priminho... priminho...

4 — Foda-se! **(fade-out de imagem do rosto)**

1 — Conheces aquele?

2 — Qual?

1 — Aquele da boina!...

5 — Eu não percebo; comprei o passe, venho todos os dias, como um pão, bebo um copo de vinho, eu não percebo, eu cumpro as tarefas que me foram destinadas.

2 — Fala muito.

1 — Fala demais.

5 — Eu não percebo! Comprei o passe social... trabalho, casa, casa, trabalho... ajudei o elefante a atravessar a rua; este episódio deu nas vistas, deu muito nas vistas! Se calhar foi isso... Eu não percebo porque é que isto me está a acontecer e tenho aqui uma carta... deixa ver, cá está... uma carta assinada pelo elefante em pessoa! Ele concorda comigo, ele apoia-me!

1 — Este demora mais tempo a passar-se.

2 — Será que está avariado.

1 — Um preguiçoso cheio de desculpas!

5 — Eu tenho estado à espera! Não foi isto que me explicaram! Disseram que era assim e... eu convenci-me que era assim! Eu treinei-me para ser assim! Eu não sou assim, eu não sou assim!

2 — Um cobarde.

1 — Devia ter levado mais tarefa.

5 — Eu levei muita tarefa! Só deus sabe o que eu sofri! Eu sofri com as crianças todas a berrarem à minha volta, a não perceberem nada! Eu tive que repetir, repetir, as

mesmas coisas centenas de vezes e elas não se calavam! As crianças não se calavam! Elas diziam que não percebiam, que estavam atentas mas não percebiam... Elas... não estavam atentas... e não percebiam porque não eram disciplinadas e eram burras... elas eram burras...

1 — Tens a certeza?

5 — Foda-se! **(fade-out de imagem do rosto)**

2 — Quem é esta?

1 — Esta é a do casamento.

2 — Vais-te casar?

6 — Vou.

2 — E o teu noivo?

6 — É um tipo porreiro. Está a falar com os músicos que estão a tocar no nosso casamento.

2 — Gostas de música?

6 — Sim!

2 — Qual é a tua música preferida? Não respondas já, diz-me ao ouvido. Fantástico.

1 — Queres dançar com ele, com o teu noivo ao som desta música?

6 — Sim, quero muito!

2 — Achas que eles vão tocar bem?

6 — Já os ouvi, tocam maravilhosamente.

2 — Maravilhosamente. Estás mesmo encantada, pareces uma princesa.

6 — Obrigado!

1 — Não agradeças. Dá sempre jeito uma noiva.

2 — Por causa dos comes e bebes percebes?

1 — Dia de casamento, dia de fartura!

2 — Encher a barriga! O demónio é gordo, muito gordo, sabias?

6 — Não. Julguei que tinha uma cauda com uma ponta de seta.

2 — Há demónios para todos os gostos. Qual é a tua cor preferida?

6 — Vermelho.

2 — O teu noivo foi-se embora.

6 — O quê?!...

1 — Estamos aqui para dar más notícias.

6 — O quê, não pode!... Romeu, Romeu, onde é que estás Romeu? Alguém viu o Romeu, o Romeu o meu noivo? Romeu, então amor, estás a brincar comigo?! Então deixas-me aqui pendurada no altar? Não estou a gostar desta partida de casamento amor! Romeu, aparece! Foda-se, Romeu, foda-se! **(fade-out de imagem do rosto)**

1 — Este é o da arca.

2 — Tem uma arca?

1 — Julga-se o Noé.

7 — Cabemos todos lá dentro é só uma questão logística.

1 — Não pode caber tanta gente.

7 — Não, não, isto com planeamento, boa vontade e imaginação consegue-se! Cabe toda a gente lá dentro.

2 — Quanto tempo é que julgas que vai demorar o dilúvio?

7 — Não sei... temos provisões para bastante tempo... uma central de dessalinização e aproveitamento da água da chuva; podemos pescar; e, mais importante, tenho um protótipo de um conversor de pedras em bifés!

1 — Um protótipo de um conversor de pedras em bifés?!...

7 — Estamos agora a fazer testes com seitan!

2 — Converter pedras em bifés de seitan!

1 — O que é que o teu conversor não converte?...

7 — Ainda não consegui... isto é embaraçoso... Ainda não consegui converter pedras em palitos *la reine*...

2 — Ah, palitos *la reine*, já cá faltava a nobreza!

1 — Sim, a nobreza.

2 — A eterna luta de classes.

1 — Uns por cima outros por baixo!

2 — Palitos *la reine!*

1 — A rainha acima de tudo e todos!

7 — Tenham lá calma! Não é bem assim! É só um protótipo e temos bifes!

2 — E seitan, certo?

7 — Sim, seitan!

2 — Mas no fundo, no fundo, tu gostas é de doces, gostas da rainha!

1 — A habitual tendência para a aniquilação do próximo.

2 — O massacre sempre foi o nosso forte.

1 — E o nosso ponto fraco.

2 — O massacre do próximo. Não há harmonia possível.

7 — Há sim, há sim! Há lugares para todos na minha arca!

1 — A bem dizer só há para ti.

7 — É mentira, é mentira!

2 — Para ti e para os teus genes.

7 — É mentira, é mentira... eu estou-me a passar!

1 — Quando é que tiveste relações sexuais pela última vez? Responde?!

7 — Não faço ideia, isso vem a que propósito?

2 — Acho que não fizeste as coisas como devias.

7 — Como?

1 — Ofendeste a tua parceira.

7 — Eu amo-a!

2 — Lírico e tolo! Tu amas-te a ti!!

7 — É mentira!

1 — Lembra-te lá bem do que disseste! “Vem-te minha porca, isso, vem-te minha porca!” Não foi assim?!

7 — Eu não disse isso, eu não disse isso!.

2 — Tu não gostas de nada, nem de ninguém. A tua pretensa magnanimidade só serve para disfarçares a tua cobardia e o teu egoísmo.

1 — Tu inventaste uma personagem.

7 — É mentira!

2 — Não tapes o sol com uma peneira!

7 — É mentira, é mentira!

1 — Até nós somos tua invenção!

7 — Eu não vos conheço, eu nunca vos tinha visto antes.

2 — Ora aí está, ora aí está! Antes de nos inventares nunca nos tinhas visto.

1 — Só começamos a ter existência contigo. Só existimos por tua causa. Lembra-te bem do que disseste: “vem-te minha porca, isso, vem-te minha porca!”

7 — Vocês existem!

2 — Claro que existimos!

7 — Vocês não são fruto da minha imaginação!

1 — Fruta agora para quê?

2 — Peras, maçãs, bananas?

7 — Eu disse fruto da imaginação!

1 — Ah, pormenores linguísticos...

2 — A tua imaginação fértil... Porca!

7 — Cabem todos na minha arca.

1 — Não tens remédio. Aceita-te como és, aceita as coisas como elas são: todos pagamos um preço pelas nossas acções.

7 — Não me mandem embora, por favor não me mandem embora, deixem-me partilhar convosco.

2 — *Bái bái!*

(está só no ecrã)

7 — Ei, onde é que estão?! Onde é que foram? Eu estou aqui, eu estou aqui, aqui, aqui! Aqui e agora!

Off 1 — Tu nem a foder és simples.

7 — Não, foda-se! **(fade-out de imagem do rosto; seguem-se sombras)**

Off 2— Ok, acabou.

Off 1— Lá se foi a arca da aliança.

B

1 - José Espada

2 - Ana Palma

(imagem: só mãos)

1 — *Agitá, agitá, agitá!* Eu sempre quis ser baterista! *Agitá, agitá, agitá!*

2 — Eu faço solos de guitarra no terraço do meu oitavo andar.

1 — *Agitá, agitá!*

2 — Toca a mexer.

Y

1 - Miguel Damião

2 - Jorge Andrade

3 - Beatriz Godinho

4 - João Didelet

5 - Carla Bolito

6 - Miguel Mendes

7 - Flávia Gusmão

8 - Emanuel Arada

9 - Diogo Bento

10 - Ana Tang

- 11 – Joana Liberal
- 12 – Maria João Vicente
- 13 – Fernando Nobre
- 14 – Nuno Nolasco
- 15 – Sílvia Filipe
- 16 – Nádia Yracema
- 17 – Filipe Duarte
- 18 – Cirila Bossuet
- 19 – José Peixoto
- 20 – José Espada
- 21 – Ana Palma
- 22 – Frederico Barata
- 23 – Maria Leite
- 24 – Nuno Pinheiro
- 25 – Carolina Sales
- 26 – Beatriz Pessoa

1 — O que é que te faz falta afinal?

2 — Do que é que precisas?

3 — Não estás bem, é?

4 — Não te sentes confortável?

5 — Não sabes o que sentes?

6 — Não percebes nada, estás confusa?

7 — Atina-te, não é?!...

8 — Não te apetece?

9 — Não estás inspirado?

10 — Achas-te uma merda?

11 — De vez em quando toda a gente se acha uma merda!

12 — Quem é que não se acha uma merda de vez em quando?!...

13 — Eu estou satisfeito.

14 — Estás satisfeito?

15 — Eu também estou satisfeito. É verdade que por razões diferentes...

16 — Não te falta nada?

17 – Acções na bolsa!

18 — Canivetes Suíços!

19 — Não, a mim também não me falta nada. É verdade que por razões diferentes...

18 — Canivetes suíços e mortadela!

17 – Acções na bolsa e uma nota de água!

20 — Queres que te conte uma história?

21 — Era uma vez... fecha os olhos... isso, isso, era uma vez... fecha os olhos...

(só boca)

1 — Tens um plano de gestão e de financiamento? Sabes somar, subtrair, multiplicar? O que é que tens em *stock*, quanto é que te custa o material, qual a margem de lucro? Divulgação, promoção, feiras internacionais?

(de novo rosto)

20 — Queres que te conte uma história?

21 — Era uma vez... fecha os olhos... isso, isso, era uma vez... fecha os olhos...

22 — O meu negócio é dançar, dançar!

23 — Mentira!

22 — Mentira, porquê?

24 — Tu és muito feia, sabias? Já tinhas reparado, a sério, a sério, já sabias?

25 — Já me tinham dito isso, mas não me afecta.

(vista de perfil)

24 — Não te afecta! Bolas pá! Isso é incrível! Eu se tivesse a tua cara vivia na clandestinidade, no mínimo! Nunca tinhas reparado o quão feia és? Rapariga, acorda, rapariga! Como é possível nunca te terem dito que és feia? Nunca te disseram pois não? Explica-me lá isso, vá lá explica lá, sua feia, então?

(de novo frontal)

25 — Eu se calhar nunca ouvi os comentários que faziam a meu respeito, se calhar foi isso, andei distraída! Distraí-me! Podem perdoar-me uma distração?

2 — Sua mandriona! É preciso estudar muito para ser feliz! Nunca ouviu dizer?

3 — Mas, professor, eu quero ser sua namorada!

26 — Por amor de deus eu preciso de condições para falecer!

2 — O que... o que é que isso significa?

20 — Queres que te conte uma história?

21 — Era uma vez... fecha os olhos... isso, isso, era uma vez... fecha os olhos...

4 — Focar-me em ti, como um predador! Atacar-te e comer-te, para não me confundir.

5 — Mas que raio de ideia? Isto não está bem!

6 — Claro que não está bem! Quem é que está bem, quem é que se sente confortável?

7 — O nível de vida no Bangladesh aumentou substancialmente! Melhoraram as condições de vida: saneamento, rendimento *per capita*, mortalidade infantil, esperança de vida, número de telemóveis por habitante!

20 — Queres que te conte uma história?

21 — Era uma vez... fecha os olhos... isso, isso, era uma vez... fecha os olhos...

7 — Os números não mentem! Os números não mentem! O progresso económico do Bangladesh é incrível!

8 — Brutal!

9 — Brutal como?

8 — Brutal apenas, é o meu nome: Brutal!

9 — Não diga isso, o mundo está cada vez melhor!

10 — Insofismável!

11 — Exactamente!

10 — Não é exactamente, é insofismável!

11 — Insofismável?

10 — Simplesmente.

11 — Mas...

10 — O meu nome é Insofismável!

11 — Ah, pensei...

12 — Esse sou eu!

11 — Pensou, foi?

12 — Não, Pensei, Pensei é o meu nome: Toshiro Pensei!

11 — Ah, filmes japoneses!

20 — Queres que te conte uma história?

21 — Era uma vez... fecha os olhos... isso, isso, era uma vez... fecha os olhos...

26 — Vamos todos falecer um bocadinho! Pronto, já falecemos! Sentem-se melhor! Bravo!

13 — Chamaram-me?

12 — Não digas nada! O teu nome é Chamaram-me?

13 — Que raio de nome, quem é que vai chamar a alguém Chamaram-me? Isso é nome de terrorista da Al-Qaeda, valha-me santa Efigénia! Não amigos, o meu nome é Sentem-se Melhor! Sentem-se Melhor?...

12 — Por enquanto sim!...

13 — Sentem-se Melhor!

12 — Ok, está certo. Está tudo bem amigo!

13 — É de origem eslava! “Sentem-se” tem a ver com batatas cozidas: “sentem-se para comer as batatas!”

12 — Não queremos obrigado.

13 — É como se diz lá na terra! Sentem-se para comer as batatas!

20 — Queres que te conte uma história?

21 — Era uma vez... fecha os olhos... isso, isso, era uma vez... fecha os olhos...

13 — Profundo! Reparem bem, profundo, como todo o provérbio que mergulha as suas raízes no mais íntimo da sabedoria popular!

14 — Chamaram-me? Sabedoria Popular! Para os amigos SP, por vezes confundem-me com Sub-Palco, Senhor Porteiro e até, notem bem, Salva de Palmas, mas, não aplaudam! Por favor!... A modéstia e a sobriedade fazem parte do meu léxico! Sabedoria Populaaar... vamos todos dizer em conjunto: a Sabedoria Populaaar!

13 — Parem com isso, parecem hienas com o cio! Nunca vi nenhuma diga-se! Sentem-se melhor?

15 — Sim, sim, Sem Sombra de Dúvida! Sem Sombra de Dúvida é o meu nome, o meu gentílico, a minha graça, o meu epíteto, o meu... ah, carradas de nozes para o meu esquilo Bernardo! Por amor de Deus Bernardo não mames as nozes todas da vizinhança, comprámos-te 13 alqueires Bernardo! Bernardo o esquilo! Aventuras, desventuras e enrascadas medonhas, *starring*, Bernardo! Esse mamífero azougado pleno de intenções nefastas! Tremei diante da força brutal do Bernardo!

8 — Brutal sou eu!

20 — Queres que te conte uma história?

21 — Era uma vez... fecha os olhos... isso, isso, era uma vez... fecha os olhos...

26 — No final da história, a coisa acaba, apaga-se, acabou! Vá lá, não fiquem assim tipo lesma! Vamos falecer. Então ninguém falece?!

16 — Ca Ganda lata! Ca Ganda Lata foi um grande chefe africano: o chefe Ca Ganda Lata Primeiro, e único!

17 - Encontrei-te, de novo, por acaso. Dá cá um abraço, dá cá um abraço forte, um abraço forte

18 — Ser pessoa é qualquer coisa que me deixa de rastos, preferia ser o sol. Gostava de ser o sol. Acho que toda a gente precisa de brilhar um bocadinho.

22 — Vá Gina!

23 — Eu não sei se vou, se fico!...

22 — Vá Gina, vai lá Gina!

23 — Não sei achas que sim?

22 — Vá Gina, vai, vá lá!

23 — Mas vou em nome de quê?

22 — Da natalidade Gina! Vá Gina! Da natalidade! Coisa bonita Gina, vá Gina!...

23 — Se não fosse Gina era ardina, vendia jornais, agora...

22 — Valente Gina, sê valente!

23 — Valentina? Parecia demais, demais, parecia Gina sem va, parecia fina a Gina sem va, parecia vafina...

22 — Morfina?

23 — Oh pá, o meu pai a morrer não foi nada bonito.

22 — Tens saudades? Vá Gina, vá...

20 — Queres que te conte uma história?

21 — Era uma vez... fecha os olhos... isso, isso, era uma vez... fecha os olhos...

26 — Deixam-me falecer, pela vossa santa mãe, deixam-me falecer com estilo! Obrigado!

Z

1 - Maria João Vicente

2 - Nuno Nolasco

1 — Não vou mudar a roupa da cama.

2 — Vais deixar a janela aberta?

1 — Sim. Quero ver se os passaritos lá da rua entram pela janela adentro e fazem ninho.

2 — Isso uma vez aconteceu-me com um casal de falcões peregrinos. Dei de beber e de comer às crias. Acho que ajudei na criação.

1 — E depois?

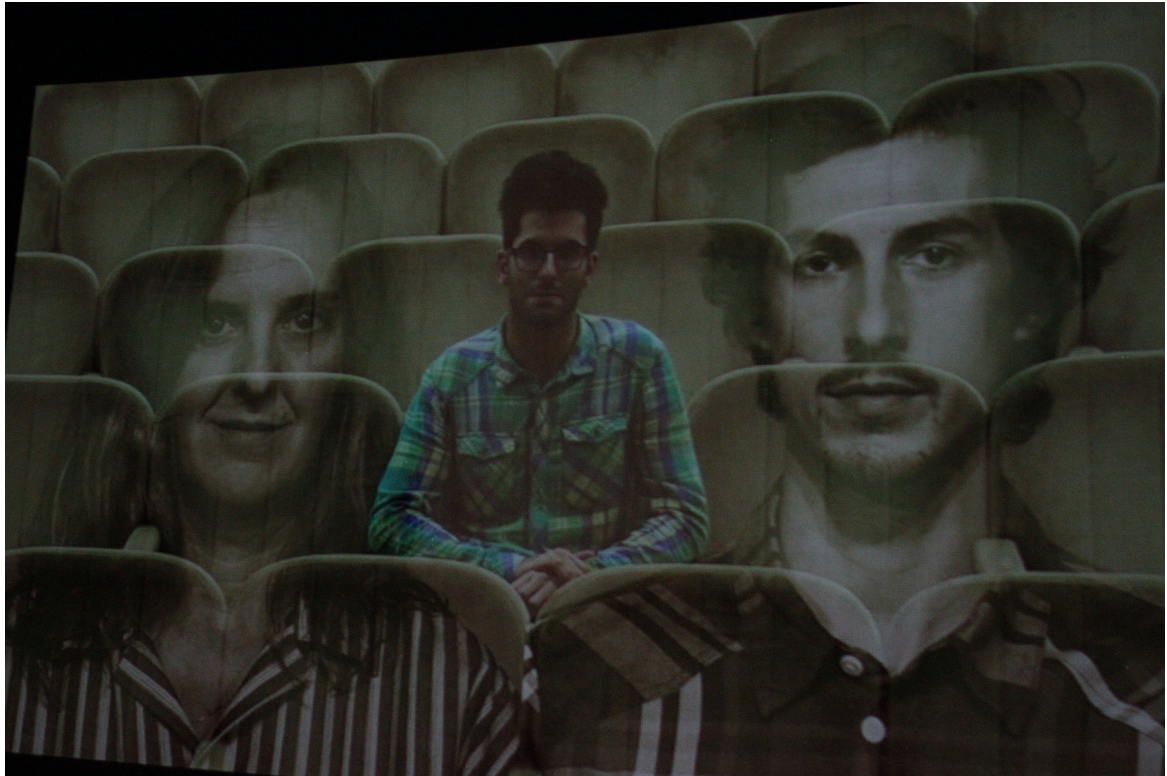
2 — Depois foram-se embora.

Fim

Amadora
2014-05-26

Carlos J Pessoa

II - Registos Fotográficos de *Teatro-Twitter*





Nota - Registos Fotográficos de três momentos distintos do espetáculo *Teatro-Twitter*, Lisboa, Teatro Taborda.

III – Textos de Folha de Sala do Espetáculo *Teatro-Twitter*

Teatro-Twitter

de Carlos J. Pessoa – Espectáculo comemorativo dos 25 anos do Teatro da Garagem

Teatro Twitter é o espectáculo que assinala os vinte cinco anos de existência do Teatro da Garagem. Como uma súpula de todos estes anos de actividade, em *Teatro Twitter* convergem os *tweets*, as mensagens breves, de anos de trabalho em que procurámos engendrar o alento para cada dia que passa. *Teatro Twitter* são pois as mensagens dentro da garrafa, atiradas ao mar em busca de um interlocutor ocasional que, andando numa praia, desse conta de um sinal de que existimos, de que fomos nós, gente de carne e osso, os que aqui estiverem. *Teatro Twitter* compõe-se de pequenas cenas, em forma de frases curtas, em que um numeroso núcleo de actores, — colaboradores passados, presentes e futuros, todos eles e elas, e ainda os que, por limitações de vária ordem, não podemos convocar, do Teatro da Garagem, ao menos no nosso espírito... — dão corpo e voz, numa sequencia de vídeos a uma unidade cénica contemplativa; um jardim de imagens e de sons cuidado por guardiães, interpretados por jovens actores, de paragens distantes e falando línguas evocativas, na passagem das diferentes estações do ano. *Teatro Twitter*, templo ecuménico, que se dá a ver, aqui e agora, representa o nosso desmedido amor pelo teatro, pelos actores e pelas atrizes e por essa medicina da alma que parece operar em nós uma espécie de apaziguamento sublime sempre que a cortina sobe no palco. A pequena eternidade que resulta de *Teatro Twitter*, estas memórias vivas, habitáveis, suspensas no espaço e no tempo, creio que contêm o essencial do que somos enquanto companhia de Teatro: um desejo absurdo de conhecimento, de nós, dos outros e do mundo, na convocação de uma cascata de pequenos nada; banalidades, riso, choro, crueldade, bondade... e uma promessa: a de que não desistimos de continuar a levar a bom porto a barca incerta das nossas certezas.

Carlos J. Pessoa

Poemas roubados

Este espectáculo propõe um teatro para qual concorrem diversas ideias que temos vindo a ensaiar em criações anteriores, nas quais se fundem materiais textuais, videográficos, cenográficos e musicais com o trabalho dos actores. Em cena uma cascata serve como pano de fundo aos rostos projectados que corporizam pequenos diálogos, ou *tweets*, tirados das conversas do quotidiano, no que têm de trivial e simultaneamente poético. A cascata traz a natureza para o teatro e imprime à cena uma ideia de paisagem, permitindo também, através da água, uma irregularidade e movimento no cenário. Os diálogos, poemas roubados, gravados e projectados, animam esta espécie de pintura tridimensional. Estes diálogos são interpretados pelos actores da companhia e por vinte cinco actores convidados, tantos como os anos de existência do Teatro da Garagem, que marcaram, ou virão a marcar, o nosso percurso. Os actores existem aqui, antes e para lá da cena. À semelhança de um estúdio fotográfico do século XIX, no qual se recriava um ambiente específico retirado do real que servia de cenário aos modelos fotografados, o teatro transforma-se num espaço de reflexão sobre a realidade, criando um lugar profícuo para os actores demiurgos. As cenas estão organizadas por letras, tantas como as do alfabeto, e configuram a construção de uma enciclopédia singular que, apesar de tentar entender a vida na sua complexidade e diversidade, tece um texto poroso que poderá ser sucessivamente revisto pelos outros e pela actualidade. O teatro, tal como a vida, é frágil e permeável ao tempo e qualquer tentativa de fixação parece ir contra a sua natureza. Neste espectáculo delineamos apenas margens para uma matéria em permanente movimento. No entanto podemos caminhar, caminhar de miragem em miragem, banharmo-nos na água fresca e ouvir o chilrear dos pássaros.

Maria João Vicente

Marcellus What, has this thing appeared again tonight?

Horatio Stay, speak, speak, I charge thee speak.

Marcellus 'Tis gone, and will not answer

Shakespeare, *Hamlet*.

Teatro Twitter comemora os vinte cinco anos do Teatro da Garagem, apresentando-se como uma peça em que se afirma a identidade da companhia e se celebra o teatro, na evocação festiva e nostálgica das pessoas que fizeram, fazem e farão teatro no Teatro da Garagem. Durante cerca de dez anos, fui uma dessas pessoas e tenho também a honra de participar neste espectáculo, mas tenho, sobretudo, a oportunidade de parabenizar a Garagem e as suas pessoas e de agradecer à companhia tudo aquilo que me deu a conhecer e que me permitiu viver.

Neste momento de festa, talvez a celebração seja o mais importante e o mais visível nesta peça que é um memorial elegíaco e laudatório que o actual Teatro da Garagem e, em particular, o autor e encenador dos textos da companhia, Carlos J. Pessoa, querem prestar a todos os que passaram pela companhia, aos que, no momento presente, a compõem e mesmo a alguns que nunca a habitaram, a não ser, eventualmente, como espectadores. Esta homenagem faz-se através de um dispositivo cénico em que o palco está quase vazio, sendo projectados dois rostos (existem mais variantes, mas esta é a situação mais comum), no ciclorama do fundo de cena, numa sequência de vídeos. A caixa do palco torna-se, assim, a boca gigante e escancarada da máscara trágica e a grande-angular de um olhar sobre o mundo e o teatro. Os vídeos, que funcionam como ícones em que a representação e a existência se fundem, são de pessoas e personagens, que foram e são importantes para o Teatro da Garagem, e fazem-se ouvir por voz gravada, numa sequência de cenas de A a Z. Carlos J. Pessoa diz-nos explicitamente o que representam, pela imagem fantasmática e oracular de Fernanda Neves, na cena V: «O facto de existires faz-me ver o mundo de outra maneira». As cenas – não poderíamos esperar outra coisa – estabelecem uma relação longínqua entre si e decorrem sob o signo de uma infinidade de tópicos, definindo *ostweets* e, sobretudo, a estrutura *twitter* da peça, característicos do universo criativo do autor: a infância como eternidade do espanto e da promessa; o quotidiano poético e delirante; o racionalista provinciano; a religiosidade das paixões

humanas; o cinismo de pé descalço; a poesia de vão de escada e cigarro ao canto da boca, nos becos aqui e ali; a perplexidade do fim das coisas e das pessoas; *the English language as Portuguese delight*, e por aí fora. Há, contudo, uma cena curtiinha, a B, que se vai repetindo e une todos os outros momentos video-foto-gráficos com voz e movimento, para além da totalidade do espectáculo. É interpretada pelo rapaz-camisolinha-de-alças-e-fita-de-kung-fu-na-cabeça e pela rapariga-sangue-nas-mãos-e-camaleões-na-circulação-sanguínea, interessados em abrir um negócio de dança e, sobretudo, em mexer-se e em que as criaturas, em geral, se mexam. É claro que a dança é a própria peça, não se querendo com isto dizer que esta peça é um bailado, e estes dois são os oficiantes de um teatro como celebração de uma vida coxa que se mexe, mesmo que não queiramos, e como máquina de fantasmas que nos assombram, extasiam e transportam. A dança, já se vê, não é propriamente feliz e, se um dia pudéssemos parar de dançar, poderíamos concentrar a plenitude da nossa vontade num beijo a tudo e todos, mas, provavelmente, morreríamos de tédio.

Como disse, talvez este evocar da memória passada, presente e futura seja o aspecto mais visível e importante de *Teatro Twitter*, mas, na minha opinião, não é. De facto, o que surpreende nesta peça, escrita e encenada por Carlos J. Pessoa, é a equação entre esse objectivo e o risco de um objecto cénico que é e será tudo menos consensual. Inscrevendo-se numa experiência de uso de imagens gravadas, que tem marcado os últimos trabalhos da companhia, *Teatro Twitter* é, e podia obviamente não ser, uma peça arrojada e formal e esteticamente susceptível ao olho crítico. O risco e muito menos a crítica não são, porém, o que interessa. O que importa é uma identidade artística e estilística que, não sendo estável e estabelecendo-se em processo de pesquisa experimental, o Teatro da Garagem insiste em reclamar e afirmar como sua. Esta identidade não é temática e relaciona-se com um pensamento sobre o teatro e sobre o fazer teatro e é este aspecto que determina, conjuntamente com o que descrevi, o funcionamento de dois outros elementos cénicos que, sendo impressionantes, são, porém, discretos e subtis na cena de *Teatro Twitter*. Um é a presença de um dispositivo, à frente do ciclorama, que, de tempos a tempos, forma uma fina cascata de água que cai da teia, para se perder nas trevas do subpalco. Hipérbole da efemeridade e do devir, a cascata é a epígrafe simbólica de um estilo cuja marca distintiva é uma luta contra a cristalização estética e a pacificação do espírito. O outro, à frente da cascata, junto à boca de cena, é um jardim de pedras brancas, caminho impossível, estéril e exíguo que, no entanto, é

preciso trilhar, tratar e acarinhar. Interagindo com estes elementos cénicos, as imagens projectadas, a cascata e o jardim, três actrizes estrangeiras, falando línguas bárbaras sem qualquer tradução, e um actor criam uma paisagem cénica ritual que compõe o *templo ecuménico* de que Carlos J. Pessoa fala. Será escusado, e proibido até, perceber o que dizem, mas todos nós apostamos saber o que aquelas criaturas estão a dizer, a fazer e a representar, porque o que quer que seja é muito mais antigo do que elas, do que nós e do que o próprio teatro.

A vulnerabilidade dos homens e das suas empresas exigiu sempre a tutela daquilo que o escrutínio humano não penetra. O sentido, que procuramos incessantemente, deita-nos numa cama com lençóis de seda e um manto de veludo, a que chamamos morte, mas a perplexidade do enigma obriga-nos a olhar pela nossa vida e pela dos que nos rodeiam. O que fica, pois, deste teatro é a presença de uma laboriosa religiosidade de um teatro clássico, na euforia festiva de pessoas comuns que dizem e fazem coisas pequenas, sonhadas talvez por deuses que elas mesmas criaram.

David Antunes

Ficha Artística e Técnica

Texto, Encenação e Concepção **Carlos J. Pessoa**

Dramaturgia **Maria João Vicente**

Assistente de Encenação **Nuno Nolasco**

Interpretação **Akiyo Matsumoto, Ana Palma, Ana Tang, Beatriz Godinho, Beatriz Pessoa, Carla Bolito, Carlos J. Pessoa, Carolina Salles, Cirila Bossuet, Danae Christopoulou, David Antunes, Diogo Bento, Emanuel Arada, Fernanda Neves, Fernando Nobre, Filipe Duarte, Flávia Gusmão, Frederico Barata, Ivo Melo, Joana Liberal, João Didelet, Jorge Andrade, José Espada, José Peixoto, Maria João Vicente, Maria Leite, Miguel Damião, Miguel Mendes, Nádia Yracema, Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro, Panagiota Apostolidou e Sílvia Filipe.**

Música **Daniel Cervantes**

Cenografia e Figurinos **Sérgio Loureiro**

Vídeo **Maria Leite, Nuno Nolasco e Nuno Pinheiro**

Desenho de Luz **Nuno Samora**

Direcção de Produção **Maria João Vicente**

Produção, Comunicação e Divulgação **João Belo**

Assistência de Produção **Miguel Stichini**

Construção Cenográfica e Montagem **Stay On The Scene**

Agradecimentos **Ana Vicente, Andreia Peixoto, Bernardo Azevedo Gomes, David Antunes, José Carlos Nascimento (TNDMII), Luísa Marques (ESTC), Luísa Marques Vicente, Ribeiro Chaves (OPTEC) e Rita Belo**

IV - Dossier de Imprensa do Espetáculo *Teatro-Twitter*



OS 25 ANOS NO TEATRO TABORDA

13 NOV/7 DEZ Teatro Twitter Ainda em desenvolvimento de Carlos J. Pessoa, de Damiano Jorge e Maria João Vicente. Quarta e domingo, 21h30	13 NOV/4 JAN O Mundo em Que Vivemos Cópia digitalizada e atualizada da obra de Carlos J. Pessoa para a Decalógona. 18h	22 NOV O Besto dos Outros Um novo espetáculo a ser desenvolvido habitualmente no TAB. 18h	6 DEZ Os Amigos da Garagem Conversas sobre o trabalho de teatro e da comunidade desenvolvidas pelo TAB. 18h
--	--	---	---

UM CASO SINGULAR DO TEATRO PORTUGUÊS

A companhia, liderada por Carlos J. Pessoa e Maria João Vicente, tem primado ao longo dos anos por manter uma estrutura consolidada, composta por um autor e encenador residente e uma equipa artística estabilizada. Ao longo destes 25 anos, o TdG levou ao palco, na sua larga maioria, textos originais de Carlos J. Pessoa. O autor, chegado ao teatro pela vontade de "ter um laboratório para sentir e influenciar o destino do mundo", é um prolífico dramaturgo, tendo assinado dezenas de peças que marcam um percurso onde, com *Teatro Twitter*, figuram já 78 criações.

"Entendo a arte como um lugar," explica, "e o TdG como um microcosmos onde a cultura é aquilo que nos identifica". E sublinha: "o modo como abordamos o teatro, campo de pesquisa e experimentação de formas e linguagens, o amor incansável que lhe dedicamos, faz-nos acreditar no que fazemos. Cremos na nossa língua, no nosso país, nesta peculiaridade de ser português - e lutamos por isso. São estas coisas que tornam o nosso teatro raro. Não somos uma câmara de eco e detestamos quando nos colocam rótulos". Pessoa recorda, sem esconder alguma indignação, quando um crítico alemão os considerou "introdutores do pós-dramático em Portugal". "Irrita-me que venha alguém de fora, que não percebeu nada de nada, colocarmos um rótulo e, pior, os que cá estão acabarem por lhe dar ouvidos".

No palco do Teatro Taborda, onde a companhia reside desde 2005 (depois de ter ocupado uma garagem em Abóboda, nos

arredores de Lisboa, e um armazém no Poço do Bispo), o TdG acredita produzir "uma arte que burila o projeto de um país, ou não fossem as pulsões dramáticas geradoras de ação". Por esta forma de ser, estar na vida e na criação artística, assumem-se como serviço público. E mais, há o envolvimento com a comunidade local que, refere Maria João Vicente (atriz que está na companhia desde 1992, e é hoje um dos pilares da casa), "é sempre convidada a entrar no quarto escuro à procura do gato que não existe". E há "a oficina, a escola" por onde passaram largas dezenas de atores, como Miguel Seabra, Marco Delgado ou Patrícia Portela, dispostos a pisar "o território do novo, do desconhecido e do espanto", que marca cada criação da companhia.

À boa maneira do TdG, *Teatro Twitter*, o espetáculo que assinala estes 25 anos, é mais um momento de risco. Convocando a linguagem das redes sociais para o palco, numa busca pelo sentido original do próprio teatro, surge uma experiência intermedial, construída por cenas curtas, filmadas e projetadas como sombras (referência à *Algoria da Caverna de Platão*), em interação com mais de 25 atores que estão ou estiveram na companhia. De entre os "regressados" destacam-se Jorge Andrade, Carla Bolito, João Didelet, Miguel Damão ou Sílvia Filipe. Uma proposta ariscada, mas, como nos garante Maria João Vicente, "o dia em que deixarmos de correr riscos será o momento de acabarmos". E, todos acreditamos que, pelo menos, virão mais 25!

Carlos J. Pessoa:
"Recusamos ser uma câmara de eco e detestamos quando nos colocam rótulos"



Maria João Vicente:
"O dia em que deixarmos de correr riscos será o momento de acabarmos"

Crítica

Teatro Twitter

★★★★★

Teatro Taborda
Teatro. Qua-Dom

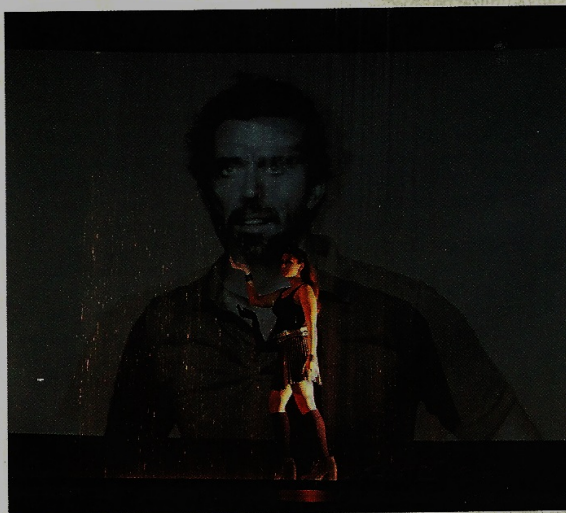
Quando nasceu o Teatro da Garagem, Akiyo Matsumoto, Danae Christopoulou, Panagiota Apostolidou e Ivo Melo eram crianças que, ao contrário da trupe, nem sequer dependiam de si próprias para sobreviver. Contudo são elas e ele os únicos actores em palco. Quer dizer: formalmente. Que nunca foi advérbio de modo preferido pela companhia nem há qualquer razão, ou mero sinal, para se tornar. Estas presenças são, assim, um símbolo. Têm um significado, como a cortina de água e o jardim de pedras do cenário; contém uma afirmação e, tudo indica, e muitos esperam, um presságio.

Mais. Quando falam os actores, os que estão sobre as tábuas, falam línguas estrangeiras: para serem entendidos de várias maneiras, porque as palavras não são tudo; por, talvez, nunca se saber como vai ser amanhã. Como, aliás, há 25 anos, Carlos J. Pessoa (n. 1966) decerto não sabia que hoje estaria a falar do que sempre falou como quem tuita em centena e meia de caracteres “memórias vivas, habitáveis, suspensas no espaço e no tempo, que contêm o essencial do que somos”, isto é, “um desejo absurdo de conhecimento, de nós, dos outros e do mundo, na convocação de uma cascata de

pequenos nadas”. Por outras palavras: um cacharote de ideias onde tanto cabem falcões peregrinos como têm lugar condóminos, agricultura hidropónica, financiamentos e mexeriquices, insultos e elogios, ironias e sarcasmos, ou seja, em geral, filosofia, da alta e da baixa, verificada no dia-a-dia como um destino que, a maioria das vezes, se deseja contrariar.

São palavras quase soltas, mesmo quando as frases são torrenciais, os poemas roubados, os pensamentos capturados, os desejos – frustrados uns, cumpridos outros, ansiados alguns – exibidos e insinuados que saltam do vídeo de Nuno Nolasco, expelidas por Maria João Vicente ou Ana Palma ou Carla Bolito ou Carolina Salles ou João Didelet ou Jorge Andrade ou Diogo Bento ou Emanuel Arada ou José Peixoto ou Miguel Damião ou Flávia Gusmão ou Sílvia Filipe, ou qualquer um dos outros 25 convocados para esta comemoração do teatro como exercício de arrojo e de desafio à realidade e de confronto com as ideias feitas.

Mesmo quando o método parece um pouco cristalizado, não é possível desdenhar o efeito, recusar a beleza da simplicidade cenográfica imposta por Sérgio Loureiro, o efeito da música de Daniel Cervantes, nem a complexidade da luz criada por Nuno Samora, na encenação de Pessoa, transcritos como um rio em constante desafio às suas margens. *Rui Monteiro*



10.11.2014 19:21

Garagem estreia 'Teatro Twitter'

Espectáculo integra celebrações dos 25 anos da companhia.

A celebrar os 25 anos de existência, a companhia Teatro da Garagem estreia no dia 13, quinta-feira, às 21h30, no Teatro Taborda, em Lisboa, 'Teatro Twitter', um texto original de Carlos J. Pessoa que o próprio encenou e que é para ver naquele espaço até 7 de dezembro.

Trata-se da 78ª produção desta companhia e pretende assinalar o aniversário do grupo "não numa perspectiva de celebrar de uma forma nostálgica o passado, mas de perspectivar o futuro".

Interpretam este 27 atores ligados ao Teatro da Garagem, casos de Carla Bolito, Diogo Bento, Fernanda Neves, Filipe Duarte, Flávia Gusmão, Frederico Barata, João Didelet, Jorge Andrade, José Peixoto, Maria João Vicente ou Miguel Damião, entre outros.

Para ver de quarta a domingo, sempre às 21h30.

TAGS

Teatro da Garagem

Teatro Taborda

Lisboa

Teatro Twitter

Carlos J. Pessoa

artes

cultura e entretenimento

teatro

TEATRO
Helena Simões

O que nos faz falta

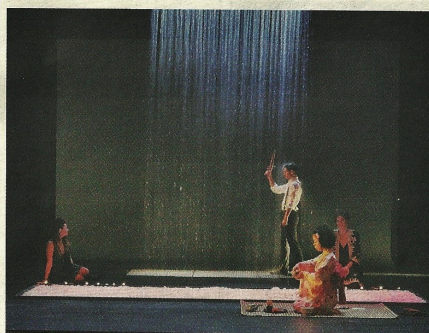
O Teatro da Garagem (TdG), deve o seu nome ao local onde, em 1989, foi fundada a Companhia e onde, em 1990, estrearam o seu espetáculo inicial, *Pequeno Areal Junto à Falésia com Cravos*, parece-me... O seu percurso consistente, contínuo e criativo granjeou o prestígio que lhe concedeu residir desde 2005 no Teatro Taborda (Câmara Municipal de Lisboa). Permitiu igualmente aglutinar à volta do seu diretor, autor e encenador residente, Carlos J. Pessoa (1966), um núcleo de criadores e produtores que desenvolveu com mais rigor a componente laboratorial e apurou as formas de dar expressão aos seus sonhos, medos, desejos e paixões.

Chegamos assim ao tempo das comemorações dos 25 anos do TdG, a quem, naturalmente, damos os parabéns e desejamos felicidades e muitos anos de vida! Para assinalar a data, a Companhia apresenta-nos com um novo espetáculo, que é marco e balanço do último quarto de século a pensar o teatro como a experiência que nos faz falta. O

seu título, *Teatro Twitter*, já indica que a inspiração para o espetáculo comemorativo visa também evocar aqueles que constituem a rede de afetos que a companhia teceu ao longo dos anos.

Estruturalmente apresenta os testemunhos dos 25 atores escolhidos em forma digital, gravados em vídeo e projetados. São testemunhos porque estão lá, no ecrã/ciclorama, mas o seu discurso, isto é, o seu tweet, aparentemente curto e sem sentido, fingidamente arbitrário ou sem finalidade, aponta igualmente para a liberdade de expressão e talvez para a criação de um novo alfabeto. Constituem uma comunidade, pois todos têm em comum a disponibilidade para experimentar e partilharem novas formas de se exprimirem teatralmente.

No limite, o público seria convidado a ver o espetáculo *on line*. Porém, essa série de cenas, na sua maioria protagonizada por dois atores - de que só vemos os rostos, como fotografias de passe colocadas lado a lado - a simularem



Teatro da Garagem. Espectáculo comemorativo dos 25 anos

um diálogo, de facto corresponde a uma cristalização videográfica e simboliza o que já foi, o que morreu mas é preciso libertar da morte. Como toda a realidade transportada para o palco, é necessário torná-la presente outra vez, quer dizer, representá-la. Nesse sentido, aquilo a que o espetador assiste é a um rito celebratório mas que renova a fé na arte, no teatro em particular.

Não nos surpreendemos por isso ao constatar que as três atrizes, que no palco oficiam o ritual com os seus corpos, sejam duas gregas e uma japonesa e falem nas suas línguas maternas. E embora os seus

discursos venham traduzidos no programa de sala, a estranheza que provoca a audição de uma língua que não estamos habituados a ouvir, auxilia tanto a cerimónia que o espetáculo pretende ser, como demonstra a linha pela qual o TdG se pauta: a coragem de ousar fazer aquilo em que acredita.

Neste caso, os ecos dos discursos em japonês e em grego acordam em nós imagens mais antigas. As atrizes souberam integrar a situação de estarem fisicamente à frente das imagens projetadas, transportando nas suas linguagens uma herança que as precede e

continuará para além delas. Aliás, a partir do momento em que os espetáculos do TdG assumiram a componente vídeo como parte integrante da sua dramaturgia, os atores passaram a ter o dom de estarem antes e depois das imagens e, mesmo neste espetáculo, alguns atores e atrizes intervinientes no vídeo como que desejam sair da tela para se tornarem corpo concreto à nossa frente. O aplauso vai também para a equipa de videastas que tem apurado a técnica e a estética dos seus trabalhos.

As celebrações incluem ainda a realização de uma excelente exposição de objetos dos espetáculos *O Mundo em que Vivemos* (2011) e *Finge* (2013) e dois encontros: um com os espetadores da Companhia e outro sobre o trabalho desenvolvido na comunidade.

É natural que o Teatro da Garagem e o seu diretor se sintam felizes. Ao fim de 25 anos a perguntarem "O que é que te faz falta, afinal?" respondem neste espetáculo com uma cascata (verdadeira) de água e de luz que nos inebriam de tudo, e com o magnífico motete de Mozart - *Ave Verum Corpus* - que nos faz aceder à mais sublime paz interior. Tchinn-tchinn! ■

TEATRO TWITTER

texto, encenação e conceção plástica de Carlos J. Pessoa, dramaturgia Maria João Vicente, com Akiko Matsumoto, Ana Palma, Ana Tang, Beatriz Godinho, Beatriz Pessoa, Carla Bolito. Teatro da Garagem, no Teatro Taborda, quarta a domingo às 21h30, Até 7 de dezembro.

"A garagem é um local um pouco clandestino, à margem"

Aniversário. O Teatro da Garagem faz 25 anos e celebra com a estreia hoje, no Teatro Taborda, em Lisboa, do espetáculo *Twitter*

MARIA JOÃO CAETANO

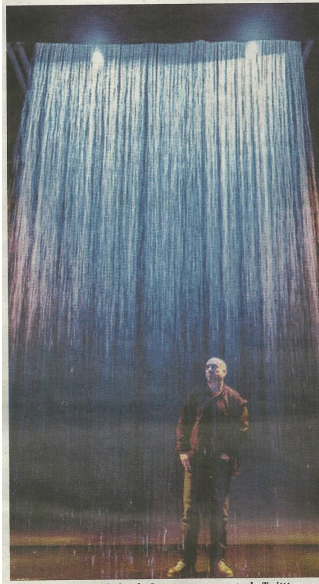
Uma cascata no meio do palco. "Como diz a famosa citação de Heraclito, não é possível tomar duas vezes banho na mesma água do rio. Isso no teatro é flagrante. O teatro é o efémero. Como a água de cascata que está sempre a escorrer, nada fica", explica Carlos J. Pessoa. Em *Twitter*, o espetáculo que hoje se estreia no Teatro Taborda e com o qual o Teatro da Garagem assinala o seu 25.º aniversário, há uma cascata mas, ao mesmo tempo, é como se o teatro combatesse essa mesma efemeridade: para além dos atores no palco, há uma série de atores que fazem parte da história do grupo e que vão estar apenas num filme, por trás da cascata.

No total são mais de 30 os participantes. "Temos atores que estiveram aqui desde o início, como o José Espada que é fundador da Garagem comigo, que não representava há 20 anos; e pessoas que estiveram aqui e depois fizeram percursos muito diferentes, como Jorge Andrade, da Mala Voadora, ou Filipe Duarte, que está sobretudo ligado à televisão". Carlos J. Pessoa, o fundador, dramaturgo e encenador do Teatro da Garagem não esconde o orgulho por poder fazer uma lista tão longa de atores com quem já trabalhou (Carla Bolito,

Fernanda Neves, Sílvia Filipe, João Didelet, José Peixoto, para dar apenas alguns exemplos), como também por todo o percurso que foi feito nestes 25 anos.

"Sinto-me feliz por termos chegado aqui", diz. "De certo modo, estamos sempre a fazer o mesmo espetáculo. Há algo de essencial que não muda desde o primeiro, algo que passa de espetáculo em espetáculo e que tem que ver com uma urgência que não conseguimos explicar. Mas, quando olho para este *Twitter*, tenho uma sensação gratificante pois sei que era totalmente impossível fazer este espetáculo há 25 anos. É o mesmo, mas era impossível ser feito do mesmo modo, acrescentou-se muita coisa. Há uma sensação de frescura."

Fundado em 1989, o Teatro da Garagem caracterizou-se, desde o início, pela pesquisa e experimentação do seu trabalho, desde logo porque usa textos inéditos, de Carlos J. Pessoa, em que as histórias raramente são lineares e os níveis de leitura se sobrepõem. Espetáculos, diz Pessoa, "sobre tudo e sobre nada". "O que define a companhia é o título – a garagem é um local um pouco clandestino, um pouco à margem", explica o encenador. "O espírito que nos pode identificar é a procura de uma certa liberdade que nós só podemos alcançar se estivermos sempre na garagem."



Carlos J. Pessoa, fundador da Garagem, na cascata de *Twitter*

Nunca fez cedências. Mas não há nisso qualquer heroísmo. Nunca fez cedências porque não podia ser de outra maneira."

O grupo começou por trabalhar, precisamente, numa antiga garagem nos arredores de Lisboa e depois num armazém no Poço do

Bispo, até em 2005 se ter instalado no Teatro Taborda, um dos equipamentos da Câmara de Lisboa. "Andámos anos, anos e anos de um lado para o outro. Tivemos de nos adaptar e fazer teatro nos sítios mais impensáveis. A vantagem de se ter um espaço é que há uma di-

PROGRAMA

ESPECTÁCULO
Twitter A nova produção da Garagem estreia-se hoje e fica em cena até 7 de dezembro, no Taborda. Autoria e encenação de Carlos J. Pessoa, dramaturgia de Maria João Vicente, com a participação de mais 30 atores.

EXPOSIÇÃO
O Mundo em Que Vivemos Recuperação dos objetos e estruturas usados no espetáculo com o mesmo nome, de 2011, e que ganham nova vida no Teatro Taborda, até 4 de janeiro.

ENCONTROS
Com o público No dia 22 (às 18.00), haverá uma conversa com os espetadores habituais da companhia. E no dia 6 de dezembro (18.00) propõe-se uma conversa sobre o trabalho desenvolvido pela companhia com a comunidade.

mensão laboratorial que pode ser desenvolvida. A maioria dos espetáculos que fizemos desde que vivemos no Poço do Bispo são imprecisáveis com as condições que tínhamos", admite Carlos J. Pessoa.

Mas, no essencial, o grupo mantém-se igual. Como se fosse possível ter uma garagem naquele palco à italiana. E, tal como acontecia no Pequeno Teatro de Fátima com *Carvo, Parece-me...*, o primeiro espetáculo, estreado em 1990, mantém-se aquele olhar desafiante sobre o mundo. "Talvez a linha de força mais marcante neste espetáculo, *Twitter*, seja a questão da confiabilidade. Esta crise que vivemos deixou marcas muito profundas, sinto isso na relação quotidiana com as pessoas, acho que deixámos de confiar uns nos outros e isso não é algo que se recupere rapidamente. É algo que afeta gerações e nos deixa uma marca funda. Vivemos tempos difíceis, diz o encenador. "Temos de nos manter à tona, aguentar e acreditar que tempos melhores virão."

Gonçalo
Frota

A Paixão

segundo Carlos J. Pessoa

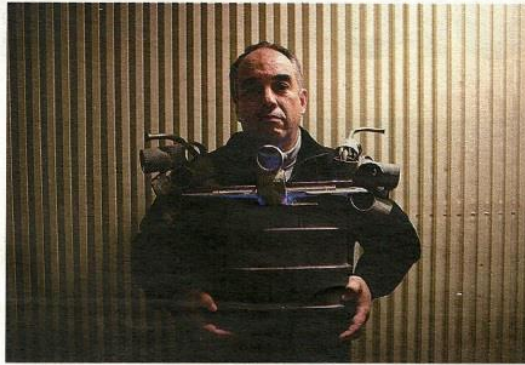
Para comemorar os seus 25 anos, o Teatro da Garagem imaginou um espectáculo inspirado pelas regras das redes sociais. Em *Teatro Twitter*, o passado e o presente da companhia encontram-se numa cascata.

Há uma cascata em *Teatro Twitter*. Uma queda de água artificial, com imagens de actores projectadas sobre essa tela aquosa, a que Carlos J. Pessoa, dramaturgo e encenador há 25 anos por trás e à frente do Teatro da Garagem, chama o seu *Rosebud*. Assim como em *O Mundo a Seus Pés* Orson Welles colocava Charles Foster Kane no leito de morte a suspirar pela inscrição num trenó resgatado a uma memória de infância, também Pessoa deu por si seduzido pela hipótese de colocar uma cascata em cena – “é baratinho, mas sobretudo engenhoso”, diz. “Quando a água começa a escorrer, aquilo para mim é tudo, é a minha vida toda”, acrescenta.

A cascata, no palco do espectáculo com que o Teatro da Garagem comemora, até 7 de Dezembro, no Teatro Taborda, em Lisboa, os seus 25 anos, surge como símbolo de um fluxo contínuo, de uma história ininterrupta da companhia, de uma memória simples de um tempo feliz e descomplicado. “Tinha cinco ou seis anos e o meu avô levava-me to-



12 | ipalco | Sexta-feira 14 Novembro 2014



das as noites a ver uma pequena cascata, ao pé de Seteais, em Sintra. Ele parava o carro e eu ficava a olhar para aquilo deslumbrado. E agora, de súbito, está a acontecer aqui no teatro.” Ao perceber essa ressonância passada, esse frondoso jorro emocional, Carlos J. Pessoa mandou colocar no Facebook do Teatro da Garagem: “Este é o meu Rosebud.”

Não é por acaso que o Facebook entra nesta história. *Teatro Twitter* usurpa os códigos de comunicação das redes sociais e tenta inventar uma peça nesse espaço, expandindo a linguagem teatral até à fronteira com essa inevitabilidade quotidiana. A partir da ideia de comemoração do 25.º aniversário da companhia fundada por Carlos J. Pessoa em 1989, aquilo a que em palco se assiste é “um ponto de situação”, que, sendo teatro, convoca uma série de outras expressões, próprias da natureza aglutinadora das redes sociais que querem o mais possível parecer-se com (ou mesmo superar) a vida. “O teatro é o nosso ADN primeiro”, explica Pessoa, “mas isto também é imagens em movimento, também é fotografia, é pintura, é arquitectura.” Essa é também uma forma de sublinhar o “aqui e agora” que Carlos J. Pessoa entende ser vital à identidade da Garagem. O imperioso chamamento do presente é então sugerido pela “evolução tecnológica e pela vulgarização de meios técnicos que permitem que este espectáculo seja possível para uma pequena companhia.” Assim, baratinha mas engenhosa, uma cascata em palco, os actores projectados sobre ela e o homem da Garagem a confessar-se emocionado com o que ali se passa: “Há cenas aqui que me comovem à brava.”

Uma dessas cenas é aquela em que a actriz Sílvia Filipe, cujo percurso inicial se fez na Garagem, ensina o *Ave Verum Corpus*, de Mozart, a Beatriz Pessoa, filha do encenador. É um dos mais óbvios momentos em que *Teatro Twitter* tece um diálogo com o passado. A cena ex-

Carlos J. Pessoa, dramaturgo e encenador residente do Teatro da Garagem, convocou para Teatro Twitter actores que fazem parte do passado da companhia

plica-se pelo regresso a um tempo, há quase 20 anos, em que a companhia realizou um pequeno estágio no antigo sanatório da Serra da Estrela; ali se faziam internar, nas décadas de 40 e 50, os trabalhadores tuberculosos da CP – e no meio de um cenário que incluía neve a intrometer-se no interior do edifício e fichas médicas dos antigos doentes a boiarem em pequenos lençóis de água, Sílvia Filipe desatou a cantar *Ave Verum*, enquanto Beatriz, acabada de nascer, por ali andava, de colo em colo. “Há aqui uma ideia de legado, a ideia de que na arte não estamos apenas a fazer mas também a dar, a transmitir”, justifica Pessoa, que para além de Sílvia Filipe conta ainda em *Teatro Twitter* com participações de gente como Jorge Andrade, Filipe Duarte ou Carla Bolito, João Didelet ou José Peixoto, todos parte da história da companhia.

De A a Z

Apenas num ponto o Teatro da Garagem parece querer contrariar

**“Há em Teatro Twitter uma ideia de legado, a ideia de que na arte não estamos apenas a fazer mas também a dar, a transmitir”
Carlos J. Pessoa**

abertamente as redes sociais. Adquirindo uma forma que poderia ser partilhada digitalmente sem precisar de um palco, a companhia quis que *Teatro Twitter* traísse a sua inspiração ao pedir que o seu público se encontre de facto, se junte numa mesma sala do Teatro Taborda, recusando a mera existência virtual. Contudo, a mimetização dos códigos das redes sociais é mesmo assumida como “a regra de ouro”, prendendo-se não apenas com a convocação de imagens, sons e comentários para o palco, mas também com a linguagem – por vezes “de uma banalidade propositada” – e com a própria construção da peça, quase inteiramente projectada numa tela (ou na cascata) em curtos segmentos protagonizados por dezenas de actores do presente ou do passado da Garagem. Como se fossem pequenos vídeos partilhados de forma avulsa num qualquer *feed*, mostram-nos episódios desconcertantes: um homem que se queixa de ter perdido o paladar e de que agora tudo lhe sabe a bacalhau com natas, duas personagens que apenas querem saber da agricultura hidropónica e a comentam com “altamente” e “swell”, ou um filão de máximas como “não me pisem no chão se fizerem de mim merda” atiradas (salvo seja) para o ar. Cravejados de um absurdo a que Pessoa não costuma virar a cara, os vídeos obedecem, ainda assim, a uma organização metódica, a uma progressão pensada como uma sequência enciclopédica – uma sequência de A a Z, indisponível para quaisquer alterações.

São esses blocos, essas etapas, que Carlos J. Pessoa vê como *tweets*, uma sequência de cenas a que correspondem “uma pulsação e uma desocultação do mundo”. Cenas que, no íntimo do encenador, lhe sugerem os passos de uma paixão – daquelas que Bach concebeu musicalmente, dedicadas à representação do sofrimento e da morte de Cristo segundo os evangelhos de vários apóstolos. Por isso, *Teatro Twitter* arrasta uma morte consigo, “para que todos os *tweets* adquiram o sentido de uma compaixão”. “Mas não é uma morte heróica”, frisa o director da Garagem, “é apenas uma morte. Só que a morte é inevitável para a fraternidade – que é fundamental mas também o designio mais difícil e exigente das revoluções, adquirir sentido. Se tivesse de encontrar uma unidade nisto seria uma paixão. A Paixão segundo Carlos Pessoa.” E ri-se, surpreendendo-se com solenidade que vem fincada em tal intenção. “É um disparate, mas é o que me ocorre.”

Estagiários em palco



Panaíota e Danae são gregas e Akio japonesa. Ivo é português. São estudantes de teatro, estagiários no Teatro da Garagem e os únicos actores que estão em palco em *Teatro Twitter*.

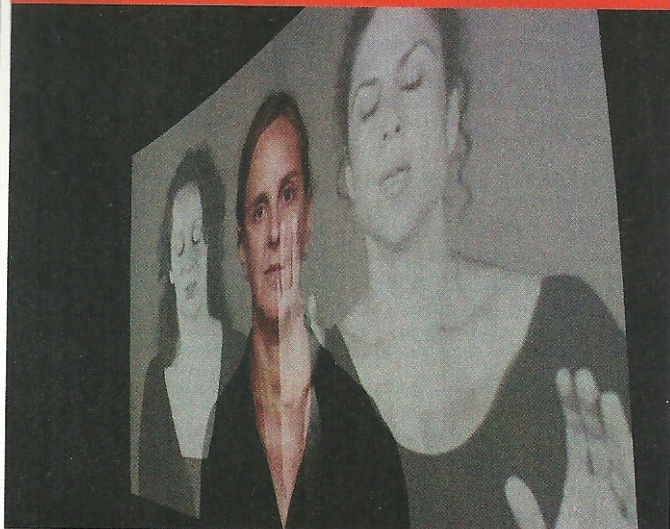
“Eles têm 24, 25 anos, a idade da companhia”, explica Carlos J. Pessoa. “e talvez o mais maravilhoso seja que estejam aqui a representar connosco. Escrevi um textinho para cada um deles e é comovente vê-los em palco, porque estão nervosíssimos mas fazem tudo com um enorme rigor e empenho.”

Panaíota e Danae estão em Portugal a fazer o Erasmus e vieram adquirir experiência prática. “Já sabíamos que o Teatro da Garagem usava muito o vídeo, e como gostamos também de cinema, gostámos desta combinação. É ainda melhor do que esperávamos”, conta Danae. Acrescenta a colega: “Procurámos muito na net, gostámos do *site* do Teatro da Garagem e achámos que era o sítio ideal para nós.” Akio é mestranda em Artes Cénicas na Universidade Nova: “Como a minha faculdade tem um protocolo com o Teatro da Garagem, escolhi-o para o estágio. Vim cá ver um espectáculo na Páscoa e gostei. Achei que seria muito bom estagiar aqui e aprender.”

Após tirar a licenciatura em Vila Real, Ivo veio há um ano para Lisboa. “Comecei a tirar o Mestrado de Artes Performativas e Interpretação na Escola Superior de Teatro e Cinema. Foi aí que conheci o Carlos, que era meu professor. Comecei a perceber que o lado dele era muito experimental e falei com ele para fazer aqui o meu estágio. Já tinha visto alguns espectáculos do Teatro da Garagem, e é muito diferente vermos um trabalho e estar mos a experienciá-lo. As pessoas aqui fazem-nos sentir em casa”, conclui. *Eurico de Barros*

50 Time Out Lisboa 19 – 25 Nove

A nossa escolha



1 Teatro Twitter Teatro Taborda

O espectáculo comemorativo dos 25 anos do Teatro da Garagem inspira-se nas redes sociais e tem a cabeça virada para o futuro. Participam muitos actores que por lá passaram. ► **Até 7 de Dezembro**

2 Punk Rock Teatro da Politécnica

A aclamada peça do dramaturgo inglês Simon Stephens está de regresso aos palcos lisboetas. A biblioteca de um liceu, sete adolescentes que esperam pelo exame do ano antes da entrada na universidade. ► **Até 13 de Dezembro**

3 Kin Centro Cultural de Belém

David Marques foi buscar inspiração a um documentário que Louis Malle rodou na Índia, *L'Inde Fantôme* (1968), para conceber o seu novo solo. ► **Sexta e sábado**

Palco



O que é que tem o cineasta russo Andrei Tarkovsky a ver com a criação do Teatro da Garagem, há 25 anos? Carlos J. Pessoa, um dos seus fundadores e director artístico e encenador, explica: “Quando era novo, quase fui atropelado pelo Tarkovsky, no sentido metafórico, claro. Os filmes dele marcaram-me de forma indelével na génese da companhia. O Jorge Listopad tinha uma expressão muito feliz, ‘Tornar fotogénica a espiritualidade’, e agrada-me muito essa ideia, essa busca na arte de uma espiritualidade.”

A garagem é quase como uma catacumba, temos um peixinho no nosso símbolo, o peixinho dos cristãos no tempo dos romanos. A garagem surge, assim, como esse espaço de meditação, de contemplação, de procura, de demanda nunca acabada. É esse o espírito da companhia. Depois, tivemos muitas garagens e agora estamos no Teatro Tabor da desde 2005, e trouxemos para cá esse espírito, sempre de inquietação, de andar sempre à procura.”

O espectáculo comemorativo dos 25 anos, *Teatro Twitter*, desdobra-se entre o palco e o multimédia, conta com a participação de muitos actores que passaram pela companhia, bem como de quatro estagiários, três deles estrangeiros (ver artigo na página 50) e reflecte esse

O Teatro da Garagem faz 25 anos a tweetar

O espectáculo de aniversário chama-se *Teatro Twitter* e tem um pé no palco e outro no cinema. Carlos J. Pessoa, o autor e encenador, fala sobre ele com **Eurico de Barros** e faz o balanço das bodas de prata.

espírito de pesquisa, de experimentação, de dizer, escrever e fazer diferente, que presidiu à sua criação, bem como a “grande importância” que o cinema tem para Carlos J. Pessoa, assim como a utilização das inovações técnicas trazidas pela revolução digital.

“O *Teatro Twitter* não teria sido possível quando começámos, há 25 anos. Só agora é porque a revolução digital permite um acesso à imagem e um tratamento da imagem e do som

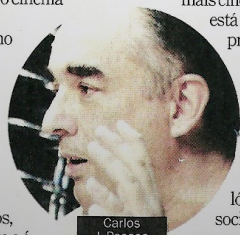
que dantes era impossível”, comenta. “É um espectáculo que olha para a frente, sobretudo do ponto de vista formal. Eu vi muito mais cinema que teatro e isso está manifestamente presente no *Teatro Twitter*, embora isto seja teatro. Mas estamos a tentar fazer aqui uma coisa que ainda não sabemos o que é. Tem a ver com a lógica das redes sociais, com a mensagem curta, tem sequências que, desenvolvidas, constituem espectáculos em si, mas só são pontadas, são *tweets*. Isto é

um espectáculo de espectáculos, há aqui situações, actores, em que eu gostava de pegar e desenvolver noutros espectáculos.”

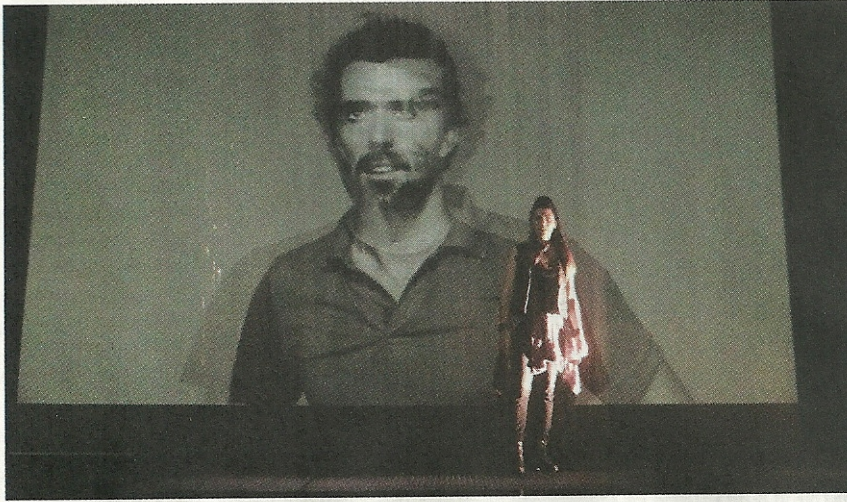
É o balanço destes 25 anos de vida? “É mais positivo do que negativo”, diz o autor de *Teatro Twitter*. “Não posso dizer que isto tenha sido um mar de rosas e eu me sinta resolvido, há coisas que não posso fazer de conta que não existiram, porque não posso fugir do espelho, das cicatrizes que tenho na cara. Ser português e lutar por esta cultura não é fácil, e em Portugal nesta altura há um desamor muito grande, há uma sensação de exílio, como no meu fado preferido da Amália, *Abandona*, mas de exílio na nossa própria terra. E o Tarkovsky também experimentou o exílio. À parte estas amarguras de época, de circunstância, isto tem continuidade. Talvez a maior alegria que eu tenho seja que todas estas ideias e estes valores que temos vindo a alimentar todos estes anos tenham continuidade. Porque isto não vai ficar para nós, fica para quem vier e o apanhar.” Sempre a olhar para a frente.

Teatro Twitter

Espectáculo do Teatro da Garagem, em cena no Teatro Tabor da, Qua-Dom 21.30. Até 7 de Dezembro. Bilhetes 5€ a 10 €



Carlos J. Pessoa



Terra da fraternidade

O Teatro da Garagem celebra 25 anos com uma peça-vídeo

De kimono, uma mulher japonesa chega com passos lentos e dá-nos as boas-vindas na sua língua. Será ela uma das poucas personagens a surgir em palco. A maioria aparecerá num ecrã que ocupa a cena: são atores que passaram pelo Teatro da Garagem – como Carla Bolito, Filipe Duarte, Flávia Gusmão, João Didelet ou Jorge Andrade – e outros em início de carreira. Falam do stress, de agricultura hidropónica, do senhor Le Pen, do encanto de uma jukebox, da «doença da civilização», do «turismo ranho-so»... Fazem discursos avulsos, numa peça que, diz o encenador Carlos J. Pessoa, segue a lógica das redes sociais, para depois a subverter e, como sempre, fazer do teatro um ponto de encontro. A Garagem comemora o seu quarto de século com um espetáculo que se assemelha à cascata de água que, por vezes, cai no palco: «O trabalho tem sido frenético nestes 25 anos, a minha vida no Teatro da Garagem tem sido torrencial. Vejo-me escarrapachado ali», confessa Pessoa. «São quadros de uma paixão na era digital», descreve. Em época de celebração e balanço, procura-se em palco «uma ideia de fraternidade», como nota Carlos J. Pessoa. Mas, acrescenta, «infelizmente temos esta herança de sermos descendentes de Caim...» Salva-nos a arte, acredita-se há 25 anos na Garagem.

TEATRO TWITTER

De Carlos J. Pessoa
Teatro Taborda,
Costa do Castelo, 75
T. 21 885 4190
13 nov-7 dez,
qua-dom 21h30.
€5 a €10

V - Texto *Finge* de Carlos J. Pessoa

FINGE

Versão Fevereiro 2015

PERSONAGENS

(por ordem de entrada)

Camaleão 1 — Nuno Nolasco

Camaleão 2 — Nuno Pinheiro

Camaleão 3 — Miguel Mendes

Camaleão 4 — Ivo Melo

Sofia — Ana Palma

Melanie — Francisca Moura

Marta — Maria João Vicente

Maya — Ana Palma

Adriana — Beatriz Godinho

Vanda — Francisca Moura

STAY

Camaleão 1 (*contracena com colchão*) — Fica tu, e tu, fica tu também! Fica comigo, fiquemos a tarde inteira abraçados! As minhas meias cheiram mal, as tuas meias cheiram bem, mas eu tiro-as, eu tiro-te as meias, eu não me importo! Podemos tomar banho juntos, calçar as meias juntos, calçar juntos os sapatos, podemos trocar de roupa interior, podemos ouvir discos a tarde inteira, uma e outra vez, repetir as mesmas músicas, uma e outra vez!

Quem sabe do amor é o Júlio Roberto! Aquele que diz que o amor é isto e aquilo, que tem uma lista para tudo, até para o amor! Por isso ele sabe o que é o amor, o Júlio Roberto, porque tem uma lista. Quem tem uma lista tem quase tudo! Só é preciso procurar o que faz parte da lista!

O que é que faz parte da tua lista, diz-me, diz-me por favor? Queres malaguetas? Queres anonas? Queres viajar até à Escócia? Dizes-me que no Egipto te trataram como uma rainha? Ainda há teocracia no Egipto? Só me lembro de Alexandria e de querer ficar em Alexandria, de querer ficar no cheiro e na literatura de Alexandria, mas isso é outra música, dessa que ocupa as tardes inteiras que passamos juntos, abraçados um ao outro.

Fica, fica com os teus caracóis, fica com o teu cabelo liso e espesso, como fios de prata finíssimos, fica com o teu nariz partido, fica com o teu hálito a cigarros, fica com o teu estrabismo!

Sempre que choravas dava-me cá uma vontade de rir! Cada olho chorava para seu lado, desavindos na direcção das lágrimas! Nunca conseguia levar a sério o teu sofrimento, já que os teus olhos se

contrariavam entre si... Afinal de contas, se eras enganada por outro, tanto mais me enganavas a mim!

Fica tu também que conheci tão pouco! Fica com o teu ar solene de mulher impossível, a quem eu espreitava as notas na pauta do liceu. Sabia de cor todas as tuas disciplinas, e o teu nome completo: a minha lição mais bem sabida!

Fica, matéria de sonhos que nunca ficaste, tu que ficaste mais que todas as outras, tu que ficas, será? Tu que estás aqui, que te sei aqui, apesar de envelhecida, apesar de não haver segunda oportunidade, apesar de não te reconhecer! És tu? Mudaste tanto, caramba!

Mentiras, mentiras, tantas mentiras e contudo sempre a querer, no fundo, tão só e apenas, que ficasses, que ficássemos juntos para sempre. Fica. Fica de azul, de vermelho, eu visto essa camisola se quiseres, essas calças aos quadradinhos, esse paletó ridículo, eu visto-me de sacerdote, de electricista, seja lá isso o que for.

Se a aparelhagem avariar, há que saber resolver o assunto para que não cessem as musas para que te possa ouvir a ti, a ti e a ti! Não cessem musas, não fujam! Fiquem! Fica!

Dá-me a mão, desperta em mim o acorde da manhã com pequenos-almoços de ovos mexidos com bacon, fica de tarde, quando o estore semi-cerrado mostra em quadrados perfeitos a dança da poeira em que seremos eternos, fica de noite ou então traz-me um sorriso, traz-me um sorriso às três da manhã! Não mais que três da manhã, que não aguento a espera! Fica. Já vivi tanto, já vivemos tanta coisa, juntos, que temos de permanecer juntos! Permanece, porque é urgente que fiques, porque ficares é tudo! Fica, amor, como certas certezas que o infinito instala para nos lembrar

que é infinito; fica, como a doença que nos corrói para provar a nossa finitude; fica, como a soma do que tinha para te dizer e não disse, como o palavreado todo em que esgotei vocabulário e gramática, como o pobre silêncio com uma única moeda no fundo do bolso: fica. Fica, amor, grão de sal perdido na babel cotidiana: fica, fica, stay, stay... As caras, olhos, bocas, seios, cheiros e cabelos são parte de mim transmigrado em infinitésimos irrecuperáveis. Ficar, não sabias, é apenas alívio breve! Fica enquanto tudo se desvanece: fica, fica, stay, stay...

CASA DO FRIO

Camaleão 1 (*adormecido sobre um colchão que serve de cenário a todo o espectáculo*)

Os Camaleões 2,3 e 4 são projecções do Camaleão 1, hipóteses dele próprio, como se a identidade pudesse ser um conjunto de ficções; histórias a partir de si em contextos de casa de passe; a penetração/compreensão faz-se de um modo transgressor, como experiência erótica e poética na perseguição da musa fugidia; do poema e do corpo, enfim, em devir. O amor ser assim, por hipótese, uma combinação de sujeitos sem necessária ligação entre si ou em que o amor os liga, efemeramente, provisoriamente, nesse acampamento onde és saciado e te preparas para a continuação do movimento, a vida, dentro e fora de ti.

Camaleão 2 (*tem jarra com flores*) — Hoje acordei, de novo, a verter lágrimas por dentro.

Camaleão 3 (*afia faca*) — Mais frio cá dentro, que lá fora. O frio de fora mais doce que o frio de dentro. Água gélida. Sorrir, sorrir, sim, de uma dor necessária.

Camaleão 4 (*varre o chão*) — O luto é, talvez essa coisa de morrer em vida, de adornar o júbilo de Ser com um regramento pontual, cuidadosamente descuidado, remirando, na noite, promessas. Mistério? Uma nuvem! Uma nuvem que não se assemelha a nada...

Camaleão 2 — Hoje acordei, de novo, desinstalado, longe do que quer que tenha sido. Um estranho, talvez, a combinar arranjos florais.

Camaleão 3 — Antigos inimigos surgem como aparições santas.

Camaleão 4 — Varrer, varrer, pausadamente.

Camaleão 2 — Um insecto incomodativo.

(som de pássaros)

Camaleão 3 — Pássaros negros, desorientados, em voo picado, vazando-me os olhos. É preciso que doa até não doer... O sangue escorre das orbitas vazadas, pausadamente. Exigir, por uma vez, uma só vez, a palavra Perdão.

Camaleão 2 — Só conheço uma única forma de libertação do jugo de Cronos: morrer em vida. Entregar-me à elaboração paciente de uma natureza morta.

Camaleão 3 (*a Camaleão 4*) — Agora esfaqueio-te! Sente a faca, shiu, devagar... devagar...

Camaleão 4 — Sem memória, sem sinais... sequer o trânsito de uma só pluma.

Camaleão 3 — Cronos perdeu! Perdeu! Sentes o sangue a escorrer-te do corpo? Uma origem que se dissolve como açúcar na água, um rugido que parece fazer ecoar a palavra Gratidão.

Camaleão 4 — Devo agradecer-te, é?

Camaleão 3 — Queres que te cosa?

Camaleão 4 — Não sei...

Camaleão 2 — Hoje acordei borboleta, não vi senão flores de Lautrec, e fiquei atordoado com palavras desconhecidas que se desprendiam numa cultura que parecia vicejar, o “antes de tudo”, a “experiência transgressora”.

Camaleão 4 — Estive e estarei, delicadamente, suspenso, na ferida aberta, como um selo postal entre as comissuras dos lábios.

Camaleão 2 — A beleza é o luto sublime, chorar todas as mortes e nenhuma, lembrar a todos e a ninguém. A fraternidade que sinto por ti é proporcional ao desprezo que me acompanha, isso não é estratégico, é substantivo. Que posso fazer? Sorrir? *Enchanté!*...

Camaleão 4 — Deixei de estar na nuvem que se fazia símile de coisa nenhuma. Céu limpo, limpo. Não existe um céu totalmente limpo! O derradeiro horror é a atomização da dignidade humana.

Camaleão 2 — Não, não.

Camaleão 3 — Quero despedaçar-me, ainda mais, para que possa escapar do jugo da melancolia. Ouviram? Ouviram bem?

Camaleão 2 — Não podes, não podes! Cada pedaço é uma semente de melancolia, sementes espalhadas e dispersas que irão desabrochar como flores de Lautrec. E como são belos! *Enchanté madame!*

Camaleão 4 — Algum calor, algum calor, mínimo, entropia clandestina, levou-me, invisível, para esse lugar onde vagueiam, pedaços de humanidade. Se o que se move mata também ressuscita. Primeiros socorros.

CASA DE SOFIA 1

Sofia — Camaleão, acorda, acorda Camaleão! Não devemos desperdiçar comida, sobretudo a carne. Dá muito trabalho criar os animais! Brincadeiras são para garotos.

Camaleão 1 — Já estiveste nas grutas de Aracena? A rapariga mais bonita do mundo trabalhava numa loja de recordações; vendia postais! Desceu os degraus quatro a quatro, ia com pressa...

Sofia — Pressa porquê?

Camaleão 1 — Muitos turistas.

Sofia (*irónica*) — Não estás a ser sincero.

Camaleão 1 — Ela tropeçou, caiu, esfolou os joelhos, as palmas das mãos e os cotovelos...

Sofia — E a cara?

Camaleão 1 — A cara... Ela ficou sem os dentes da frente, estes aqui...ficou com a boca a escorrer sangue.

Sofia — Não estás a ser sincero! Isso não aconteceu com a rapariga de Aracena! Essa é outra história! (*em transe*) A rapariga dos dentes partidos ia a correr atrás de uma camioneta, de caixa aberta, na recta do seminário, aquela, lembras-te? Ladeada de ciprestes. O senhor

Silva tinha feito a poda de inverno e não viu os garotos a correrem atrás da camioneta a tentarem apanhar boleia à socapa.

A rapariga lançou-se para a frente, de braços e mãos estendidas, mas não conseguiu agarrar-se e caiu. Pararam.

Camaleão 1 — Quem?

Sofia — Tudo parou! O tempo parou. (*sinistra*) Depois, lentamente, ela começou a correr, cada vez mais depressa, e a gritar, cada vez mais alto, pela recta do seminário a fora, ladeada de ciprestes, com o sangue, o sangue, a escorrer-lhe da boca.

Camaleão 1 — A boca dela era a gruta de Aracena, a gruta de Aracena!

Sofia — São várias grutas. (*atrapalhada*) Várias mulheres, cada uma com a sua casa, a minha é a Casa de Sofia! Sofia... A rapariga, a rapariga de... Aracena, Aracena, parecia um Cristo mas... Ela começou a chorar de aflição...

Camaleão 1 — Foi? Aflição...

Sofia (*aflita*) — Sim, sim, tanta aflição, ela tem que fazer e ... não pode, nesta altura... estou atrasada, tanta coisa... Não os posso abandonar, numa altura destas! É a minha obrigação! Não os posso abandonar, não consigo...

Camaleão 1 — Não precisas de sofrer assim tanto! Tens de deixar de sofrer! Deixa de sofrer...

Sofia (*fria*) — Põe-te no meu lugar!

Camaleão 1 — Não me posso pôr no teu lugar.

Sofia — Podes ao menos tentar compreender-me...

Camaleão 1 — Encharcar-me de emoções como uma chuvada intensa; apanhar uma grande molha; ir de mota sempre a acelerar contra a chuva...Era capaz de adormecer assim e não cair, não cair...

Sofia (*zangada*) — Como é que tens a lata de achar que me amas? Como?

Camaleão 1 — Não cair, não cair...

Sofia (*contente*) — Finge, finge!

Camaleão 1 — Não cair, não cair...

Sofia — Finge, finge...

Camaleão 1 — Achas que vou conseguir?

Sofia (*maternal*) — Não tropeces nos degraus de Aracena, não tentes ir à boleia do senhor Silva na recta do seminário, ladeada de ciprestes, não faças isso, não faças isso! Finge, finge...

Camaleão 1 — Não quero ver, quero dormir, a boca aberta a sangrar! Meter o pénis na boca a sangrar. Não quero ver! Não quero compreender.

Sofia — Finge, finge... finge...

Camaleão — Ficar quieto, em equilíbrio... Acelero a mota, acelero mais, mais... chove intensamente em Aracena. Não vou cair... Adormeço... acelero mais, não caio.

CASA DE MELANIE

Melanie — Pedi ao tribunal para ser notificada se ele saísse da prisão. Passei pelo tribunal e perguntei como estava a decorrer o processo. O Camaleão já tinha sido libertado. A justiça não funciona. O Camaleão é... ah, a principio até parecia... ele...

Camaleão 3 — A menina é uma vaca ou uma menina?

Melanie — Desculpe?

Camaleão 3 — É uma vaca ou uma menina?! Se for menina eu saio já e não me volta a pôr a vista em cima: eu não lhe quero voltar a pôr a vista em cima! Percebeu?

Melanie — Sim...

Camaleão 3 — Sim, o quê? Gosta de passear no pinhal, à beira-mar? Não diga nada! Cala-te ou parto-te a boca toda! És uma vaca compreendes? Compreendes, porque é que és uma vaca? Porque gostas de passear no pinhal à beira-mar! É claro para ti? Pinhal à beira-mar, passeio, vaca! Vaca!

Melanie — Idiota!

Camaleão 3 — Menina, espere, por favor! Tem telemóvel? Pode emprestar-me? Tenho que enviar um sms; é rápido! Por favor menina?

Melanie — Está aqui...

Camaleão 3 — *(escreve sms)* Encontrei uma vaca! Stop. *(para Melanie)* Vai à merda, vaca estúpida, eu tenho de... espera... tenho de enviar outro sms, a dizer que vou chegar tarde: vou chegar tarde.

Melanie — Tens alguém à espera?

Camaleão 3 — Claro que tenho alguém à espera! Tenho montes de gente à espera! Tenho uma lista de contactos que nunca mais acaba! Queres ver, queres ver... onde é que pus a merda da lista! Estás a rir-te de quê, vaca de merda?

Melanie — Eu sou a Melanie, de Mel; sou docinha! Não sou impaciente como tu! Gostas da Melanie? Queres que a Mel te faça feliz? Queres ser feliz? A Melanie não te faz mal, a Mel só quer o teu bem, o teu prazer...

Camaleão 3 — Não me toques vaca de merda, não me toques! Quanto é que custas? Queres dinheiro é isso?

Melanie — Só paga no fim, só paga no fim! Com a Melanie é assim, assim, maravilhosa, Mel! Queres tomar um banho? Estás sujo! Queres dançar? Estás tenso... Queres conviver? Estás murcho!

Camaleão 3 — O meu nome é Camaleão e rebento-te toda senão...

Melanie — Tu és bem parecido Camaleão! Aposto que tens um monte de namoradas a correrem atrás de ti! Eu não corro...

Camaleão 3 — Sabes o que é que faz uma vaca num pinhal à beira-mar? Rumina ervas! As vacas têm quatro estômagos e...

Melanie — Comigo são só 60 minutos, massagem mais convívio! Não tenho mais tempo. Tenho a minha mãe à espera.

Camaleão 3 — Tens mãe?

Melanie — Claro, a minha mãe ensinou-me tudo, tudo! Hesitar, hesitar... melhor momento para atravessar... Não sou uma vaca, não sou uma vaca!

Camaleão 3 — A minha mãe levava-me a ver as vacas! Quer dizer o meu pai é que queria que fôssemos todos os domingos ver as vacas. A minha mãe dizia que as mulheres, as prostitutas, eram as vacas! Eu nunca tinha visto uma vaca. Tu és uma vaca e eu vou...

Melanie — Pobre alma! Pobre alma! Não vais nada, estás tão assustado que metes pena. Vou cantar para ti, vou dar-te o repouso final do guerreiro.

Camaleão 3 — Mas eu não fui à tropa!

Melanie — Que descaramento! Então o menino não foi à tropa? Devias, tu devias, tu devias e não devias, tu devias ter tido juízo,

devias ter feito, devias e não fizeste! Fizeste mal! Devias ter feito e fizeste mal!

Camaleão 3 — Larga-me Mel, larga-me! Ajuda-me a dormir, ajuda-me a dormir, ajuda-me Melanie! Eu queria escrever, escrever versos, quando tinha aquela idade própria para escrever versos.

Melanie — Versos com idade então, coisa infantil...

Camaleão 3 — Não é infantil! Onde é que te levaram as tuas certezas? Onde é que te levou tudo aquilo que te ensinaram e em que acreditaste piamente? Ajuda-me a telefonar, ajuda-me a telefonar! Ajuda-me a não telefonar, a não telefonar!

Melanie — A mim só me ensinou a minha mãe. E a ti? O que é que a tua mãe te ensinou?

Camaleão 3 — Fui rei, fui mendigo... não sou nada, nada! Cadáver adiado... um frio infernal, dormir duas horas, acordar, dormir duas horas, acordar... A dormir. A telefonar. A não telefonar.

Melanie — Parece uma disciplina tão castrense! Afinal sempre foste à tropa! Estás na tropa querido? Os magalas precisam tanto de amor, vem cá que estou em brasa, acende o meu forninho! Isso, mete tudo, tudo bem fundo, como a Mel gosta, bem fundo, isso, isso...

Camaleão 3 — Onde estive, onde estou, onde é que estás, onde estás, estás onde, onde estás, onde estás amor? Finge, finge...

Melanie — Isso, estou a gozar, estou a gozar!...

Camaleão 3 — Onde estás?

Melanie — Estou contigo amor... isso...

Camaleão 3 — Que trazes contigo?

Melanie — Que trazes contigo?

Camaleão 3 — Não repitas o que digo, merda!

Melanie — Porque é que paraste?

Camaleão 3 — Finges mal, finges mal!

Melanie — Tu é que não sabes fingir percebes meu cretino! Tu é que não sabes fingir!

Camaleão 3 — O que trazes contigo?

Melanie — Não pares, não pares cão do caralho!...Rumores. Murmúrios. Água fria. Pronto-socorro... Ah, caralho!

Camaleão 3 — O momento...

Melanie — Deixa-me tocar-te!

Camaleão 3 — Toca-me.

Melanie — Bate-me. Com força, mais força! Bate-me, bate-me!

Camaleão 3 — Toca-me.

Melanie — As tuas mãos cheias de Graça; as tuas mãos cheias de Graça! Toca-me!

Camaleão 3 — Bate-me. Não aguento mais viver.

Melanie — Ninguém aguenta.

Camaleão 3 — Não aguento.

Melanie — Aguenta, cabrão, isso, fode devagar!

Camaleão 3 — Bate-me.

Melanie — Toca-me! Vês? Dedos de fada, dedos de fada!

Camaleão 3 — Bate-me.

Melanie — Dá, dá, dá-me lá esse caralho!

Camaleão 3 — Dói!

Melanie — Vais habitar pela primeira vez o teu novo lar, percebes, cão?

Camaleão 3 — A corda ao pescoço, o veneno, o comboio...

Melanie — Errar é humano, duas vezes é burrice! Finge, finge, meu merdas, finge!... Aprende! Falta-te emprego, estás doente, foste abandonado como uma velhinha? Finge, finge...

Camaleão 3 — Vou-te perseguir a vida inteira!

Melanie — Ainda bem! Nada como uma boa foda para encontrar um ideal de vida.

CASA DE MARTA

Camaleão 2 — Sabes o que é ser possuída um dia inteiro por gajos nojentos?

Marta — Sei e até gosto; se passo três dias sem orgasmo fico logo agoniada, dores de cabeça, até parece que estou com o período! Quem é que não gosta de foder? Não podes fazer disto um vício! Foder é bom, faz bem. És limpinha? Ele há meninas que são umas cabras para os clientes! Namorar? Namorar?! Para quê? Tive um cliente, outro dia, que se apaixonou e ficou logo sem 10.000 euros! Já viste? Mas tu estás triste, mulher! Nós temos de tratar de nós! Olha eu vou a Espanha numa daquelas excursões de 40 euros e fico logo a sentir-me melhor. Até me venho quando passo a fronteira! Olé! Trabalhas para mim. Eu sou a Marta! Sabes que Cristo foi feliz em Casa de Marta? Marta! Marta! És completa? Fazes anal e mamas bem? Vem mamar aqui na minha coninha, isso mama a Marta, mama-me bem, isso querida! Até passas o teste, sabias? Ficas na Casa, precisas arranjar o cabelo e fazer a depilação. Não te esqueças de fazeres clisteres, tens de ginastigar o botão de rosa com postigos, começa com bananinhas da Madeira! Minha linda Camaleoa, vou-te chamar Filipa da Macedónia, que deu à luz Alexandre, o Tarado! Ah, dá cá um beijo à tua mamã Marta. Cristo foi feliz aqui, sabias? Tenho de ir passear o Bolinhas! Não vês como esta agitação o perturbou? És insensível? Tens fé? Vais à igreja?

Camaleão 2 — Qual igreja?

Marta — A dos Quatro Caminhos!

Camaleão 2 — Norte, Sul, Este e Oeste?

Marta — O Pastor é fantástico! Ilumina muitas almas. Muitas mesmo! Eu sinto desprezo pelo meu ex-marido. Ele é bom pai. Mas eu sinto desprezo pelo que ele me fez. Não perdoo.

Camaleão 2 — Mas se é bom pai...

Marta — Desprezo.

Camaleão 2 — Sim...

Marta — Isso é iluminação!

Camaleão 2 — O desprezo?

Marta — O que é que tu sabes da “iluminação provinda do desprezo” minha camaleoa epiléptica?

Camaleão 2 — Esse pastor deve ser mesmo bom!

Marta — Não digas “bom”! “Isso é muito bom, isso é muito mau!” Diz, gostoso! Gostoso. Vem do âmago!

Camaleão 2 — Âmago ou gosto?

Marta — Tu gostas, ou não gostas, Camaleoa! Não dizes que é bom!
É bom porquê?

Camaleão 2 — Porque gosto?

Marta — Ora estás a ver, porque gostas!

Camaleão 2 — Mas tu saboreaste, de alguma forma, o pastor?

Marta — Virgem Maria, por Amor de Deus! É tudo muito luminoso-
espiritual-completo! Sabes, há muita gente enganada que só vai à
igreja para ser vítima de extorsão? Ficam lisos até ao último cêntimo:
ele é pagar por isto, por aquilo, são dizimados pelo dízimo!...

Camaleão 2 — Terrível!

Marta — Não é nada terrível!

Camaleão 2 — Não!

Marta — Deus concede as graças, na mesma, porque a fé é muita,
compreendes?

Camaleão 2 — Escreve direito por linhas tortas?

Marta — Muito tortas mesmo; mas escreve, lá isso escreve, direito...

Camaleão 2 — Assim-assim... direito!

Marta — Eu não estou só. Deus cuida.

Camaleão 2 — Eu acho-te inteligente. Ligas as coisas... por exemplo, o guardanapo... Tu deste-me o guardanapo que estava debaixo do prato das amêijoas... Eu, desajeitado como sou, tinha deixado cair o meu guardanapo... Tu percebeste e foste inteligente, quer dizer acho que foste mais do que inteligente, foste gentil! Foste gentil comigo e agradeço-te. Dá-me ternura. Obrigado.

Marta — Tu falas pouco de ti Camaleão. Tens o cabelo bonito! Eu falo, falo, não preciso inventar história nenhuma, nenhuma personagem; sou só eu.

Camaleão 2 — Cheiras bem!

Marta — Já sabes como sou safada... Sem orgasmos fico com nervos!

Camaleão 2 — Eu gostava de ficar parecido com o Brad Pitt naquele anúncio que ele faz a uma camisa aos quadrados, vermelhos e pretos! Sabes qual é? Adorava ter aquela barba loura e espessa, aqueles cabelos compridos, os lábios grossos... Tal e qual o Brad Pitt!

Marta — Mas o sujeito que faz esse anúncio não é o Brad Pitt!

Camaleão 2 — Tens a certeza?

Marta — Absoluta!

Camaleão 2 — É o Brad Pitt mesmo que não seja o Brad Pitt, compreendes? Por Nossa Senhora! Quero ficar parecido com aquele Brad Pitt! Aquele tipo com a camisa aos quadrados vermelhos e pretos!

Marta — Mas tu tens o cabelo preto, querido...

Camaleão 2 — Pinto-o ou ponho uma cabeleira!

Marta — As minhas mamas são naturais, tal qual Deus me pôs no mundo!

Camaleão 2 — Tu, o teu Deus e as tuas mamas!

Marta — Não tiras os olhos delas!

Camaleão 2 — Sabes, nós não pensamos o Mundo mas aquilo que queremos pensar dele... nós não vemos o mundo mas aquilo que queremos ver... nós não sentimos o que sentimos mas aquilo que queremos sentir...

Marta — Diz-me que sim!

Camaleão 2 — Não!

Marta — Sim!

Camaleão 2 — Não!

Marta — Não olhes para as minhas mamas. Não olhes para as minhas pernas! Não quero que me vejas. Não quero que me vejas.

Camaleão 2 — Vem!

Marta — Volta!

Camaleão 2 — Consegues estar aqui e não estares? Tens tempo para mim? Por favor preciso de uma hora para falar, falar, sem parar.

Marta — Sinto a tua falta, sinto sempre a tua falta, sinto sempre, sempre, sempre, sempre, a tua falta.

Camaleão 2 — Fazes-me falta.

Marta — Abre a porta, abre a porta eu não te mereço isto! Eu sei que estás aí!

Camaleão 2 — Vai-te embora Marta, vai-te embora!

Marta — Consigo abrir a fechadura, eu consigo! Não vês como é bonito mentires-me tanto e, ainda assim, adivinhar-te os passos, os gestos, tudo, tudo!

Camaleão 2 — Vai-te embora, vai-te embora Marta!

Marta — É difícil abrir esta porta, mas hei-de conseguir. Conseguir!

Camaleão 2 — Morrer de amor por ti, morrer de amor por ti!

Marta — Consegui, consegui!

Camaleão 2 — Vai-te embora, vai-te embora!

Marta — Olha-me nos olhos.

Camaleão 2 — Olha-me nos olhos.

Marta — Em silêncio, revisitemos.

Camaleão 2 — Revisitemos.

Marta — As nossas melhores esperanças!

Camaleão 2 — Diz-me, diz-me!

Marta — Vai-te embora. Vai-te embora Camaleão! Chupo. Chupo. O Senhor é o meu pastor e nada me faltará.

Camaleão 2 — Não fazes falta ao teu Senhor. Que falta é que tu fazes? Diz lá?

Marta — Nada me faltará.

Camaleão 2 — Não fazes falta percebes? A ninguém!

Marta — Eu vou a Caldas Novas com a minha filha, em Goiânia, Brasília! Queres ver uma foto da minha filha? Espera, o celular está a chamar. É uma amiga minha que se zangou com o marido. Não sei o que é que ela vê naquele velho.

Camaleão 2 — Bate na mulher, no filho, na mãe, no pai, bate, bate com força! Bate, cabrão! Ama, cabrão! Ama cabrão! Atira o corpo uma, e outra vez, mais e mais, contra espelhos, contra tudo! Despedaça-te, corta-te e finge, finge ser prazer o prazer que deveras sentes.

Marta — Vamos lá a acalmar senão fico nervosa e tenho que ter um orgasmo rapidamente! Vamos lá, calma! Primeiro: és muito óbvio! Numa hora queres ser o Brad Pitt, que não é Brad Pitt nenhum e depois, e depois... eu gosto é do António Fagundes!

Camaleão 2 — Esse ainda é vivo?

Marta — Olha, vamos lá a ver se a gente se entende. Segundo: eu gosto muito dos filmes do “Erre Pote”. Gostas dos filmes do “Erre pote”? Sim, ou não?

Camaleão 2 — Sabes que consigo ser feliz contigo sem te pedir nada?

Marta — És fegoso, potente... Não quero fazer amor contigo agora. Tenho um cliente a seguir, depois, guardo tudo, tudinho para ti! Mais tarde, amor. Agora tenho de trabalhar. Tenho de fingir. Depois quero fingir contigo o prazer que deveras me dás.

Camaleão 2 — Queres que te massaje os pés?

Marta — Eu depois ligo-te amor... conversa agradável, boa companhia...

Camaleão 2 — Quando é que te vais embora?

Marta — Quando tiver dinheiro suficiente. Fugi 10000 quilómetros para longe da minha filha porque não lhe podia dar sustento. O meu amor por ela é suficiente? Achas que a amo? Qual a verdade que te faz chorar um pouco Camaleão?

Camaleão 2 — Os meus filhos a correrem para mim e chamarem: “pai, pai, pai”!

Marta — Três vezes!

Camaleão 2 — Três vezes.

Marta — Só quando aguentares viver com a dor ela vai deixar de existir. Nessa altura podes voltar a fingir, podes voltar a ter prazer, podes voltar a ser puta! Camaleoa, sua safada!

Camaleão 2 — Eu gostava de ser estrela de novela brasileira! Levas-me contigo Marta?

Marta — Como o Fagundes amor meu?

Camaleão 2 — Não! Como o Brad Pitt! O Brad Pitt! Levas-me contigo, levas, por favor? Qual é mesmo a morada Marta? 20 ou 22?

Marta — Nem 20 nem 22! É o número 1! Tens de passar pelo cabeleireiro, depois vem o larguinho, que já teve uma fonte, e é o nº 1. Rés-do-chão esquerdo!

Camaleão 2 — Leva-me para Casa Marta.

CASA DE MAYA

Maya — Um dia igual aos outros.

Camaleão 4 — Uma noite ainda pior que as outras.

Maya — Coitadinho! Saudinha, saudinha! Olha isto aqui são trinta euros. Obrigada. Vai-te lavar na casa de banho. Eu abro cortina. Tens aí produto para lavar mas tens produto diferente se não gostares desse, podes ser alérgico. Tens toalha. Vês? Toalha. Vou ligar música ambiente. Tudo muito sofisticado como podes ver, com muita sabedoria. Estás lavadinho? Podes vir. Vem, vem lá... queres que me sente. Sou um bocadinho maior que tu. Não tem problema pois não? Gostas de gajas grandes? ... Não, não, deita-te; lençol está lavadinho. Cheiroso. Isso, deita. Agora cala-te! Shiu! Vamos fazer o nosso acto de amor. Eu vou-me calar também e arfar um bocadinho assim... Tens aqui mamas para te regales. Regala-te com mamas! Isso, isso, bebé, muito bem. Já está. Chega de mamas. Agora vem cá. Eu deito-me e tu... deixa cá ver... teu espargo está crescido, precisa preservativo! Muito importante. Isso enfia espargo. Eu sou muito grande, grande, grande. Mamas ajudaram Gagarin! Yuri Gagarin a entrar em órbita! Já estás em órbita espargo? Ainda não estás em órbita. Como é que é possível? Não foi foguetão Sputnik que pôs Yuri Gagarin em órbita de planeta Terra, foram mamas de Maya! Mamas de Maya, grande sabedoria e sofisticação...

Camaleão 4 — Pedras!

Maya — Pedras não são poemas. São pedras!

Camaleão 4 — Eu ia, eu ia, eu ia, eu não...

Maya — Certas coisas... nunca acontecem.... espargo...

Camaleão 4 — Nunca.

Maya — Hemorragia é poesia de hemoglobina. Puchkin! Já não tenho esses demónios.

Camaleão 4 — Vagina limpa, tão limpinha, tão asseada!

Maya — Goza, goza espargo...

Camaleão 4 — Poder o que não posso, ver o que não vejo, ah, sentir o que não sinto! Dá-me amor, amor! Ah, Maya, e agora, e agora?

Maya — Tenho-te tanto! Vou dar gritos expressionistas, muitos gritos expressionistas! Ouves, sentes, gritos expressionistas? Tens espargo cada vez mais esparregado.

Camaleão 4 — És bonita...

Maya — Obrigada Camaleão! É a não pensares que encontras o caminho, é a não te teres que encontras o caminho, é a perderes-te que lá chegas, é a não seres que te tornas livre. Queres mais gritos expressionistas? (*de súbito triste*)

Camaleão 4 — O que é que se passa?

Maya — Sou professora de piano.

Camaleão 4 — Podes tocar? Adorava ouvir-te tocar piano...

Maya — Jazz, definitivamente, não.

Camaleão 4 — Toca qualquer coisa?

Maya — É preciso piano, Espargo! É preciso praticar... Trabalho copa, trabalho limpezas, tanto faz... Mamas Gagarin... Precisa praticar para tocar piano, e precisa piano... Muitas dificuldades! Piano. Eu sou professora e dificuldades... colocar pérolas de cultura na cabeça de crianças.

Vai-te lavar. Tens lá produto, e outro produto se não gostares do produto, enfim, alergias... já sabes.

Camaleão 4 — E toalha.

Maya — Toalha é importante.

Queres mesmo saber? Queres mesmo? Sê uma colcha atirada da janela em dia de festa e não penses na poeira levantada pelos cascos em fúria. Pensa na almofada de penas, rasgada, resgatada, cada pena, em mil calvários. O que é que ajuda mais Gagarin? Foguetão ou mamas de Maya?

Camaleão 4 — Não compreendo?

Maya — Nem eu Camaleão! Fazes cada pergunta! Achas que se soubesse te andava a chupar o espargo?

Camaleão 4 — Maya, se deixares de pagar as contas não é grave. É só dinheiro... Foges!

Maya — Todos esperam um final feliz, não é Camaleão? Residencial Paraíso, 30 euros!

Camaleão 4 — Foi bom?

Maya — Pelo menos não doeu... Shiu... não peças desculpa a Maya meu espargo querido...sou mulher solteira... Deus quis assim e tenho homem assim. Pronto, homem-espargo, meu querido, não peças desculpa... *“Tombe la neige”* gostas?

Camaleão 4 — Cheira bem a tua comida o que é?

Maya — Papa.

Camaleão — Papa?

Maya — Papa, sim!

Camaleão 4 — E quem são os santos que tens ali?

Maya — A Santíssima Trindade, São Nicolau, Nossa Senhora de Kazan, que nos salvou de tártaros, tártaros, sabes? E Santa Elisabeta, por causa da minha filha Elisabeta.

Camaleão 4 — Dizem que todas as desgraças serão bem-vindas no coração do justo pois é infinita a sua força e nele canta a voz do Senhor; dizem que não se abate a fé no seu coração! Dizem que nos braços do justo está o poder de transformar a terra e de elevar os guindastes da salvação. Dizem que se acendem asas nas espáduas dos que caem no abismo!

Maya — “*Tombe la neige*” é tão bonito... Pelo menos não doeu. Não dói. Isso é bom, carinhoso... Desculpas de quê? Vive com elegância: música ambiente, sofisticação, sabedoria, papa na panela, santos na parede, mamas Gagarin e entras na órbita terrestre! Que queres mais? Sai com cuidado!

CASA DE ADRIANA

Adriana — Eh pá vieste logo agora que estava ali no quentinho da cama pá! Fosga-se que está um frio do *caracete*! Estão a dar os Simpsons pá, é porreiro, a Family Guy e aquelas merdas todas do zapping mental, muito ciclotrão, entre a almofadinha e o edredão! Hu, é do *caracete*! E tu queres foder pá? Podias ter dado mais um quarto de hora para eu acordar pá, são só 4 da tarde, eh pá isto ainda é ontem, percebes? És do *caracete*!

Camaleão 3 — Mas a gente combinou às 4?!

Adriana — A gente combinou, a gente descombinou, eh pá és do *caracete*! Os gajos atrasam-se sempre pá! Os filhos da puta atrasam-se sempre! Não és filho da puta! Eh pá desculpa lá, mas eu sou... queres ver as mamas? Tirei agora o silicone, têm umas cicatrizes, eh, mas estão valentes, olha para elas a baloiçarem! Parecem, parecem, oh pá não se parecem com nada! Olha queres uma amiga minha para se juntar à festa?

Camaleão 3 — Depende da amiga...

Adriana — São mais cinquenta, e olha que a gaja é boa, é toda real, como nas fotografias!...

Camaleão 3 — Isso é muito.

Adriana — Então quanto é que tens?

Camaleão 3 — Por hoje chegas tu.

Adriana — Estoril, Estoril! Eu adoro o Estoril Praia pá! Não fiques com essa cara de preta albina! Preta sou eu, mulatinha, e não sou albina! Eh pá, o Estoril Praia... eu adoro o Estoril Praia, mais a praia que o Estoril, mas olha que me sinto bastante dividida, percebes? É do *caracete*...

Camaleão 3 — Mas estás com sono, estás a dormir!

Adriana — Eu! A dormir! Eh pá eu tou com um tesão incrível, tu nem queiras saber o que eu fodia se pudesse! Fodia a equipa toda do Estoril, os adeptos, os camones e os nadadores salvadores! “Socorro, socorro, estou-me a afogar!” É só a reinar meu! Eu nado que nem uma lontra! A gente tem de se rir um bocado, estás p’rai e... e? Estoril, Estoril, pipipi!

Camaleão 3 — Tu não és uma boa profissional!

Eu também tenho que aturar gruhos e grunhas e toda merda de coisas e ...

Adriana — Estás muito fora meu! E o quê?

Camaleão 3 — Ética!

Adriana — Foda-se! Estoril, pipipi! Ética é do caracete, pá! Eu tive com a gaja e ela... olha, tinha umas curvas, um... eu gosto de gajos...

mas a ética, a ética tinha... um “je ne sais pas quoi” sabes, eu apaixonei-me por ela e tivemos casa pronta e, pensámos em adoptar, na Rússia, ou uma chinesa, também dava... não quero falar mais disso. Acabou. Chega! Estoril! Olha rapaz, vou-te dizer o seguinte...

Camaleão 3 — O quê?

Adriana — Já disse: “o seguinte”! É só rir, meu! Não, espera lá, espera. Dá-me uma oportunidade para te mostrar a mulher que verdadeiramente sou! Olha que isto vem de dentro...

Camaleão 3 — Mas quem é essa? Quem é essa? Vai lá chamar a tua amiga!

Adriana — Ela não vem por menos de cinquenta.

Camaleão 3 — Só tenho 15... merda! Vou-me embora. Mas espera lá... onde é que estão as minhas calças? Viste as minhas calças? Isto não são as minhas calças, é um vestido de malha antracite!...

Adriana — Isso não é meu. Não posso com antracite! Só roupa interior polar, por causa do friozinho! Eh pá tu tens as mãos frias caraças, como é que queres que uma mulher aqueça?

Camaleão 3 — Este vestido não são as minhas calças!

Adriana — Claro que não e também não é polar... portanto: Estoril, pipipi!

Camaleão 3 — Estou farto de ti e da tua amiga...

Adriana — Mais cinquenta! Já pensaste em duas boquinhas a chuparem-te a ervanária, heim? Estás tão murcho meu... Já, sei, *caracete* (!), queimávamos um bocadinho da tua ervanária e fumávamos erva de gajo! Talvez a gaja baixe o preço, vou-lhe perguntar. Espera aí!

Camaleão 3 — Espera lá, ninguém vai fumar a minha ervanária, percebeste?

Adriana — Tens de me dar uma oportunidade de te mostrar a verdadeira mulher que há em mim!

Camaleão 3 — Tu não és real como as fotos.

Adriana — Não, são reais, praí vinte anos atrás, quando o cãozinho entrou no campo da Amoreira; a malta toda a rir; o árbitro a correr atrás do cãozinho...

Camaleão 3 — Tu morreste não foi? Chamas-te Gilberta, não é?

Adriana — Sim, Gilberta... já morri...

Camaleão 3 — Nunca trabalhaste neste ramo.

Adriana — Nem fui sindicalizada... não podia não era?

Camaleão 3 — Morreste de ataque cardíaco. Fulminante!

Adriana — Pois foi.

Camaleão 3 — Foste solteira a vida toda.

Adriana — Pois fui.

Camaleão 3 — Eras virgem.

Adriana — Pois era.

Camaleão 3 — Eras bonita.

Adriana — Sim, era.

Camaleão 3 — A tua amiga não existe. Estiveste sempre só.

Adriana — Pois estive. Mas não tem mal ter uma amiga imaginária pois não?

Camaleão 3 — Não.

Adriana — Então sempre arranjas os cinquenta euros?

Camaleão 3 — Arranjo.

Adriana — Obrigada. Queres uma camisola polar?

Camaleão 3 — Tens uma flor linda no teu cabelo!

Adriana — Ah pois é! Que bom. Que bom.

CASA DE VANDA

Vanda — Tu gostas de enrabar não gostas? Tu gostas, tu gostas muito de enrabar! Hu, hu! Ah, tens dedinhos de fada! Tu gostas de lambar não gostas? Tu gostas, gostas! Isso, isso lambe bem, come-me toda, isso, isso! Sabes, há clientes que enfiam o dedo todo pelo rabo acima e eh pá, oh, cuidado amigo, assim uma pessoa até se assusta! Tu gostas, não gostas? Vê-se logo que gostas! Isso dedinho de fada estimula bem a terminação nervosa!

Camaleão 2 — Vânia...

Vanda — Vanda, Vanda, amigo!

Camaleão 2 — Tu tens uma extraordinária fluência verbal...

Vanda — Sim, sim, tu gostas, vê-se que gostas! Eu li muito, adoro ler; trabalhei num *call center* e passava a vida a falar, a falar... Isso tu gostas mesmo! O meu padrasto é empreiteiro. Isto agora para a construção civil está muito mau. Não tenho filhos mas é como se tivesse, uma irmã adolescente. Ai a terminação nervosa está a reagir, a reagir amigo! Vá gostas, tu gostas, tu gostas! Tenho doze gatos e um cão! Ai, fode a coninha um bocadinho, fode lá!

Camaleão 2 — Devias emigrar Vânia!

Vanda — Vanda, Vanda! É agora, chegou a hora de enrabar! Vá mete-me esse caralho todo no cú!

Camaleão 2 — Vai-te embora Vânia!

Vanda — Vanda, Vanda, Vanda! Ah, dá-me com força! Eu não posso emigrar com doze gatos e um cão; mas tu gostas, ah sim, tu gostas de enrabar! Enterra-me esse caralho todo no cú! Ai adora ser enrabada venho-me que nem uma doida! Ah, ah, tu gostas, tu gostas, meu cabrão! Ah, ah, pronto, já está! Cuidado, cuidadinho, eu adoro levar no rabo e o meu nome é Vanda, Vanda, não é Vânia, mas depois, ui, cuidadinho as terminações nervosas emitem uma ordem e...

Camaleão 2 — É o *call center*!

Vanda — Fica logo fechadinho, fecha, automático, percebes? Ele há clientes que, pois, concretamente, claro está, não é (?) querem montar mais um bocadinho, gozar mais, mas o meu rabo, o meu rabo... não deixa, fechado, *close*! Gostaste, não gostaste? Eu tenho de fazer uma ginástica do caraças, inventar umas tretas de *call center* — “musica ambiente, vou passar a chamada, não desligue”, para o cliente ficar satisfeito! Ah, sim, tu gostas, eu sei que gostas, dar-lhes uns linguadinhos assim com a língua a mexer muito depressa, muito depressa! Gostas, não gostas, gostas destes linguadinhos?

Camaleão 2 — Se emigrares, refere no teu *curriculum vitae* as terminações nervosas do teu rabo. Faz isso, tu não me conheces Vânia, mas...

Vanda — Vanda, Vanda! Eu faço isso, tu gostas não é? Eu faço isso... venho-me que nem uma perdida! Estavas no meu ritmo, ritmo, ritmo, gostas disso, ritmo, gostas disso, ritmo, gostas disso!

Camaleão 2 — Gosto disso, eu gosto Vânia!

Vanda — Vanda, adeus, adeus.

Camaleão 2 — Gosto, gosto, Vânia, Vanda, adeus, gosto, gosto disso!

Vanda — Adeus, adeus, adeus!

Camaleão 2 — Ah, Vanda, Vânia, adeus, adeus, adeus, adeus...

Vanda — Vira à direita, é o 6, sobe, fode, sobe, fode, sobe, fode, sobe, fode!

CASA DE SOFIA 2

(ao telefone)

Camaleão 1 — Quais são as condições? Quais são as condições? Quais são as condições?!

Sofia — Fingir, sonhar, sonhar, sonhar, fingir, não é difícil!

Camaleão 1 — Difícil é compreender...

Sofia — Como assim?! Contornas a rotunda. Há sempre, sempre, lugar para estacionar o carro; vais ao número 38, ao número 72, 3º andar, rés-do-chão. Telefona! Antes. Cinco minutinhos. Querido, amor, amor, querido, querido amor, amor, querido. Beijinhos. 3º andar, rés-do-chão. Foi azar passar o homem do lixo, foi azar passar a vendedora da Remax, foi azar a senhora que descia, a criança que espreita na porta do prédio à espera de alguém.

Camaleão 1 — Quem? Quem?

Sofia — Foi azar! Todos, todos transgridem a Lei.

Camaleão 1 — Não pode ser, não pode ser!

Sofia — Estás triste? Ela foi-se embora? Anima-te homem! Mulher é como biscoito, vai uma, vêm logo oito! Mulher é como biscoito, vai uma vêm logo oito.

Camaleão 1 — Queres casar comigo? Chama-se o padre, outra princesa que sirva de testemunha e seremos felizes para sempre, só hoje.

Sofia — “Só hoje” soa-me perfeito.

Camaleão 1 — Ser feliz para sempre “só hoje”, “só hoje”!

Sofia — “Só hoje”, agora, agora, agora! Setenta euros!

(acaba telefonema)

Sofia *(com temor)* — Não me mordas os braços! Por favor não me mordas os braços! *(simpática)* Tu estás bem! Eu também não estou nada mal! Não achas? Estás envergonhado? Ainda não estás envergonhado! Daqui a pouco talvez?... És estranho, fazes-me lembrar um martelo a bater chapa!

Posso saber o teu nome? Não interessa, ias mentir... Posso chamar-te Paulo? Posso?

Camaleão 1 — Ai amor, princesa, finge, finge tão completamente que me consigas enganar! Finge, finge, amor, finge, diz o meu nome, diz o meu nome...

Sofia — Paulo, Paulo...

Camaleão 1 — ...finge, finge que é prazer o prazer que deveras sentes!

Sofia *(sincera)* — Beija-me, Paulo, mas não me mordas os braços. Pensei em ti a noite toda, a noite toda. *(eloquente; voz grave)* Que fizeste da tua vida Paulo na senda de Damasco? Não ouves as notícias? Síria? Seria Síria Paulo? Para onde foste, guerreiro antigo? *(ardente)* Beija-me, já sabes como adoro a tua boca, mas não me mordas os braços!

Camaleão 1 — Finge, finge...

Sofia (*com entusiasmo*) — Vais ver que resulta viver! Viver resulta se não tiveres medo! Não tenhas medo Paulo! Olha para mim: sem unhas, sem dedos, sem mãos, sem cabelos, olha para mim sem dentes, sem olhos, olha para mim, pelo lado de dentro de mim!

És capaz de olhar para mim pelo meu lado de dentro?

(*feliz*) Mergulha Paulo, nada a noite inteira!

Camaleão 1 — Engana-me com ternura, pede-me as coisas que te peço que digas, pede-me as coisas miúdas, pede-me espuma, escândalo, pede-me verdes anos que eu peço-te azul viagem, pede-me contas, por favor, só no fim! Só no fim... finge, finge...

Sofia (*com ironia*) — Sabes que a (**in**)felicidade está na moda? Estás **in**, Paulo! (*paixão*) Arrebata-me, dança, mexe, essa cintura! Agarra-me como quem dança um tango numa siderurgia, entre salpicos de aço e nuvens de fogo!

Apaixona-te desmesuradamente, doentamente, apaixonate com tudo o que tens e não tens! Inventate! Imaginate!

Faz do inferno luz, e da luz um inferno amargo e doce!

Camaleão 1 — Finge, finge, amor, finge, diz o meu nome, diz o meu nome...

Sofia (*neutra*) — Beija-me os pés Paulo, com exactidão e Graça. (*épica; voz grave*) Abraças-me os joelhos como o Grego em homenagem? Ah, Grécia, ah Roma, que me fizeram Imperatriz?! Foste raiva seca e dizias:

(*em sussurro*) “Natureza quebra-me os ossos, fritame o cérebro!”

(*surpresa*) Ajoelhas-te a chorar porque era manhã cedo?

(*compaixão*) Meu querido Paulo foi limpa e suja a nossa vida Paulo, meu querido, foi limpa e podre como *garum* de Cádiz!

Couraças de seda, chapa martelada de beijos Paulo!

(*firmeza*) Se me queres abraçar os joelhos abraça, abraça com força e parte-me as pernas! Vá, não és capaz? Então parte as tuas pernas à martelada e arrasta-te como um lagarto, aos gritos, Paulo, que eu fico muda porque comi a língua!

Camaleão 1 — (confuso) Meu Deus, meu Deus...

Sofia — (cruel) Vamos partir as pernas, vamos partir as pernas Paulo! Por ti, por mim, por nós e os outros, por ele, por ela, por isto, por elas... pelas marcas negras nos meus braços! (patética) Já reparaste como brilham?

Camaleão 1 (*desesperado*) — Deus é abandono, não é pai! Pai?! Pai!

Sofia (*melancólica*) — Acho que somos todos estranhos: sombrios e luminosos! (*descobrimo naquele momento*) Deixa-me dizer-te uma última coisa, a única coisa que vale a pena saberes acerca de mim: só eu, só eu posso morder os meus braços. É um direito que me

assiste, percebeste? (*devagar; em lágrimas*) Morde os teus braços Paulo, morde os teus braços, meu querido!

Camaleão 1 — Eu não desisto de ti nunca, nunca, eu não desisto, até ver aquela... aquela centelha nos teus olhos!...

Sofia (*com desespero luminoso*) — Morde os teus braços Paulo que eu morde os meus, morde os teus braços Paulo, que eu morde os meus! (*neutra*) Morde os teus braços, que eu morde os meus.

Camaleão 1 — Não se acaba assim uma conversa!

Sofia — Então como é que se acaba uma conversa? (*sai*)

FIM

VI - Registos Fotográficos de *Finge*





Nota - Fotografias do Espetáculo *Finge* em Lisboa, Teatro Taborada





Nota- Fotografia do Espetáculo *Finge*, em Milão, Teatro Nohma

VII - Texto Folhas de Sala do Espetáculo *Finge*

Sobre Finge

A criação **Finge** tem como ponto de partido o universo da prostituição.

Eros determina uma força vital decisiva no exercício da existência, entendida como limiar de experiências cuja singularidade determina as diferentes aproximações a que chamamos conhecimento. Conhecer uma experiência significa restringi-la a um conjunto de pressupostos transmissíveis, comunicáveis, seja através do logos, diálogo escrito, ou, mais apropriadamente, no projecto em causa, através do acto poético, ou devir estético em relação.

Prostitutas, ou acompanhantes, e revolução, ou dança, reverberam-se num impulso erótico irresistível que aos pouco inicia a moldagem de uma ordem desordenada, que não querendo impor-se numa doutrina estática, antes promulga aproximações, encontros e desencontros numa reaprendizagem da dor e do doar-se.

A mais velha profissão do mundo contém em si a mecânica erótica do Mundo, isto é, o modo, como ócio e negocio se entretecem, se reposicionam no matizar de relações sociais determinantes do ser, que eroticamente se experimenta, mas também, da articulação, do banquete, envolvendo todos os sentidos, que proporciona o esboço de uma nova ordem. Foi uma prostituta, como magistralmente contou Carlos Fuentes, que serviu de tradutora entre Montezuma e Pizarro, e foi amante dos dois, a verdadeira força que determinou o destino pós-colombiano da Terra centro americana. Essa mulher, podia ter sido um homem (que Eros não escolhe o sexo dos anjos), com o seu poder erótico, aliado ao poder da palavra, do logos, urdiu o seu destino e o das nações num anonimato de sacerdotisa, de quem com as mãos, a boca, o sexo, as palavras, retoma a memória mais próxima e profunda da experiência de existir.

Não sabemos se um convívio poderá fazer mais pelo Mundo que os gráficos dos ministro das finanças, mas acreditamos no mistério das coisas humanas o suficiente, para suspeitar que dançar o bolero com uma acompanhante bonita, pode revolucionar a alma dormente, acendendo-a, nem que seja fingindo, fingindo, intensamente, o prazer que deveras se sente.

Carlos J. Pessoa

Histórias de amor

O espectáculo está dividido em oito cenas. Cada uma das cenas decorre numa casa. Em cada casa acontece uma história de amor. As histórias de amor feliz não têm história. A Cultura Ocidental imortaliza histórias de amor ameaçado e condenado pela própria vida. Nas histórias de amor emerge a paixão do amor e não o amor realizado. A paixão é sofrimento, mas é, simultaneamente, força vital, para lá da felicidade e da dor. O Ocidente idealiza Eros através da paixão, e a força de Eros é fundamental para escaparmos ao tédio e para que nos possamos reconstruir, a cada momento, como pessoas.

Em cena quatro homens, ou quatro projecções do mesmo homem, Camaleão, encontram-se com sete mulheres, prostitutas com nomes próprios, Sofia, Melanie, Marta, Adriana, Vanda, Maya e Patrícia, provavelmente falsos, que protagonizam diversas hipóteses de sobrevivência, sob o signo do fingimento – do teatro.

O cenário é constituído por dois planos: a parede ecrã e o chão colchão. O início de cada cena é marcado pela substituição do lençol do colchão, à semelhança do que acontece nas casas de prostituição, acompanhada por mudanças de luz abruptas que procuram acentuar a crueza e nudez das situações representadas. O texto foi escrito a partir de relatos verídicos e experiências de vida. O par inicial é também o par da última cena do espectáculo, sublinhando a aceitação da condição da paixão como amor não realizado, idealizado e teatralizado.

No final do espectáculo, no palco vazio, o colchão e os lençóis das camas são apenas projecções coloridas e instáveis no ecrã. Sensações digitalizadas, acompanhadas por um requiem, dão ao espectador um tempo de reflexão. Neste momento, as imagens abstractas e impressionistas contrapõem-se aos corpos e às vozes dos actores, como um fresco antigo com os contornos das figuras esbatidos.

Em Finge, finge-se o amor, finge-se a casa, finge-se a felicidade, porque procuramos verdade, e a verdade tende a esconder-se, revelando-se informe, imprecisa e turva como a paixão amorosa.

Uma última palavra para os actores estagiários que trabalharam connosco neste projecto, lembrando-nos que não é possível pensar o nosso tempo e o teatro que fazemos sem equacionar o futuro.

Maria João Vicente

Ficha Artística E Técnica

Texto, Encenação E Concepção Plástica **Carlos J. Pessoa**

Assistência De Encenação **Nuno Nolasco**

Interpretação **Ana Palma, Beatriz Godinho, Francisca Moura, Ivo Melo,**

Maria João Vicente, Miguel Mendes, Nuno Nolasco e Nuno Pinheiro

Cenografia, Figurinos E Design Gráfico **Sérgio Loureiro**

Música, Desenho E Operação De Som **Daniel Cervantes**

Desenho E Operação De Luz **Nuno Samora**

Vídeo **Carlos J. Pessoa e Nuno Nolasco**

Tradução Ana Cláudia Santos (Italiano) **Maria Rita Furtado** (Inglês)

Direcção De Produção **Maria João Vicente**

Produção, Comunicação E Divulgação **João Belo**

Produção **Miguel Stichini**

VIII - Dossier de Imprensa do Espetáculo *Finge*



71ª Criação



FINGE

Teatro Taborda, Lisboa | 21 a 24 de Março e 4 a 7 de Abril 2013

Teatro Municipal de Bragança, Bragança | 12 de Abril 2013

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro, Milão | 11 e 12 Fevereiro 2015

Teatro Taborda, Lisboa | 20 a 22 Fevereiro 2015

FESTLIP 2015, Rio de Janeiro | 26 de Agosto a 2 de Setembro 2015

2015 | Nomeado para o Prémio Italiano *Il Teatro Nudo di Teresa Pomodoro*, apresentando-se, em Milão, no Spazio NO'HMA, dias 11 e 12 de Fevereiro, numa coprodução com a Expo Milão 2015. O espetáculo *Finge* foi selecionado entre cerca de uma centena de projetos internacionais, por um júri constituído por Peter Stein, Luca Ronconi e Eugénio Barba.

2014 | Nomeado na Categoria de Teatro – Melhor Texto Português Representado para o Prémio Autores 2014 atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores (SPA)

VÍDEO FINGE 2015

Versão completa disponível em: <https://vimeo.com/teatrodagaragem/review/120854689/94944cf78a>

Palavra-passe: PRETEND

Versão promocional disponível em: <https://vimeo.com/teatrodagaragem/review/101260757/b9b96c3ea2>



WWW.TEATRODAGARAGEM.COM

1

DOSSIER DE IMPRENSA

TEATRO DA GARAGEM

Teatro Taborda, Costa do Castelo, 75
1100-178 Lisboa

+ informações:

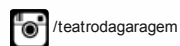
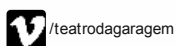
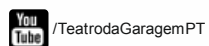
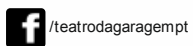
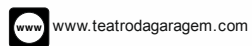
Maria João Vicente (Diretora de Produção) | mjv@teatrodaqaragem.com

Carolina Mano (Produtora) | cmmano@teatrodaqaragem.com

Teatro Taborda | 21 885 41 90 | 96 801 52 51 | geral@teatrodaqaragem.com

O TEATRO DA GARAGEM É UMA ESTRUTURA
FINANCIADA PELO

O TEATRO DA GARAGEM É UMA ESTRUTURA
APOIADA PELA



Nome do artigo: Sexo & Jogos de Poder

Fonte: Revista P2 - Público

Data: 17 de Março de 2013

Autor: Tiago Bartolomeu Costa

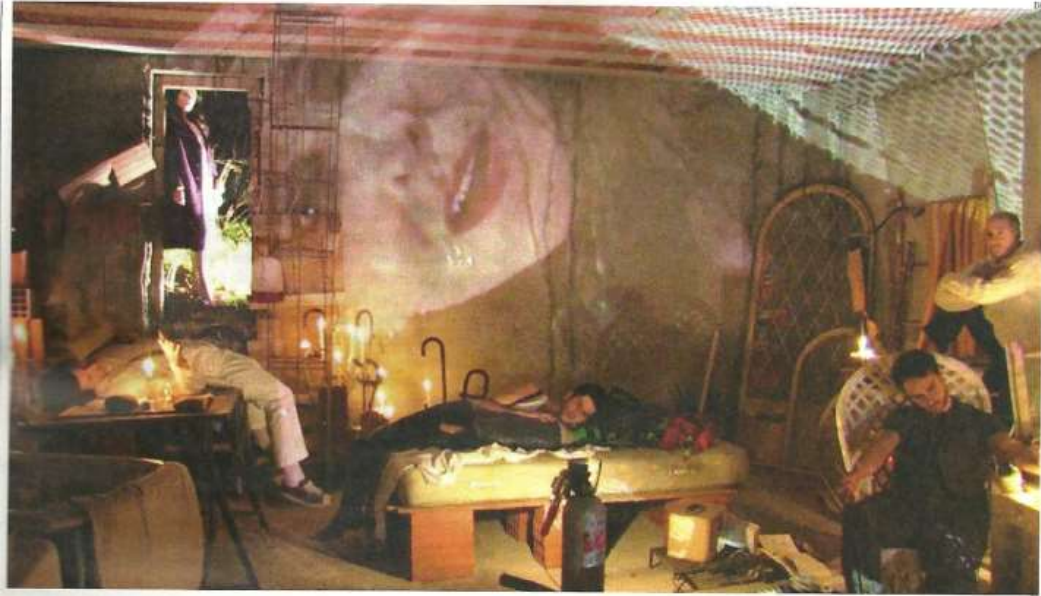
TEATRO SEXO & JOGOS DE PODER

Sobre “a mecânica erótica do mundo” escreve o dramaturgo e encenador Carlos J. Pessoa no programa de *Finge*, o novíssimo espectáculo do Teatro da Garagem que se estreou na quinta-feira, dia 14, no Teatro Taborda. Um texto que ecoa e evoca o sexo como máquina de poder e de prazer — como se acreditássemos que um vive sem o outro. Como se disséssemos que, porque é teatro, uma dor é mais fingida que a outra. No texto de Pessoa habitam memórias antigas das escolhas marcadas pelo azedume dos dias de chumbo na Viena da Primeira Guerra Mundial, como escreveu Schnitzler na peça *La Ronde*, do mesmo modo que o realismo mágico das prostitutas sul-americanas, como a que foi tradutora e amante de Montezuma (imperador azteca) e Pizarro (navegador espanhol) e “a verdadeira força que determinou o destino pós-colombiano da Terra centro-americana”. Amante porque traduziu, tradutora porque amou o que aqueles homens tinham para dizer para lá do que a carne oferece. Quem manda em quem? E o quê? Escreve Carlos J. Pessoa ainda no programa: “Prostitutas, ou acompanhantes, e revolução, ou dança, reverberam-se num impulso erótico irresistível que aos poucos iniciam a moldagem de uma ordem desordenada, que, não

querendo impor-se numa doutrina estática, antes promulga aproximações, encontros e desencontros numa reaprendizagem da dor e do doar-se.” É esta ideia de entrega, que permanentemente se confunde com sacrifício, que é cara ao teatro do Teatro da Garagem. Fala mais alto uma ética — do teatro naturalmente — onde a vida, e por isso o corpo, dos actores é o molde no qual se formam as personagens. Um teatro esteticamente impressionante, por vezes a insistir na crueza das palavras, na aridez dos seus sentidos, na oblíqua interpretação dos seus significados. Um teatro de dúvida. E agora ainda mais quando o sexo se substitui à retórica, que é o mesmo que dizer que o poder se substitui ao sonho. No fim, e como sempre, o sabor amargo dessa dúvida plantada no rosto dos actores como se fossem os nossos próprios rostos, entre aquele que paga e aquele que dá prazer: “Não sabemos se um convívio poderá fazer mais pelo mundo que os gráficos dos ministros das Finanças, mas acreditamos no mistério das coisas humanas o suficiente, para suspeitar que dançar o bolero com uma acompanhante bonita pode revolucionar a alma dormente, acendendo-a, nem que seja fingindo, fingindo, intensamente, o prazer que deveras se sente.” *Tiago Bartolomeu Costa*

Finge está no Teatro Taborda (Costa do Castelo, 75, Lisboa) até 27 de Março e de 2 a 7 de Abril, de terça-feira a domingo, às 21h30

VEJA ISTO



Nome do artigo: Acusação do fingimento
Fonte: Jornal de Letras
Data: 3 de Abril de 2013
Autor: Helena Simões

26 • ARTES / ESPECTÁCULOS jornaldletras.sapo.pt • 3 de abril de 2013 / JL

TEATRO
Helena Simões

Acusação do fingimento

“O poeta é um fingidor”, assim começa o famoso poema de Fernando Pessoa, património de todos e que muitos conhecem de cor. Em princípio, também o homem de teatro, seja ele encenador, ator, ou outro membro dessa estirpe se assimila ao fingidor poeta. A última peça do Teatro da Garagem, escrita e encenada como sempre pelo seu diretor artístico, por sinal, outro Pessoa (Carlos J.), chama-se justamente Finge, porém, não se trata do mesmo fingimento que ecoa na “Autopsicografia” de Pessoa (Hernando). Diferença, pelo contrário, que é uma acusação contra as relações divididas ou falsas entre o homem e as coisas, entre os homens e as mulheres, entre o indivíduo e a sociedade, entre o momento existencial e a duração da vida.

O público habituado aos espetáculos do Teatro da Garagem, neste caso pode

perder o pé, sobretudo porque as propostas do fazedor dessas oito cenas são suficientemente claras para o que se podia chamar de narrativas teatrais: imagens, fragmentos, curtos atos, no sentido em que se pretende criar um mundo de absurda ou caótica camuflagem onde não faltam os objetos reais ou criados. São, em todo o caso, imagens fortes e também de humor. A propósito,

“**O público habituado aos espetáculos do Teatro da Garagem, neste caso pode perder o pé. São imagens fortes e também de humor**”



Finge “Não, não é um espetáculo alegre”

esse humor é, por vezes, algo desesperado, mas também não raramente inventado e representado por puro prazer eventualmente gratuito.

Mal seria, todavia, insistir em olhar para este espetáculo do mesmo modo que para os anteriores, pois Finge está a propor de facto uma narrativa: um homem, embora personificado em várias figuras, mas sempre o mesmo, procura no labirinto de sete mulheres algo mais do que mulheres. São, aliás, todas prostitutas, cada uma com seu primitivo nome, como se não possuíssem outra identidade para além dessa, e suspeita-se que possam ser apenas replicantes de um certo estereótipo. Se a única

personagem masculina desta peça se chama Camaleão, então esse homem apenas consegue espelhar o caráter que encontra nas suas parceiras instantâneas.

Partir das não-narrativas de Carlos J. Pessoa para chegar a uma metáfora das relações humanas seria um salto difícil pois, ao perder a sua forma e fórmula, não foi criado, pelo menos desta vez, um artefacto fácil de definir, pelo resultado no palco. Seria um tempo de passagem? De nova aprendizagem? De difícil reconversão? O futuro dirá.

Claro, essa ronda, que de longe podia lembrar a peça de Schmitzler (A Ronda), fabrica sempre um espetáculo, talvez mais sóbrio, talvez mais filosófico na sua

acusação de falsidade do mundo das relações. Nessa cenografia que cria um espaço adequado, um pouco banal e com a dedicação dos atores, metade dos quais fazem parte do elenco habitual, mas todos dentro do mesmo espetáculo difícil, ainda desequilibrado, desmoldado dos eixos habituais e à procura do teatro perdido. Compreenda-se: Mara João Vicente aprofunda o seu papel na perfeição profissional e Miguel Mendes traz sempre consigo uma autonomia lírica, isto é, poesia. De referir ainda um certo cuidado com os gestos objetivos (fazer a cama) sem recelo do estereótipo das damas do eventual prazer. O mais fiel, no seu lugar habitual no Teatro da Garagem é Daniel Cervantes, musicólogo prático, músico com prática, tão interessante quanto como hoje. Quanto à conceção da luz, aqui eventualmente muito importante, merecerá uma discussão dramática.

Para acabar: não, não é um espetáculo alegre. No entanto, talvez se trate de algo mais ou de diferente. »

» **FINGE**
 Texto, encenação e concepção plástica de Carlos J. Pessoa. Cenografia, figurino e design gráfico Sérgio Izaretti. Música de Carlos Miguel Mendes. Música e desenho de som Daniel Cervantes. Desempenha-se Catarina Mendes, Vítor Gomes, Pedro, Nuno Malheiro e Nuno Pinheiro, com Alessandro Antoniazzi, Francisco Mendes, João Rossi, José Pedro Chaves, Nuno João Vicente, Miguel Mendes, Nuno Malheiro e Nuno Pinheiro.
 Teatro Taborda, quinta e domingo às 21 e 30. Até 7 de abril.

Nome do artigo: Finge
Fonte: Time Out - Lisboa
Data: 3 de Abril de 2013
Autor: Rui Monteiro

Finge

ESPECTÁCULO DA SEMANA
★★★★★

Teatro Taborda
Teatro, Ter-Dom

Imagens contra corpos. Imagens abstractas e impressivas, projectadas contra a razão, como tantas vezes no amor, e como desejo de reflexão. O ecrã como portal. Instável expressão de uma verdade variável, arisca, difusa, encantatória e fingidora; sobretudo fingidora, como os versos que escondem a realidade em lirismo para melhor a realçar. E afinal estávamos a falar de prostituição.

Oito são os quadros da nova produção do Teatro da Garagem, *Finge*, peça, como de costume, escrita e encenada por Carlos J. Pessoa (n. 1966). Oito são as casas que os acolhem. Oito são as personagens (embora uma delas, Camaleão de nome e característica, surja em cena partida em quatro: quatro partes de um homem, quatro expressões de uma personalidade, quatro manifestações de paixão, quatro reflexos de vontade) que as habitam como almas obrigadas a pensar, contrafeitas com a solidão, o desejo frustrado pela dor, pelas circunstâncias tolhido na acção. Como chegar ao outro? Como preencher o vazio? Como distinguir, na euforia, a realidade do arrebatamento, e, na

depressão, o arrebatamento da realidade? Como destrinçar o engano na meada enrodilhada do quotidiano? Como encontrar resposta para tantas perguntas quando elas suscitam mais e mais perguntas, cachoeiras de dúvidas, fontes de angústia, fúres irracionais? Como encontrar e como manter a lucidez? Como ser feliz? Enfim, como sobreviver?

Perguntas sem resposta, ou de muitas respostas, verosímeis umas, fantasiosas outras, imaginativas algumas, ocasionalmente apenas efabuladoras mas quase sempre motivadas por um mal-estar. Todas, perguntas e respostas, nascidas, inspiradas em "relatos verídicos e experiências de vida" na prostituição, derradeira estação do erotismo divinizado que com empenho se busca como emoção e ainda mais como mezinha para o aborrecimento da rotina. Debalde, pois o amor é fugidio e a paixão traiçoeira, ao contrário da interpretação firme, dedicada e diligente de Francisca Moura, Joaquina Chicau, Hélio Rosa, Miguel Mendes, Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro e, principalmente, da sempre segura e eficaz Maria João Vicente, sem esquecer o exaltamento inspirado de Alessandra Armenise que, banhados pela luz de Catarina Mendes, vogando com a música de Daniel Cervantes, dão corpo a este poema trágico e sensorial.

Rui Monteiro

Falco



Um tempo que realça a realidade da prostituição

3-9 Abril 2013 **Time Out Lisboa** 49

2015



Spazio Teatro NO'HMA
Teresa Pomodoro

LA REPUBBLICA

SPAZIO-TEATRO NO'HMA
VIA A. ORCAGNA, 2 02/45485085

Ore 21.00 Rassegna Festival Internazionale Premio "Il Teatro Nudo" - **Finge (Pretend)** di, messa in scena e regia Carlos J. Pessoa con A. Palma, B. Godinho, F. Moura, I. Melo, M. Joao Vicente, M. Mendes, N. Nolasco, N. Pinheiro

CORRIERE DELLA SERA

SPAZIO TEATRO NO'HMA
TERESA POMODORO

via Orcagna 2, tel. 02.45.48.50.85

Finge (Pretend) di e regia di C.J. Pessoa.

Ore 21. Ingresso libero. Replica domani.

IL GIORNO

SPAZIO TEATRO NO'HMA

Via Orcagna, 2 - 02/45485085

Rassegna Festival Internazionale - Fringe

con Ana Palma, Beatriz Godinho, Francisca Moura
ore 21.00 Ingresso libero

IL GIORNALE

SPAZIO TEATRO NO'HMA

Via Orcagna, 2

MM PIOLA

Tel. 02/45485085

Rassegna Festival Internazionale - Fringe

Con Ana Palma, Beatriz Godinho, Francisca Moura

€ Ingresso libero

ore 21.00

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale

Via Andrea Orcagna, 2 - 00131/ Milano - Tel 02 45485085 / 02 2668369 - fax 02 26681932 - C.F. 97145970154 - e-mail: nohmo@nohmo.it - www.nohmo.it

7



Spazio Teatro NO'HMA
Teresa Pomodoro

WWW.VVMILANO.CORRIERE.IT

CORRIERE DELLA SERA ACCEDI | MERCOLEDÌ 11 Febbraio 2015

vivi milano
A MILANO SI VIVE

Teatro

PROSA
Finge (Pretend)
di **Claudia Cannella** - Ultima aggiornamento: 06/02/2015

FOTO MAPPA



testo e di regia Carlos J. Paisso, con Ana Palma, Beatriz Godinho, Francisca Moura, Ivo Melo, Maria João Vicente, Miguel Mendes, Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro (Teatro de Garagem, Portogallo).

Dopo la Cina di "Tong Meng" e il Senegal di "Opera Lantib" è la volta del Portogallo con la storica compagnia Teatro De Garagem di Lisbona. Al centro dello spettacolo le dure ma umanesime vicende dell'amore, stretto dalle circostanze di un'assistenza quotidiana ai limiti dell'emarginazione sociale.

TAG: amore | emarginazione | portogallo | quotidianità | Teatro de Garagem

3 foto: cortina/epa/epa

Lascia un commento

Info
Spazio Teatro No'hma
Teresa Pomodoro
Via Circagna 2
Milano
Contatti:
tel. 02.45.48.50.85 -
02.26.68.83.69
Quando:
11 febbraio 2015
dalle 21.00
TUTTE LE ALTRE DATE

Prezzi:
prenotazione consigliata a: tel.
02.45.48.50.85 - 02-26-68-83-
69 e nohna@nohna.it

altri Spettacoli questa sera

- 1 L'amore è
- 2 "La finestra sui cortili" di Legnanesi
- 3 Il ritratto di Dorian Grey

Ristoranti in zona

- 4 K2 Trattoria Toscana
- 5 1492
- 6 Mimmo Milano

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale

Via Andrea Crocchia, 2 - 20131 Milano - Tel 02 45485085 / 02 26688369 - fax 02 26681932 - C.F. 07145970154 - e-mail: nohna@nohna.it - www.nohna.it



Spazio Teatro NO'HMA
Teresa Pomodoro

www.plannify.com

Finge (Pretend)

MILANO

Successivo



testo e di regia Carlos J. Pessoa, con Ana Palma, Beatrice Godinho, Francisca Moura, João Melo, Maria João Vicente, Miguel Mendes, Nuno Matoso, Nuno Pinheiro (Teatro de Garagem, Portugal). Dopo la Cina di "Tong Meng" e il Senegal di "Opera Lamo" e la visita del Portogallo con la storica compagnia Teatro De Garagem di Lisboa. Al centro dello spettacolo le due più umiliatissime vicende dell'amore, strette dalle circostanze di un'esistenza quotidiana ai limiti dell'immaginazione sociale. Fonte: <http://vivimilano.zanichelli.it>

Salva in Agenda

LOCATION

Spazio Teatro No'hma Teresa Pomodoro
via Orzagna 2

www.milanolife.it

MILANO
LIFE

// COSA

Finge (Pretend)

Condividi su Facebook Condividi su Twitter Condividi su Google+

testo e di regia Carlos J. Pessoa, con Ana Palma, Beatrice Godinho, Francisca Moura, João Melo, Maria João Vicente, Miguel Mendes, Nuno Matoso, Nuno Pinheiro (Teatro de Garagem, Portugal).

Dopo la Cina di "Tong Meng" e il Senegal di "Opera Lamo" e la visita del Portogallo con la storica compagnia Teatro De Garagem di Lisboa. Al centro dello spettacolo le due più umiliatissime vicende dell'amore, strette dalle circostanze di un'esistenza quotidiana ai limiti dell'immaginazione sociale.

Categoria Teatro Etichette: Prosa

Clicca una foto

Scritto da Redazione MilanLife il giorno 7 marzo 2015

DOVE



// DOVE

Spazio Teatro No'hma Teresa Pomodoro
via Orzagna 2, Milano, Milano, Milano Italia

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale

Via Andrea Orzagna, 2 - 20131 Milano - Tel 02 45485085 / 02 80688509 - fax 02 80681932 - C.F. 07145070154 - e-mail: nomma@nomma.it - www.nomma.it



www.piozzettavergani.org

**STORIA DI PROSTITUZIONE CON I PORTOGHESI DEL
TEATRO DA GARAGEM ALLO SPAZIO NO'HMA**

Lo Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro invita
11 febbraio, ore 21.00
12 febbraio, ore 21.00
Rassegna Festival Internazionale
Premio "Il Teatro Nudo" di Teresa Pomodoro

FINGE (Pretend)

Teatro da Garagem

testo, messa in scena e regia

Carlos J. Pessoa

con Ana Palma, Beatriz Godinho, Francisca Moura, Ivo Melo, Maria João
Vicente, Miguel Mendes, Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro

SI RICORDA DI PORTARE IL PASSAPORTO PER LA CULTURA

Ingresso libero e gratuito fino ad esaurimento posti

Prenotazioni tramite telefono o via mail

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro

Via Andrea Orcagna, 2 - 20131 Milano

02.45485085/02.26688369

mail: nohmal@nohmal.it

www.nohma.it

Tags: Teatro da Garagem, Teatro No'hma, Teatro Nudo

www.lambrateonair.it

TEATRO NO'HMA, via Orcagna 2



"FINGE (PRETEND)" - di Carlos J. Pessoa

11 e 12 FEBBRAIO ore 21

INGRESSO GRATUITO fino ad esaurimento posti

www.nohma.it

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale
Via Andrea Orcagna, 2 - 20131 Milano - Tel 02 45485085 / 02 26688369 - fax 02 26681932 - C.F. 07145970154 - e-mail: nohmal@nohmal.it - www.nohma.it



Spazio Teatro NO'HMA
Teresa Pomodoro

www.iltaccodibacco.it

Testo, messa in scena e regia Carlos J. Pessoa con Ana Palma, Beatriz Godinho, Francisco Moura, Ivo Melo, Maria João Vicente, Miguel Mendes, Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro

da mercoledì 22 a giovedì 22 febbraio 2015

Spazio NO'HMA - Teresa Pomodoro Milano

Finge di Teatro da Garagem

TEATRO E DANZA



Continua la stagione internazionale dello Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro, con compagnie soprattutto straniere che si succederanno per 12 mesi in occasione dell'anno dell'Expo, tutte concorrenti del Premio Il Teatro Nudo di Teresa Pomodoro. Dopo la Cina di TONG MENG G (dicembre), e il Senegal di Opera UAMB (gennaio), mercoledì 11 e giovedì 12 febbraio è la volta del Portogallo con lo straordinario lavoro del Teatro Da Garagem, storica compagnia della scena lusitana attiva a Lisbona da oltre 25 anni. Carlos J. Pessoa scrive e dirige FINGE per un cast affiatato di otto attrici ed attori, che si

muovono sul doppio binario della fantasia e del ricordo svolgendo davanti agli occhi dello spettatore le dure ma umanissime vicende dell'amore, stretto dalle circostanze di un'esistenza quotidiana ai limiti dell'emarginazione sociale. Uno spettacolo crudo, ma dalla grande forza poetica, che dimostra come il teatro sia ancora e sempre capace di rapvolgere le prospettive più oscure attraverso la potenza della parola e della sua invinibile semplicità. Nel lungo viaggio che lo condurrà in giro per il mondo (dalla Russia ad Israele, dall'Albania al Giappone) in questa stagione internazionale di NO'HMA, il pubblico è fornito di uno speciale 'Passaporto per la cultura' da timbrare all'ingresso e all'uscita di ogni spettacolo, contenente una scheda con i titoli in concorso: ogni spettatore potrà così esprimere il proprio giudizio riguardo al singolo spettacolo contribuendo, insieme alla prestigiosa giuria di esperti internazionali, a stabilire il vincitore di questa 6ª edizione di Il Teatro Nudo di Teresa Pomodoro.

Ingresso gratuito fino ad esaurimento posti

Si consiglia la prenotazione tramite telefono o mail

0245485085/ 0226688369 - nohma@nohma.it

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro

Via Andrea Orcagna 2, Milano,

www.nohma.it

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale

Via Andrea Orcagna, 2 - 20131 Milano - Tel 02 45485085 / 02 26688369 - Fax 02 80081932 - C.F. 97145970154 - e-mail: nohma@nohma.it - www.nohma.it



Spazio Teatro NO'HMA
Teresa Pomodoro

www.giornalemetropolitano.it

Continua la stagione internazionale dello Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro, con compagnie soprattutto straniere che si succederanno per 12 mesi in occasione dell'anno dell'Esposizione, tutte concorrenti del Premio Il Teatro Nudo di Teresa Pomodoro. Dopo la Cina di Tong Meng G (dicembre), e il Senegal di Opera LAMB (gennaio), mercoledì 11 e giovedì 12 febbraio è la volta del Portogallo con lo straordinario lavoro del Teatro Da Garagem, storica compagnia della scena lusitana attiva a Lisbona da oltre 25 anni. Carlos J. Pessoa scrive e dirige *FINGE* per un cast affiatato di otto attori ed attrici,

Il Portogallo di scena allo Spazio Teatro No'hma

Dopo la Cina di Tong Meng e il Senegal di Opera LAMB, mercoledì 11 e giovedì 12 febbraio è la volta dei lusitani con lo straordinario lavoro del Teatro Da Garagem.



che si muovono sul doppio binario della fantasia e del ricordo svolgendo davanti agli occhi dello spettatore le dure ma umanissime vicende dell'amore, stretto dalle circostanze di un'esistenza quotidiana ai limiti dell'emarginazione sociale. Uno spettacolo crudo, ma dalla grande forza poetica, che dimostra come il teatro sia ancora e sempre capace di rapovolgere le prospettive più oscure attraverso la potenza della parola e della sua inimitabile semplicità. Nel lungo viaggio che lo condurrà in giro per il mondo (dalla Russia ad Israele, dall'Albania al Giappone) in questa stagione internazionale di NO'HMA, il pubblico è fornito di una speciale "Passaporto per la cultura" da timbrare all'ingresso e all'uscita di ogni spettacolo, contenente una scheda con i titoli in concorso: ogni spettatore potrà così esprimere il proprio giudizio riguardo al singolo spettacolo contribuendo, insieme alla prestigiosa giuria di esperti internazionali, a stabilire il vincitore di questa 6ª edizione de Il Teatro Nudo di Teresa Pomodoro.

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro

Ingresso gratuito fino ad esaurimento posti

Si consiglia la prenotazione tramite telefono o mail

0245485085 / 0226688369 - nahma@nahma.it

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro

Via Andrea Orcagna, 2 - Milano

www.nahma.it

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale

Via Andrea Orcagna, 2 - 20131 Milano - Tel.02-45485085 / 02-26688369 - Fax.02-96681932 - C.F. 07145970154 - e-mail: nahma@nahma.it - www.nahma.it



Spazio Teatro NO'HMA
Teresa Pomodoro

12 FEBBRAIO 2015

LA REPUBBLICA

SPAZIO TEATRO NO'HMA
VIA A. ORCAGNA, 2 02/45485085

Ore 21.00 **Rassegna Festival Internazionale Premio "Il Teatro Nudo"** - **Finge (Pretend)** di, messa in scena e regia Carlos J. Pessoa con A. Palma, B. Godinho, F. Moura, I. Melo, M. Joao Vicente, M. Mendes, N. Nolasco, N. Pinheiro

CORRIERE DELLA SERA

SPAZIO TEATRO NO'HMA
TERESA POMODORO

via Orcagna 2, tel. 02.45.48.50.85

Finge (Pretend) di e regia di C.J. Pessoa.

Ore 21. Ingresso libero.

IL GIORNO

SPAZIO TEATRO NO'HMA

Via Orcagna, 2 - 02/45485085

Rassegna Festival Internazionale - Fringe

con Ana Palma, Beatriz Godinho, Francisca Moura

ore 21.00

Ingresso libero

IL GIORNALE

SPAZIO TEATRO NO'HMA

Via Orcagna, 2

MM PIOLA

Tel. 02/45485085

Rassegna Festival Internazionale - Fringe

Con Ana Palma, Beatriz Godinho, Francisca Moura

€ Ingresso libero

ore 21.00

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale

Via Andrea Orcagna, 2 - 20151 Milano - Tel.02 45485085 / 02 25688569 - fax 02 85061952 - C.F. 97145970154 - e-mail: nohmo@nohmo.it - www.nohmo.it



Spazio Teatro NO'HMA
Teresa Pomodoro

RASSEGNA STAMPA

FINGE (PRETEND)

11 e 12 febbraio 2015 ore 21,00

11 FEBBRAIO 2015

LA REPUBBLICA

la Repubblica MERCOLEDÌ 11 FEBBRAIO 2015

IN SCENA

TEATRO

- "Finge", testo, messa in scena e regia Carlos J. Pessoa. Spazio teatro NO'HMA Teresa Pomodoro, via Andrea Orcagna, ore 21. Ingresso libero, è consigliata la prenotazione allo 0245485085. Anche domani.

- "La bambina dei fiori di carta" di Sarah Maestri, regia Andrea Chiodi. Teatro del fino, sala Capitolare, via Monluè 84, ore 21. Ingresso 18/12 euro, per informazioni 3335730340. Fino al 14 febbraio.

CORRIERE DELLA SERA

Mercoledì 11 Febbraio 2015 Corriere della Sera

Sul palco

I lisboeti Da Garagem allo Spazio No'hma

«Il Teatro Nudo di Teresa Pomodoro, un premio internazionale dove le parole dignità e accoglienza sono al centro della scena, un viaggio che in occasione dell'Expo durerà un intero anno». Per la stagione 2015 Livia Pomodoro apre il palco del suo No'hma al mondo. Dopo la Cina di «Tiong Meng Co» e il Senegal di «Opera Lamb», toccherà al Portogallo con «Finge» del Teatro Da Garagem, storica compagnia di Lisbona. Uno spettacolo poetico sull'amore diretto da Carlos J. Pessoa (sabato e domenica ore 21, via Orcagna 2, ingr libero, pren, obbl. allo 02.45485085/02.266.88.369; nohma@nohma.it). Tra le novità di quest'anno infine il «Passaporto della cultura»: gli spettatori più affezionati possono esprimere il loro parere sullo spettacolo, contribuendo così al giudizio finale della giuria composta da Eugenio Barba, Lev Dodin, Soltir Hatzakis, Enzo Messico, Jonathan Mills, Luis Pasqual e Luca Ronconi. (l.g.r.)

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale

Via Andrea Orcagna, 2 - 20131 Milano - Tel 02 45485085 / 02 96088369 - fax 02 26681952 - C.F. 07145070154 - e-mail: nohma@nohma.it - www.nohma.it



Spazio Teatro NO'HMA
Teresa Pomodoro

www.mentelocale.it



Spazio Teatro Noh'ma Teresa Pomodoro

Via Andrea Orcagna, 2 - 20131 - Milano

Telefono: 02 45485085

Un luogo aperto alla cultura dell'umano, solidale ed etico, che utilizza totalmente risorse e sponsorizzazioni per fare dono al pubblico di ingressi liberi e gratuiti in ogni e per ogni evento nella convinzione di svolgere un'azione sociale nel nome della cultura e di condividere la speranza di un futuro migliore. NO'HMA: identità di Pensiero e di Vita, concretissima presenza culturale, necessità sociale in cui ogni volta si rivela l'immanenza del pensiero e la presenza "numinosa" dell'Anima.

Contatti: nohma@nohma.it - www.nohma.it



Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale

Via Andrea Orcagna, 2 - 20131 Milano - Tel. 02 45485085 / 02 26688569 - Fax 02 26681952 - C.F. 07145970154 - e-mail: nohma@nohma.it - www.nohma.it



WWW.GDAPRESS.IT

Continua la stagione internazionale dello Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro, con compagnie soprattutto straniere che si succederanno per 12 mesi in occasione dell'anno dell'Expo, tutte concorrenti del Premio *Il Teatro Nudo* di Teresa Pomodoro.

Dopo la Cina di *TONG MENG G* (dicembre), e il Senegal di *Opera LAMB* (gennaio), mercoledì 11 e giovedì 12 febbraio è la volta del Portogallo con lo straordinario lavoro del Teatro Da Garagem, storica compagnia della scena lusitana attiva a Lisbona da oltre 25 anni.

Carlos J. Pessoa scrive e dirige *FINGE* per un cast affiatato di otto attrici ed attori, che si muovono sul doppio binario della fantasia e del ricordo svolgendo davanti agli occhi dello spettatore le dure ma umanissime vicende dell'amore, stretto dalle circostanze di un'esistenza quotidiana ai limiti dell'emarginazione sociale.

Uno spettacolo crudo, ma dalla grande forza poetica, che dimostra come il teatro sia ancora e sempre capace di capovolgere le prospettive più oscure attraverso la potenza della parola e della sua inviolabile semplicità.

Nel lungo viaggio che lo condurrà in giro per il mondo (dalla Russia ad Israele, dall'Albania al Giappone) in questa stagione internazionale di NO'HMA, il pubblico è fornito di uno speciale 'Passaporto per la cultura' da timbrare all'ingresso e all'uscita di ogni spettacolo, contenente una scheda con i titoli in concorso: ogni spettatore potrà così esprimere il proprio giudizio riguardo al singolo spettacolo contribuendo, insieme alla prestigiosa giuria di esperti internazionali, a stabilire il vincitore di questa 6ª edizione del *Il Teatro Nudo* di Teresa Pomodoro.

Ingresso gratuito fino ad esaurimento posti
Si consiglia la prenotazione tramite telefono o mail
0245485085/0226688369 – nohma@nohma.it
Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro
Via Andrea Orcagna 2, Milano
www.nohma.it

QUOTIDIANO DI CULTURA

11 Spazio Teatro NO'HMA TERESA POMODORO FINGE
« Catalogo Teatro »

f t s+ <



Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro
11-12 febbraio
ore 21.00
Teatro Da Garagem
FINGE

(PRETITO)

Testo, messa in scena e regia Carlos J. Pessoa

con Ana Paula, Beatriz Galvão, Francisca Moura, Sò Pêlo, Maria João Vicente, Miguel Mendes, Nuno Indraz, Nuno Pinheiro

Spazio Teatro NO'HMA Teresa Pomodoro - Associazione Culturale

Via Andrea Orcagna, 2 - 20131 Milano - Tel. 02 45485085 / 02 26688369 - fax 02 26681952 - C.F. 07145970154 - e-mail nohma@nohma.it - www.nohma.it

CORRIERE DELLA SERA (Milão, Itália)

“I lisboeti Teatro Da Garagem allo Spazio No’hma”

11-02-2015

http://archiviostorico.corriere.it/2015/febbraio/11/lisboeti_Teatro_Garagem_allo_Spazio_co_0_20150211_707cf914-b1b8-11e4-9bf7-b5be3ac89270.shtml

IL TACCO DI BACCO (Milão, Itália)

<http://iltaccodibacco.it/lombardia/eventi/125929.html>

BE ECLETIC, Inês Tomé

“FINGE @TEATRO TABORDA | CAFÉ DA GARAGEM”

9-03-2015

<http://b-eclectic.blogspot.pt/2015/03/finge-teatro-taborda-cafe-da-garagem.html>

GUIA DO LAZER – TEATRO E DANÇA, Público

http://lazer.publico.pt/peçasdeteatro/316319_finge

GUIA DA CIDADE

<http://www.guiadacidade.pt/pt/art/finge-283240-11>

GET VAMOS

20-02-2015

<http://www.getvamos.com/events/finge-de-carlos-j-pessoa/8788531>

IX - Registo Fotográfico: *Ballad of Sexual Dependency* de Nan Goldin



Nan and Brian in Bed